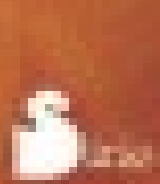
ENRIQUE BARRIOS

Ami

regresa



A Volta de Ami

"Graças te dou a ti, Pai,
Senhor do céu e da terra,
porque escondeste estas coisas
aos sábios e entendidos,
e as revelaste aos pequeninos."
(Mateus 11,25)
"Existe um antigo mistério no Universo:
Por que existe a vida?
Para que a Criação?
Os intelectos se afanam, procuram
e não encontram,
inventam teorias,
mas o antigo mistério
somente ao amor se revela
à consciência iluminada pelo amor.
Privilégio dos simples e ingênuos,
como crianças."
Recordando Ami

Meu nome é Pedrinho X. O xis significa mistério. Não posso revelar meu sobrenome, logo vocês vão saber por quê...

Sou um menino ainda. Apesar disso, já escrevi um livro que ficou muito famoso e cujo título é "Ami, o Menino das Estrelas". Na verdade, eu o ditei para o meu primo que gosta muito de literatura. Ele é bancário, chama-se Victor e, nos dias de folga, vinha até minha casa com sua máquina portátil a fim de que o escrevêssemos.

Na opinião de Victor, a minha história é muito fantástica. Diz que só aceitou escrevê-la para ir

"treinando", porque está pensando em editar um "livro de verdade", algo sério, relacionado com "a tortura da frustação mental"... Uma bobagem dessas bem chatas.

Por causa do êxito de "Ami", um livro que fala de estrelas, "ovnis" e amor, Victor quer ambientar sua novela no espaço.

Está sempre querendo saber como é que eu imagino os outros mundos e os extraterrestres.

Respondo contando o que vi, eu imagino. Ele pensa que a minha história não é real, que inventei tudo. Diz que tenho muita facilidade para imaginar coisas, mas eu afirmo com toda a convicção: não há nada de fantástico no livro que eu escrevi.

Ami existe: é um amigo meu, um visitante de outro mundo. Apareceu numa praia solitátia, ao anoitecer, quando o verão já estava terminando. Podia adivinhar meus pensamentos, planar como uma gaivota e também hipnotizar os adultos. Não parecia ter mais que uns oito anos; já dirigia um "ovni" e sabia construir aparelhos muito mais complicados que uma televisão. Dizia ser uma espécie de mensageiro ou professor.

Talvez ele fosse um adulto, mas com a aparência e o coração de uma criança.

Levou-me, em apenas poucos minutos, para conhecer vários países da Terra. Depois fomos até a Lua.

Não gostei: árida demais. Parecia um queijo seco visto com uma lupa e, apesar de haver o sol, o céu permanecia sempre escuro. Ami alegrava-se com tudo, nada o desagradava, exceto comer carne. Sentia pena dos animaizinhos.

Depois, ele me levou até um mundo maravilhoso que se chamava Ofir, ou melhor, chama-se Ofir, porque existe, é real. Está perto de uma estrela vermelha, um sol quatrocentas vezes maior do que o nosso.

Ali não se conhece dinheiro. Todo mundo pega o que precisa e contribui na medida de sua consciência e boa vontade. Como não existem pessoas desonestas, não há polícia, cadeados, correntes, muros, cercas, grades ou fechaduras. Não estão dividido por países, Ofir é uma só nação e, como todos são irmãos, não existem exércitos nem guerras. Também não estão divididos por religiões, consideram que Deus é amor. Isso é tudo. Vivem procurando

fazer o bem e tentam superar-se a cada dia. Divertem-se, também, de uma forma sadia e, ali, tudo é livre, nada é obrigatório.

Ami disse que, na Terra, poderíamos viver assim. Para isso seria necessário que todos tomassem conhecimento do que ele veio revelar: que o amor é a Lei Fundamental do universo. Se todos tivessem essa certeza nos seus corações, o resto se realizaria mais facilmente. Disse também que, se assim não procedermos, nos autodestruiremos, porque a fórmula ideal para que um mundo se destrua é a soma de dois elementos: um alto nível científico e pouco amor.

Para Ami, os mundo civilizados são os que obedecem aos três requisitos básicos: 1) O amor é a Lei Fundamental do universo.

2) As fronteiras e as barreiras devem ser abolidas para que uma só nação sobreviva.

3) O amor deve ser o fundamento de toda organização mundial.

Ami utilizou o exemplo de uma família para explicar-me este último ponto. As famílias compartilham tudo com carinho, porque o amor as une. Disse que todos os mundos civilizados vivem dessa forma.

Também me ensinou que existe uma Lei Universal que impede as pessoas dos mundos superiores de interferirem em massa, na evolução dos mundos incivilizados. Podem apenas sugerir sutilmente e de acordo com um misterioso "plano de ajuda".

Ele me pediu que escrevesse um livro, relatando tudo o que vivi e conheci junto dele. Disse que o escrevesse como se fosse ficção e não realidade. A propósito, repito agora: nunca conheci nenhum extraterrestre, nunca viajei até um mundo superior. Toda esta história também é um produto da minha imaginação...

Se as pessoas acham que o que Ami disse é uma realidade, só porque coincide com as mensagens telepáticas que elas recebem, é mera casualidade.

Assinado: Pedrinho X

O último lugar que visitamos foi um mundo cor-de-rosa. Era eu mesmo que estava ali, mas já adulto, muito mais evoluído. Havia uma jovem que me esperava, fazia muito tempo. Seu rosto era azul-celeste bem claro e tinha traços de japonesa. Senti que nos amávamos. De repente... tudo desapareceu. Ami disse que isso aconteceria num futuro distante, depois de muitas vidas. Só compreendi este assunto complicado depois de muito tempo...

Vivo sozinho com minha avó. Sempre passamos as férias de verão na praia. No ano passado, não pudemos ir por falta de dinheiro. Eu fiquei muito triste, porque Ami disse que voltaria se eu escrevesse o livro e tive que faltar a este encontro.

Quis contar minha aventura para todo mundo. Mas Ami e Victor aconselharam-me a não fazer isso. Eles disseram que as pessoas podiam pensar que eu estava louco. Não obedeci. Assim que começaram as aulas, comecei a contar minha maravilhosa história para um colega que era meu amigo. Ainda nem tinha chegado na parte da viagem no "ovni" e ele começou a rir. Tive que dizer que era uma brincadeira, que eu estava

"gozando a cara dele" para que pudesse parecer de novo um menino normal.

Por este motivo, não posso revelar a minha verdadeira identidade.

Capítulo 1

A Dúvida

Enquanto ajudava meu primo em seu livro, ele quis escrever uma bobagem sobre uma grande civilização de pulgas inteligentes que vinham de uma longínqua galáxia e que dominavam telepaticamente todos os habitantes desse mundo, para depois obriga-los a trabalharem, extraindo urânio para elas... Tive a coragem de dizer a ele que aquilo era vulgar e absurdo. Então, ele se aborreceu. Perguntou-me se, por acaso, eu nunca tinha pensado na possibilidade de

que minha aventura com Ami tivesse sido apenas um sonho. No começo, não lhe dei atenção, mas ele insistiu e pediu-me uma prova. Contei sobre as "nozes extraterrestres" que a vovó tinha comido. Fomos perguntar-lhe.

-Vovó, Victor é um bobo, pensa que eu sonhei com Ami. Fala pra ele... não é verdade que você comeu umas "nozes extraterrestres"?

-Nozes o quê, filhinho?

-Extraterrestres, vovó.

-Quando, Pedrinho? -perguntou com a boca aberta, mostrando surpresa.

Victor sorria triunfante, zombando de mim.

-No último verão fomos à praia, lembra? Conte para Victor.

-Vocês sabem que minha memória anda fraca, filhinhos. Nesta manhã mesmo, esqueci a carteira no armazém. Só percebi que não estava com ela quando o leiteiro veio cobrar. Procurei pela casa toda e...

-Mas... você se lembra das "nozes extraterrestres" que experimentou, não foi? Você disse que tinha gostado muito...

-Então, pedi ao leiteiro que me acompanhasse de novo até o açougue... não, acho que foi o armazém. aí, sim!... Ainda bem que "Seu" Saturnino é tão honesto e guardou-a para mim.

Fiz mil tentativas. A vovó simplesmente não se lembrava de nada... nada!

-Está vendo? -disse Victor, com cara de satisfação-. Você não tem provas. Aceite que tudo foi um sonho.

Lindo, devo reconhecer, de outra maneira não o teria escrito, mas pura imaginação.

Procurei uma prova. Lamentavelmente, além das "nozes", Ami não tinha deixado nenhuma lembrança material, nada palpável.

Continuei pensando até que minha mente se iluminou e eu lembrei de algo mais.

-Já sei!

-Já sabe o quê?

-Quando Ami foi embora, todas as pessoas do balneário viram o "ovni"!

Com isso eu o derrotava... Assim mesmo, ele não se impressionou.

-Já sei que houve um "avistamento" naquele dia, mas eu tenho certeza de que foi nesse momento que você inventou a história, não é verdade?

-Não inventei nada. Houve testemunhas...

-Testemunhas de mais um dos vinte mil casos de luzes no céu. Ninguém sabe exatamente o que são: plasma, refrações atmosféricas, satélites, aviões. Enfim, luzes no céu. Daí a se dizer que são naves extraterrestres... existe muita imaginação entre uma coisa e outra. Agora, inventar que você se comunicou com um ser de outro planeta... vamos! E... ainda por cima, dizer que viajou até outro mundo...isso é ir longe demais! Você pode chegar a ser um ótimo escritor de ficção científica, mas não confunda imaginação com realidade. Existem manicômios...

-Mas é verdade. É verdade!

-Provas! -exigiu meu primo-. Pode ser que você tenha sonhado com tudo isso e confundido sonho com realidade...

Ele não quis reconhecer. Disse que estava cansado, que outro dia continuaríamos a conversa mas, nessa noite, duvidei; pensei que tudo não tivesse passado de um sonho. Parecia-me impossível, mas que provas eu tinha, afinal de contas?

Nessa noite, fiquei angustiado e procurei no livro "Ami" alguma coisa que me servisse de pista.

Li o livro. Acho que foi a primeira vez que o fiz com tanta atenção, do princípio ao fim. Foi somente, no final, que encontrei o que seria uma prova irrefutável: o coração alado gravado na pedra. Claro! Era isso!

Ami usava uma roupa branca. No centro do peito, havia um símbolo: um coração dourado, com asas, rodeado por um

círculo. Mais tarde, explicou-me que significava a humanidade unida em amor. Depois de sua partida, esse desenho ficou gravado no alto da pedra onde eu conheci o menino espacial. Pude vê-lo muitas vezes ainda... ou também fazia parte de um sonho?

Senti-me inseguro, porque me lembrei de uma tia que afirmava ter sonhos muito demorados, cheios de pequenos detalhes, inclusive com "enredo". Dizia que eles continuavam na noite seguinte, partindo exatamente do ponto onde tinham ficado antes de acordar, como nos capítulos de uma novela.

Meu encontro com Ami seria algo assim?

Achei que a única coisa capaz de me dar uma prova definitiva era o coração gravado na pedra. Se estivesse ali, Ami e o resto também seriam uma realidade. Se não existisse, tudo tiria sido um maravilhoso sonho.

Quando vi meu primo novamente, a primeira coisa que eu disse foi:

-Existe uma prova.

-De quê?

-De que meu encontro com Ami foi real.

-Qual é? -perguntou sem prestar muita atenção.

-O coração gravado na pedra da praia.

-Histórias! Esqueça tudo isso. Vamos continuar escrevendo o meu livro. Estive pensando que, em vez de pulgas inteligentes, seria melhor uma raça de escorpiões telepá...

-Mas antes, vamos para a praia. Você acabou de comprar um carro e...

-O quê?! Você está louco? A praia fica a mais de cem quilômetros daqui e eu sou um homem muito ocupado. Não me interessam as fantasias de um menino sonhador.

-Mas elas lhe interessam quando quer escrever, não é?! ...

-Isso é bem diferente! Não gosto de atrevimentos! Escrevo para praticar, mas não confundo as coisas. É

ficção, imaginação.

-É realidade! -protestei com desagrado.

Dirigiu-me um olhar de reprovação e, depois, disse:

-Estou começando a preocupar-me seriamente com sua saúde mental, Pedrinho.

Seu tom paternal me fez vacilar. Realmente, senti medo de estar louco. Por isso, quis tirar a dúvida, de uma vez por todas.

-Então, vamos fazer uma coisa, Victor. Vamos até a praia e, se o coração não existe, compreenderei que tudo foi um sonho e não voltarei a confundir as coisas. Mas, se ele estiver lá...

-De novo com essa história!... Está bem. No próximo verão iremos.

-No próximo verão? Mas ainda faltam seis meses!

-Paciência. No verão, vamos comprovar que você está confundindo as coisas. Continuemos com meu livro. Veja: alguns escorpiões telepáticos...

Senti-me diante de um sério obstáculo. Reagi com violência.

-Então, eu vou sozinho! Vou fugir, desapareço de casa. De qualquer geito, chego à praia. Além disso, não me interessam seus escorpiões telepáticos. Tudo isso é ridículo. Não vou ajuda-lo nunca mais!

-Acho melhor eu ir embora -disse Victor, compreendendo a minha raiva-. A manhã já passou.

Saiu de casa desejando-me "uma boa noite".

-Não volte nunca mais! -gritei. Depois me tranquei no quarto. Deitado na cama, estive a ponto de chorar... bem... chorei. Mas só um pouquinho, "porque os homens não devem chorar"...

Nessa noite, decidi fazer algo mais que lamentar e sentir pena de mim mesmo. Na escuridão, fechei os olhos. Durante mais de uma hora, imaginei que estava na praia.

No dia seguinte, à tarde, Victor apareceu assoviando.

-Vamos trabalhar, companheiro! -disse ele, como se nada tivesse acontecido. Eu estava frio e distante.

-Sinto muito, mas tenho um monte de tarefas para fazer - fingi que estudava num livro de geografia.

-Mas é só uma horinha... estive pensando numa luta entre duas raças de extraterrestres: os escorpiões telepáticos contra esses "bonzinhos" que você imaginou, os de Ofir...

Aquilo fez meu sangue ferver, mas disfarcei.

-Impossível. Desculpe-me. Até logo.

-Hummmmm. Tenho a leve impressão de que você ainda está zangado pelo que aconteceu ontem.

-"As estepes são grandes extensões de terra plana, sem cultivar..." Desculpe, onde existem estepes?

-Não sei. Hummm. Está bem. Estive pensando que seria ótimo para mim um descanso na praia...

-Ah é? -A esperança me fez levantar a vista pela primeira vez.

-Poderíamos ir na sexta-feira, à tarde. Levamos a barraca e tudo o mais. Assim, poderemos comprovar que não existe nenhum coração nessa pedra. Mas, se você está tão zangado comigo...

-Zangado com você? Claro que não! -exclamei feliz-. Mas, o que aconteceu para que você mudasse de idéia?

-Mudar de idéia? Não. Só que ontem à noite, durante uma hora, não consegui dormir pensando em leva-lo para a praia. Somente quando me decidi, foi que pude dormir. Acho que estou precisando de descanso.

Além disso, não quero que você se zangue e meu livro... digo, seus livros, fiquem sem minha ajuda...

Bom, não sei o que acontece. O fato é que, na sexta-feira à tarde, arrumamos a bagagem, entramos no carro de Victor e, em duas horas, estávamos na praia.

Respirei o ar marinho como se fosse um bálsamo de vida. Tudo me trazia lembranças de minha viagem espacial e de Ami.

Ao sair do carro, olhei para o lado das pedras. Quase me pareceu ver ali o "ovni" do menino das estrelas, suspenso no ar, sobre a praia...

Capítulo 2

Nas Pedras

Antes de ir até a pedra, Victor quis armar a barraca, porque já era tarde. Eu o convenci de que deveríamos ir naquele momento.

-Bem -disse ele- já que estamos aqui e apesar de estar escurecendo...

-Há uma claridade maravilhosa. Vamos.

Deixamos o carro no caminho que leva até as pedras e caminhamos em direção ao mar.

Anoiteceu. As nuvens deixaram aparecer uma lua imensa que iluminava o lugar. Lembrei-me da lua cheia "daquela noite", com os mesmos reflexos nas águas, o balneário salpicado de pontos luninosos do outro lado da baía, as pedras. Tudo estava do mesmo jeito.

A emoção acelerou o meu coração e as minhas pernas. Meu primo vinha atrás, caminhando com grande dificuldade.

-Está escuro demais, escorregadio...

-É uma questão de caminhar com segurança, homem!

-Que bobagem! Seria melhor voltar amanhã, durante o dia.

-Isso seria uma loucura! Já estamos chegando.

Escutei um barulho atrás de mim. Meu primo estava com problemas.

-Pedrooo!

-Que foi?

-Caí na água. Venha, ajude-me!

-Ande nas pedras, não na água -disse eu, oproximando-me para ajudá-lo.

-Não consigo ver a diferença. Está tudo preto por aqui. Dê-me a mão.

-Se você teima em não querer ver, tudo estará sempre escuro para você...

-Veja como estou. A perna molhada, o sapato... isso é uma loucura. Não vou continuar. Amanhã a gente volta.

Pareceu-me absurdo ter que esperar até o dia seguinte, estando apenas a alguns metros da pedra.

-Já estamos chegando. São alguns passos a mais.

-Pode ser, mas está escorregadio, perigoso. As pedras estão cobertas de musgo úmido. A maré está subindo. É muito fácil quebrar a coluna. Voltemos para a praia. Armamos a barraca e dormimos. Amanhã a gente volta.

-Cuidado, Victor, a onda! Pule para essa pedra mais alta!

-Que onda? Que pe...? Glub!

Desta vez ele se molhou até o pescoço.

Meu primo era um velho, apesar de não ter mais de trinta anos.

Armamos a barraca na areia. Victor trocou de roupa, enquanto eu preparava, resmungando, uma estúpida fogueira.

-Isto de se meter com crianças... -Ele protestava.

-Isto de se meter com velhos... -Eu protestava.

-Bem -disse eu, impaciente- você já está seco. Agora você se deita enquanto eu vou e volto...

Eu via a situação com muita naturalidade. E era assim. Mas os adultos têm a estranha virtude de complicar tudo, de fazer com que as coisas mais símples sejam difíceis e complicadas.

-Isso nunca! Você fica aqui comigo. Nessas pedras escuras, pode acontecer qualquer coisa com você.

Estou com sono. Vamos. Deite-se.

-Mas...

-Deite-se!

Decidi que era melhor obedecer e me deitar. Mas assim que ele dormisse...

-Está bem. Vamos dormir. É muito divertido dormir...

Esperei na escuridão como serpente pronta para o bote. Infinitas horas mais tarde, sua respiração me indicou que adormecera.

Comecei a deslizar para fora do saco de dormir, o mais silenciosamente possível. Consegui sair. Quando estava para

colocar a cabeça para fora, uma mão segurou-me pela gola da camisa.

-Onde você pensa que vai? -perguntou Victor.

-É que... lá fora, no banheiro. Você entende...

A desculpa perfeita! Veio por inspiração. Não se pode impedir ninguém de ir ao banheiro.

-Está bem, mas volte imediatamente.

-Não se preocupe. Já volto. -Isso era o que ele pensava...

Assim que me pus do lado de fora da barraca, corri feito um raio até a "minha" pedra. Uma estranha força parecia apoderar-se de mim. Eu corria dando saltos, de pedra em pedra como uma lebre. Em poucos segundos, cheguei no meu destino final. Parei com emoção e acariciei a pedra. Quanto tempo havia demorado para chegar até lá! Agora era só escalar e ver o coração alado... e se não estivesse lá?

Tudo escureceu quando pensei nisso. Perdi a estranha força.

Comecei a subir com dificuldade, cheio de dúvidas e temores como um adulto. Escorreguei aqui e ali mas, até que enfim, cheguei no alto.

Caminhei com emoção pela superfície plana. Devido à distância e à escuridão, não podia ver bem o local onde deveria estar o desenho.

Aproximei-me lentamente, como que saboreando o momento, numa mistura de angústia e alegria.

Cheguei no lugar. Procurei o símbolo por todas as partes, mas não estava. Não estava! Não existia!

-Nunca existiu -disse eu, desconsolado-. Foi tudo imaginação, um sonho...

-Mas eu não sou um sonho -disse uma voz nas minhas costas.

Girei muito lentamente, temendo que tudo não passasse de uma ilusão. Olhei e vi a branca figura de meu pequeno e querido amigo. Ali estava, sorrindo como sempre.

-Ami!

Capítulo 3

O encontro

Ao abraçá-lo, não pude conter as lágrimas. Tudo tinha sido realidade, tudo!

-Você está mais alto, Pedrimho.

-Você é que está mais baixinho. Encolheu!... -Rimos como tantas vezes tínhamos feito antes.

De repente, lembrei-me de que Victor estava me esperando na barraca.

-Antes era sua avó, agora é seu primo. Você não pode viver sem se pré-ocupar? -Ami sempre adivinhava meus pensamentos.

-Tem razão, mas é que...

-É que, nada. Coloquei-o para dormir profundamente na barraca. A noite é nossa.

-De verdade?

-Claro. Você quer ver pela tela? -perguntou Ami, pegando aquele aparelho que usava no cinto- uma pequena televisão.

-Não é necessário, acredito em você.

-Veja só! Isso já é um avanço!

-O quê?

-Que você já seja capaz de acreditar em algo.

-Não o entendo, Ami.

-O motivo de sua viagem não foi a dúvida?

Pensei um pouco, antes de responder. Ami tinha razão: tinha colocado em dúvida a sua existência. Isso fez com que eu quisesse comprovar...

-É verdade, mas valeu a pena. Agora, tenho a certeza de que você existe.

-E quando eu for embora? Não vai pensar que tudo foi um sonho?

-De jeito nenhum. Você é real. -Toquei no ombro dele.

-E antes? Não era real também? Apesar disso, você duvidou...

-De novo tem razão. Por que a gente duvida, às vezes, Ami?

-Porque a mente funciona em vários níveis, desconectados uns dos outros. Em algumas ocasiões, um homem pode ser violento e cruel; noutra, carinhoso e pacífico. Se você está num nível alto, pode chegar a viver coisas maravilhosas, como encontrar-se comigo, compreender grandes verdades ou tansformar seus desejos em realidade... Se você está num nível baixo, não pode ligar-se aos níveis superiores. Embora os tenha conhecido antes, você vai duvidar.

-Não voltará a acontecer, Ami. Mas... por que você não veio no verão passado? Já tinha escrito o livro e...

-Você pensou que eu viria imediatamente? -riu-. Não lhe dei uma data exata. Você tem que começar a desenvolver a paciência, a ciência de manter a paz interior. Quem é impaciente não está em harmonia com o universo. Tudo tem sua hora, seu tempo. Com suas dúvidas, você viola uma série de requisitos necessários para estabelecer um contato, mas você é um caso especial... apesar de, às vezes, duvidar da minha experiência.

-Sinto muito, Ami. Repito: isso não vai acontecer novamente.

Ami respirou o ar noturno e olhou as luzes do balneário situado do outro lado da baía.

-Mas tudo está perfeitamente bem no universo. Venha. Vamos dar uma volta pela galáxia.

-Fantástico! Onde está sua nave? Debaixo d'agua?

-Não. Aqui em cima -apontou para o céu. Olhei, mas só vi estrelas.

-Não vejo nada...

-Está invisível. Vamos. Quero apresentá-lo a uma pessoa.

-Você não está sozinho dessa vez?

-Não -respondeu, pegando um dos aparelhos do seu cinto.

No começo não gostei da idéia de partilhar a viagem com uma pessoa desconhecida. Sentia-me mais à vontade a sós com ele.

-Como vamos subir na sua nave?

Naquele momento, uma luz amarela muito forte nos iluminou e senti que me levantavam no ar. Desta vez, não me assustei muito. Já tinha experimentado isso antes.

O "ovni" pairava sobre nós, com uma abertura luminosa por baixo. Em segundos, estávamos de pé dentro da nave, na pequena salinha de recepção que eu já conhecia.

Não pude evitar a emoção.

-Ei, que aconteceu? -perguntou rindo-. Você parece uma velha chorona!

-Não sei. É que estar aqui de novo (snif), é algo tão irreal! Mas, não é fantasia, é realidade! Obrigado (snif), Ami.

-Deixe de bobagens. Se não fosse pelas suas dúvidas, isso seria perfeitamente normal, como sempre foi.

Vamos. Alguém nos espera na sala de comandos. Venha por aqui.

Segui-o sem muito entusiasmo. Imaginei que um senhor de cara verde nos esperava. Em Ofir, havia visto todo tipo de estranhos seres.

Quando entramos, vi uma criança estranha, com uma aparência mais ou menos humana. Uma menina magra, de pele clara, olhos de cor violeta e cabelos cor-de-rosa compridos, enfeitados com uma rídicula borboleta feita de pano amarelo. Usava uma blusa azul muito folgada. Olhou-me fixa e seriamente, como se eu fosse um bicho raro. Pareceu-me antipática e definitivamente feia.

Ami conversou com ela em um idioma estranho, mas mencionou meu nome.

-Quero apresentá-lo a Vinka -disse-me depois-. Vamos, cumprimentem-se -animava-nos sorrindo, falando nos dois idiomas.

Olhamo-nos sem grande alegria e sem amabilidade. Ela me deu uma mão comprida e magra. Senti uma espécie de repulsa que quase me impediu de tocá-la. Somente por boa educação e só depois de contar-lhe os dedos

disfaçadamente (eram cinco), apertei-a. Tinha um calor e uma suavidade agradáveis...

Disse muito prazer e me aproximei para lhe dar um beijo no rosto, como é costume entre meninos e meninas de minha cidade. Ela cochichou alguma coisa indecifrável e retirou o rosto, surpresa.

Ami dava muita risada! Explicou-lhe em seu idioma, que, para mim, era normal cumprimentar assim.

-No mundo dela isso não se faz... é uma questão de costumes -disse-me rindo.

Lembrei-me de que em Ofir o beijo era muito comum, por isso deduzi:

-Então, o planeta dela não é civilizado.

-Isso mesmo. Ela é proveniente de um mundo tão incivilizado como a Terra. Bom, é melhor que possam conversar entre vocês. Tome. Coloque isso no seu ouvido. É um tradutor. -Ami tinha em sua mão um pequeno objeto parecido a um fone de ouvido, mas sem fio. também entregou um para a criatura de olhos violeta.

-Agora -disse Ami, falando em outro idioma, mas pelo fone eu escutava a tradução-, conversem entre vocês.

-Alô -disse a humanóide.

Apesar de seus lábios emitirem sons estranhos, eu podia compreender, atravéz do fone.

-Alô -respondi.

-Como se chama seu planeta? -perguntou-me.

-Terra. E o seu?

-Kia -respondeu.

Depois de conversar com ela, sua presença tornou-se mais agradável.

-Quantos anos você tem, Vinka? -perguntei.

-Duzentos e quarenta e cinco anos -respondeu. Fiquei perplexo: ela não parecia ser tão terrivelmente velha...

-Esperem, esperem -intercedeu Ami, divertindo-se com o diálogo-. Enquanto o planeta Kia dá mais de vinte voltas ao

redor de seu sol, a Terra dá só uma. Os dois têm mais ou menos a mesma idade.

Observei Vinka muito atentamente. Tinha orelhas pontiagudas muito bonitas que combinavam bem com os seus cabelos, fininhos como os dos pintinhos recém-nascidos.

-Então, em seu mundo, não se pode beijar no rosto...

-Somente os namorados, noivos ou casados se beijam -explicou-. Vocês parecem ser muito modernos, na Terra.

-Não tanto quanto em Ofir.

-O que é Ofir?

-Um mundo civilizado. Ei, Ami, você não levou Vinka para passear pelo universo?

-Sim, mas não a Ofir. Preparem-se. Agora veremos um espetáculo muito interessante: a dança da galáxia.

Pedimos que nos explicasse melhor.

-Bem, vocês sabem que as estrelas se movem...

Quis impressionar Vinka com meus conhecimentos de astronomia:

-Os planetas se movem, mas as estrelas estão fixas -disse eu. Ami riu e explicou:

-Parecem estar fixas; no entanto, movem-se em grande velocidade ao redor da galáxia. Agora, vamos observar como se estivéssemos fora da dimensão espaço-tempo que conhecemos. Dali veremos a Via-láctea.

Será como assistir a um filme em câmera rápida. Vocês compreendem?

Nós dois dissemos que sim, apesar de não demonstrarmos muita certeza.

-Cada estrela emite uma vibração ao mover-se. Nós a escutamos em forma de som. Ao mesmo tempo, captaremos o som de cada objeto celeste da galáxia. Vamos.

Convidou-nos a sentar, enquanto se dirijia aos controles.

Na tela central, apareceu o balneário. Vi a barraca e o carro de Victor. Sobre a pedra, destacava-se, com muita nitidez, o coração alado...

-Ali está o símbolo! Quando eu o procurei não consegui encontrá-lo...

-Foi uma brincadeira, Pedrinho. Sempre esteve ali, mas eu o hipnotizei para que você não o visse.

-Mas, como foi que você me hipnotizou? Não escutei nenhuma ordem sua.

-Foi uma ordem telepática.

-Hipnose à distância! -exclamou Vinka, admirada.

-Isso deve ser fabuloso -disse eu, pensando em todas as possibilidades que poderia ter, se pudesse fazer algo semelhante: por exemplo, ordenar a um vendedor de brinquedos que me desse de presente tudo o que eu quisesse; convencer o meu professor de que minha prova estava perfeita, mesmo que tivesse uma folha em branco, na frente de seu nariz. Poderia...

-Quem fosse capaz de tal poder -disse Ami- poderia cometer todo tipo de enganos. Por isso, essas altas capacidades estão fora do alcance de quem as utilize para o mal. A Lei Universal rege esses assuntos.

Sentia-me com autorização para obter esse poder.

-Conheço essa Lei. É o amor...

-E você pensa que é suficiente conhecê-la?

-De que mais eu preciso, Ami?

-Praticá-la.

-Você tem razão. Por isso sempre a pratico. -Acreditava sinceramente no que dizia, mas as palavras de Ami foram como um balde de água fria:

-Você acha que deixar alguém na ruína só para satisfazer seus caprichos é amor? Considera que obrigar uma pessoa a agir contra a sua vontade é amor? Pensa que enganar e trapacear é amor?

Ami captava alguns pensamentos meus que passaram tão rapidamente que nem eu mesmo os tinha percebido. As suas duras palavras fizeram-me cair, desabando sobre o encosto da poltrona. Foi como se me tivesse partido em dois. Senti vergonha. Não consegui falar. Estava completamente

sem energia. E, além de tudo, Vinka tinha sido testemunha de minha desonestidade mental e da reprovação de Ami.

Com um tom carinhoso, Ami procurou consolar-me.

-Não se preocupe, Pedrinho. Coloquei-a em um estado de transe. Não escutou nada.

Isso me tranqüilizou um pouco, mas ainda não era capaz de mover-me ou de falar. Sempre pensei que tivesse sido um menino exemplar. Acabara de comprovar que, na minha imaginação, podia tramar coisas não muito honestas. Ami conseguiu fazer com que eu percebesse isso e minha opinião sobre mim mesmo ficou muito abalada: eu era bastante desonesto.

Pouco a pouco, comecei a sentir uma grande raiva de Ami. Não quis sufocar este rancor, porque foi justamente ele que me deu forças para recuperar.

-Este é o lado mais difícil do meu trabalho. As pessoas não gostam de que lhe sejam mostrados defeitos que acreditam não ter. Mas se ninguém o faz, jamais vão saber que os tinham e nunca poderão resolvê-los.

Ninguém tenta superar um defeito que acha que não tem. É preciso, entretanto, dizer as coisas com jeito e pouco a pouco.

Sentia que cada palavra de Ami era um ataque, uma acusação, uma calúnia. Minha raiva aumentava cada vez mais. Quem era ele para sentenciar-me? Não podia me julgar de forma tão feroz por causa de uma brincadeira da imaginação. Pensei que eu fosse capaz de usar o poder de hipnotizar à distância para fins negativos, porque nunca tinha sido um menino mau.

-Seu ego já se recuperou? -perguntou Ami, rindo normalmente, mas seu riso me pareceu sádico e cruel.

-Você vai continuar a me ofender? -meu tom era desafiador-. Quero voltar para casa, para a barraca. Já me cansei de tudo isso.

Levantei-me. Tinha recuperado minha auto-estima. Só Ami é que era injusto e caluniador...

Olhei-o zombeteiro e lhe disse:

-Você, o menino maravilha, o extraterrestre... falando de amor, tagarelando sobre o amor e, na hora da verdade, só sabe apontar os pequenos erros das pessoas. Você não tem nada de amor. "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço". Não pode vir nada de bom de um ser desonesto como você. Por isso vou embora. Vou embora!

Ami escutava com tranqüilidade as minhas agressões verbais. Pareceu-me perceber certeza em seu olhar.

-Sei que isso dói, Pedrinho, mas é pelo seu próprio bem. Desculpe-me.

-Nada de desculpas. Vou embora.

Vinka acordou.

-Você não pode ir embora tão rápido, Pedrinho. Gostaria de conversar um pouco mais com você. Saber mais de você, de seu mundo...

Suas palavras me surpreenderam. Voltei à realidade. Suspirei.

-Bem, eu também não queria ir embora, Vinka, mas é que...

-É que o quê, pedrinho? -perguntou, olhando-me do fundo de seus olhos luminosos de cor violeta... era muito linda, mas só agora eu percebia...

-Por que você quer ir embora, Pedrinho?

-Eu? Para onde?

-Você disse que queria ir embora. Por quê?

Então eu me lembrei do "caluniador".

-É que Ami está estranho. Ofendeu-me.

-Parece que eu dormi um pouco. Não escutei nada. É verdade que você ofendeu Pedrinho, Ami?

-Dizer a verdade é ofender? -ele perguntou-. Somente quis lhe mostrar que uma idéia sua era falsa. Isso feriu o ego dele, mas já vai passar.

Pareceu-me perceber um olhar de carinho em Vinka, quando me disse:

-Não vá embora, Pedrinho. Penso que temos muito para conversar...

Senti o mesmo. Desejava saber tudo a respeito dela.

Ami começou com outra de suas brincadeiras.

-Chega de romances proibidos. Vamos ver a dança das galáxias. Cada um de vocês tem seus respectivos companheiros. Acredito ter mostrado a cada um a sua alma-gêmea, num futuro encontro. Devem ser fiéis, apesar de não a terem encontrado ainda.

É curioso, mas senti ciúme, quando soube que ela tinha um namorado...

-Não pense mal, Ami. É somente uma amizade com Pedrinho.

-É difícil ser fiel a uma pessoa que não se conhece - opinei.

-É claro que você a conhece, só que apenas atravéz de um rápido olhar no futuro. Existe um outro sentido que permite, entre muitas coisas, captar, sentir uma pessoa, por mais distante que esteja.

-Telepatia?

-A telepatia tem a ver com os pensamentos. O sentido a que me refiro se relaciona mais com os sentimentos. Nunca sentiu a presença de sua companheira, Pedrinho?

Aquilo era íntimo demais.

-Bem, quer dizer... quando estou sozinho, à noite, penso que existe alguém só para mim, em algum lugar.

-Pensa ou sente sua presença?

-Bem, isto é... não sei. Acho que... que sim.

-Então, você já está desenvolvendo esse sentido superior. Para evoluir mais como pessoas, devemos fazê-

lo. Ele nos permite captar também as coisas espirituais, sem necessidade de utilizarmos os outros sentidos e o pensamento. Assim, podemos distinguir entre pessoas boas e más, entre a verdade e a mentira. Aí, perceberemos o verdadeiro amor e a presença de Deus.

-Em Kia, existem muitas pessoas que não têm fé em Deus -disse Vinka.

-A fé é necessária, quando ainda não se desenvolveu esse sentido. Depois, já não é mais questão de acreditar ou não. Percebemos simplesmente a sua maravilhosa presença. Dessa forma, podemos oferecer-Lhe nosso amor, sem ter necessidade de vê-Lo. Esse sentido superior é que nos permite captar a nossa alma-gêmea e ser-lhe fiel, apesar de ainda não estar presente.

Pensei na "japonesinha" do meu futuro, mas não senti nada. Não soube bem, se isso se devia ao fato de não ter desenvolvido ainda o sentido a que Ami se referia ou se a presença de Vinka estava me produzindo uma... interferência.

-Bem. Veremos algo muito lindo mas, antes, é necessário que purifiquemos esta nave, para que as más vibrações não produzam interferência.

Ami tinha sido testemunha de minha infelicidade mental para com a "japonesinha"! Senti culpa.

-É necessário que você deixe isso de lado, Pedrinho.

-Está bem, Ami. Não o farei mais.

-Estou me referindo a que não me guarde rancores...

Então era isso!... Pensei que era por causa do forte sentimento de atração que a presença de Vinka estava produzindo em mim. Por sorte, Ami não havia percebido...

-Amigos? -sorriu estendendo-me a mão.

-Amigos -respondi, sem encontrar um motivo para que não fosse assim.

Vinka tinha conseguido me fazer esquecer o ressentimento.

Apertamos amigavelmente as mãos.

-Bravo! -exclamou a menina contente-. Agora vejamos o concerto das galáxias.

-A dança das galáxias -corrigiu Ami- não obstante, seja também um concerto. Você pode sentar-se, Pedrinho.

Capítulo 4

Uma Dança Cósmica

A nave vibrou. Uma luz amarela muito forte inundou a sala de comando. De amarela, passou a cor-derosa, a violeta; depois, a um belo azul-claro e, finalmente, a um branco deslumbrante. De repente, apagou-se deixando a sala iluminada somente por belos e movediços reflexos, provenientes do exterior.

-Observem pelas janelas.

Levantamo-nos e fomos ver. O espetáculo arrepiava os cabelos. Era maravilhoso! Uma quantidade enorme de estrelas coloridas esparramava-se por todo o firmamento. Cada partícula luminosa deslizava lentamente... Dava a impressão de espirais de fumaça colorida, luminescentes. Estrelas, cometas, sóis e planetas. Nuvens coloridas semelhantes a algodão doce. Fios resplandecentes esticando-se, formando ondas, dissolvendo-se...

A gigantesca espiral fazia-se cada vez maior. Espalhava-se como se tivesse vida...

Alguns pontos produziram fugazes explosões de luz como lantejoulas.

-Estamos observando o movimento de nossa galáxia, a Via-Láctea. Agora, vamos escutar o som que cada partícula em movimento produz.

Ami tocou um ponto nos comandos. Alguns sons indescritíveis encheram o ambiente. Zumbidos agudos e graves, assovios, roucos trovões que duravam muito tempo. As cintilações fugazes produziam um repicar que me lembrava a lira.

O resultado final era um concerto impressionante.

-Assim é o som da galáxia. Aumentaremos a velocidade.

Levantou suavemente uma tecla que acelerou seu movimento incrivelmente. Esticava... crescia...

Cada vez mais me parecia que a galáxia era um ser vivo, consciente, um ser que dançava, uma cintilante medusa cósmica que estendia luminosos apêndices ao ritmo de sua própria melodia. Quando o movimento aumentou, pude

comprovar que o concerto e a dança tinham harmonia e ritmo; uma pulsação, uma cadência, um ir e vir...

-Meu Deus, que maravilha! -exclamou Vinka emocionada. Algumas lágrimas umedeciam seus belos olhos; mais belos e luminosos ainda, com o colorido da galáxia dançante refletido nas suas pupilas banhadas pela cintilação das estrelas...

A voz de Ami expressou sentimentos reverentes:

-Aqui estamos um pouco mais perto da perspectiva de Deus. No entanto, Ele desfruta de todas as galáxias dançando ao mesmo tempo. Não contempla de fora, como nós neste momento. É Ele quem dança transformado em milhões e milhões de cúmulos estrelares... Mais ainda: Ele contempla do interior de cada ser, desde os mais gigantescos, como uma galáxia, até os mais ínfimos como nós ou os que são ainda menores. Por amor, compartilha seu maravilhoso Espírito com todas as suas criaturas.

Diante do surpreendente espetáculo, Vinka irrompeu em um emocionado choro. Eu, com um nó na garganta, encontrava-me num estado semelhante.

Quis dar-lhe meu apoio. Abracei-a. Ela colocou sua cabeça no meu ombro. Senti seu perfume suave.

Acariciei seu cabelo enfeitado com a linda borboleta de pano amarelo...

-Suficiente por hoje -interrompeu Ami-. Nada é bom em excesso, nem mesmo a beleza. Venham. -Levou-nos pelo braço aos assentos laterais. Não foi fácil soltar Vinka... que estava acontecendo comigo?

Sentado, enquanto as intensas luzes iluminavam novamente a sala, perguntava-me se Ami seria capaz de mostrar outra coisa que pudesse impressionar-me tanto. Depois daquilo -pensei- tudo será pálido e frio.

-Nada é frio quando existe amor no coração -disse Ami-. Olhem para fora.

Estávamos novamente sobre o balneário. Tudo continuava do mesmo jeito: as pedras, a barraca, as luzes, a

lua. Isso me decepcionou.

-Ir tão longe, fora da galáxia e voltar ao mesmo lugar... Gostaria de ter ido visitar mundos distantes...

Ami sorriu.

-Não fomos a nenhum lugar. Sempre estivemos aqui.

-Ma eu vi a galáxia estando fora dela!

-Vocês viram apenas uma projeção computadorizada de muitos bilhões de anos de movimento, numa visão muito acelerada.

-Mas as estrelas aí, detrás das janelas!...

-Os vidros de nossas naves também servem como telas onde se projetam ou se induzem visões. É parecido a um filme, mas é um sistema hiper-real, tridimensional. É impossível, para vocês, perceber a diferença entre uma visão gravada e uma visão da realidade. Vejam.

Ami mexeu nos controles. No mesmo momento, o panorama mudou. A noite se fez dia. O sol começava a desaparecer no mar próximo dali. Surgiu um bosque. O lugar me parecia conhecido...

-Observe bem, Pedrinho.

Pude ver um homem que se aproximava de uma floresta.

-É o caçador! -exclamei com surpresa.

Na minha viagem anterior, havíamos estado no Alaska. Fomos com a finalidade de sermos avistados por aquele caçador, segundo as instruções do "computador gigante", localizado no centro da galáxia, que se encarrega de coordenar os movimentos de todas as naves dos mundos civilizados.

Naquela ocasião, o homem tinha se assustado muito ao ver o nosso "ovni" e mirou-nos com sua arma.

Agora, estava acontecendo a mesma coisa.

-É uma gravação. Tudo o que aparece atrás de nossas janélas é gravado. Depois, voltamos a imagem m qualquer momento e a vemos com a mesma nitidez.

Parecia-me impossível que aquilo fosse uma gravação de vídeo: as árvores e o homem estavam ali, ali.

Isso tinha acontecido há quase dois anos...

Quando o homem apontou-nos a sua arma, do mesmo jeito que antes, senti o impulso de me esconder, mas me cintive. Vinka, ao contrário, correu e escondeu-se atrás de uma poltrona. Ami e eu rimos.

-É uma gravação, Vinka. Observem. Manipulou os controles. Novamente apareceu a praia, à noite. Logo depois, estávamos de volta ao Alaska. Desta vez, o caçador ainda não nos havia visto. Vinha descendo imocente pelo caminho. Logo nos descobriria e tentaria atacar-nos.

-Agora veremos ao contrário. -O homem caminhava para trás...

-Venha ver, Vinka. Isso é muito engraçado.

Ela veio observar o nosso amigo brincando com a imagem do caçador.

-Como podemos saber se uma imagem é real ou se é uma gravação? -perguntei.

-Os seres vivos emitem forças que percebemos com o sentido, as gravações não.

Voltamos para a praia, mas dessa vez ainda não era noite...

-Observe, Pedrinho -recomendou Ami. Olhei e quase caí de costas: ali estava eu! Descendo do carro de Victor. Era visível a minha felicidade. O que mais me surpreendeu foi que, olhei para o "ovni" e, mesmo assim, não vi nada...

-É lógico que viu, mas com o sentido que você está desenvolvendo. A invisibilidade de nossas naves não funciona para este poder interno...

Ami fez aparecer novamente a galáxia dançante.

-Se nós temos pequenos poderes, imaginem então os deste ser maravilhoso que está nos observando.

Vinka pareceu comfundir-se.

-Uma galáxia não é um ser.

-O que é, então? -perguntou Ami, com um sorriso.

-É uma coisa, um conjunto de estrelas, mas não tem vida.

-Não tem vida! -repetiu, como quem acabava de escutar uma barbaridade-. Se uma célula de seu fígado pudesse sair e vê-lo segundo suas medidas de tempo, diria que você é uma massa inerte, algo estranho, sem membrana celular, sem núcleo. Compreende?

-Acho que sim. E então...?

-Então, a galáxia é um enorme ser do qual somos partes microscópicas. Um ser infinitamente mais consciente e inteligente que nós.

Aquilo me pareceu absurdo.

-Inteligente?!

-A mesma surpresa demonstraria uma célula da unha de seu dedinho mindinho, se outra célula dissesse que você é inteligente. Você, essa massa morta, que vive unicamente para dar origem à "máxima criação do universo": a célula da unha do dedinho da mão direita de Pedrinho.

Acho que não compreendi a explicação, mas a risada de Ami era contagiosa. Ele começou a mostrar para Vinka algumas cenas de nossa viagem a Ofir. Quando apareceu o lugar onde as pessoas projetavam a sua imaginação nas telas, ela manifestou sua admiração.

-Vocês têm um nível científico e alguns conhecimentos impressionantes!

-Comparados com os de seus mundos, pode ser. Mas interessa-nos muito mais o nosso nível espiritual.

Isto é o essencial. O resto é somente um meio e não um fim. Utilizamos a ciência para dar uma maior satisfação às pessoas, mas não nos esquecemos de que a felicidade vem do mundo espiritual. Pode-se ganhar o mundo inteiro, dominar os grandes conhecimentos tecnológicos mas, se existe ignorância a respeito das coisas do espírito e, se não existe amor, sua vida será mais miserável que a de um mendigo.

-Por quê?

-Porque o amor é a fonte da felicidade.

-Você tem razão, Ami -disse Vinka, olhando-me rapidamente. Em seguida, desviou os olhos com certo rubor. Ele captou a situação e riu.

-Não se trata somente de romance. Trata-se de viver em amor, de amar a vida, a natureza, o ar que se respira. Amar ao criador por dar-nos a maravilhosa oportunidade de existir, amar a todas as pessoas, a todas as manifestações de vida.

Enquanto Ami falava, eu sentia que ele tinha toda a razão.

-Quando se possui o dom de amar, a felicidade está sempre presente, ainda que tenhamos poucos bens materiais. Se buscamos somente amor, obteremos, por acréscimo, todas as coisas. Mas, se desejamos somente bens materiais, talvez os consigamos, mas não ambos ao mesmo tempo, porque a felicidade é o fruto do amor.

Vinka parecia haver compreendido.

-A felicidade se compra com amor.

Ami, com alegria no olhar, disse:

-Você tem razão. De tanto amar, ganha-se a felicidade.

-E o amor? Com que se compra o amor? -perguntei.

-Boa pergunta. Você sabe a resposta, Vinka? Sabe como se obtém amor? Sabe qual é o preço do amor?

-Acho que não é algo material.

-Claro que não. O ouro não se compra com lata. Vamos conhecer uma pessoa interessante. Habita em seu mundo, em Kia. Essa pessoa pode responder como se obtém amor.

-Vivaaaa! -manifestei entusiasmo. Não pelo fato de saber como obter amor e, sim, porque ia conhecer um mundo incivilizado... Pensando nisso, uma dúvida passou por minha cabeça.

-Ami, como vou saber se o que verei é realidade ou gravação? Talvez tudo o que vi em Ofir tenha sido uma gravação...

-Sempre tão cheio de confiança e fé, hem? -caçoou Ami.

Senti vergonha.

-É que...

-Aprenda a ter fé, Pedrinho. O que você viu em Ofir foi realidade e, também, o que verá em breve.

Deveria confiar mais em mim. Não costumo mentir.

-Nunca? -Vinka se interessou.

Ami procurou a melhor maneira de explicar algo complicado.

-Bem, às vezes, não é conveniente mostrar muita luz a alguém que está acostumado à escuridão... poderia ofuscar-se, cegar-se. Outras vezes, não é benéfico mostrar escuridão demais para quem vive acostumado à luz... poderia morrer de horror.

Dissemos que não compreendíamos bem.

-Excesso de escuridão ou de luz impede de ver. Algumas vezes é conveniente contar às crianças que a cegonha...

-O que é a cegonha? -perguntou Vinka.

-Aquela que traz os bebês de Lutis, segundo a tradição de Kia.

-Ah, mas isso é uma boba...

-...Mais adiante, falaremos de uma sementinha na barriga. Somente quando a criança é um pouco maior é que poderemos explicar-lhe isso claramente.

Quis aproveitar a oportunidade para tirar algumas dúvidas.

-É melhor você explicar agora. Faço uma verdadeira confusão com essas coisas.

Vinka se entusiasmou.

-Eu também!

Ami ria até as lágrimas e nos contagiou.

-Tudo a seu tempo -disse, por fim, nosso amigo-. Tudo na sua hora e na sua idade. Para compreender álgebra, é preciso saber somar e subtrair.

-Nós sabemos somar e subtrair -manifestou Vinka, um pouco ofendida.

Ami se divertia mais ainda.

-Não estou me referindo a essas somas e subtrações. -Olhou para cima, procurando um exemplo-.

Vejamos deste modo então: para compreender a teoria da espiralidade das repercussões multidimencionais dos acontecimentos, é preciso compreender a teoria da relatividade... em que pé estão seus conhecimentos sobre esse tema? -perguntou, observando-nos muito interessado.

Vinka e eu nos olhamos. Nossas caras pareciam um grande sinal de interrogação. Nós três começamos a rir.

Capítulo 5

O Principal defeito

Na viagem anterior, Ami disse que a sua nave não "viajava" pelo espaço a uma velocidade "tão lenta"

como a da luz. Explicou-me que essas naves simplesmente "se situam", quer dizer, aparecem rapidamente onde elas querem, por meio de um sistema complicado relacionado com a "contração e a curvatura do espaço-tempo". Quando estávamos nos "situando", as estrelas pareciam esticar-se, depois se via uma neblina movediça por trás dos vidros. Era exatamente isso o que estava acontecendo agora, enquanto nos dirigíamos para Kia e eu pensava no que Ami tinha dito a respeito de não mostrar muita luz para quem não está acostumado a ela.

-Pude compreender isso -disse, sabendo que ele lia meus pensamentos- mas não mostrar escuridão a quem está acostumado á luz...

Vinka interferiu, causando-me grande surpresa:

-Poderia morrer de espanto.

-Você, você compreende o sentido disso?

-Não.

-Então?...

-Simplesmente me lembrei das palavras de Ami. Ele disse isso. O que você quis dizer com isso, Ami?

-Que, se uma pessoa não conhece certas misérias da vida, é melhor não mostrá-las de repente, só gradualmente. A visão de um cadáver, por exemplo.

-Bem, isso não é tão terrível -disse Vinka, mostrando-se valente.

-E em decomposição?

-Que horror!... Agora compreendo.

-Também me refiro à escuridão interna...

Algumas vezes Ami era enervante.

-Deixe já de mistérios e explique-se melhor, por favor.

-Bom, muitas pessos têm uma magnífica opinião de si mesmas. Não são capazes de ver em si certos defeitos. Algumas vezes eles são graves. Acontece que os defeitos que não vemos em nós são justamente os que mais culpamos nos outros. Se, de repente, mostram-nos esses defeitos, podemos morrer por causa do impacto... Vocês conhecem a história do anão disforme que era feliz pensando que era lindo?

-Não.

-Ele nunca se tinha olhado no espelho. A primeira vez que o fez, começou sua tragédia... compreendem?

Desta vez dissemos que sim.

-O ego, essa parte de nós, que nos afasta do amor, tem uma coluna de apoio, uma raiz que lhe dá firmeza.

-Qual é essa raiz?

-Nosso principal defeito. Todos temos um defeito que é o principal mas, do mesmo jeito que as raízes de uma árvore, está escondido. Não nos é fácil reconhecê-lo. É mais fácil que os outros o descubram.

Entretanto, se nos é mostrado de repente, pode acontecer a mesma coisa que ocorreu ao anão que pensava que era lindo. Se nosso pobre ego ficar sem apoio, sem raiz, simplesmente podemos morrer...

Não era o que eu achava.

-Pensava que seríamos felizes sem ego...

-Sim, mas não se pode tirar de repente o salva-vidas de quem não sabe nadar...

-Já começou com seus mistérios outra vez. O que você quer dizer?

-Que, em certos níveis de vida, o ego é um protetor, uma espécie de salva-vidas. Se desejamos subir mais alto,

devemos deixar esse acessório de lado e aprender a nadar. Sempre chegará o momento em que é preciso escolher: uma coisa ou outra...

-Que significa, nesse caso, "aprender a nadar"?

-Significa desenvolver-se na vida, conforme as leis universais. Se vivessem em amor, não necessiteriam de mais nada, mas vocês nem sequer sabem como obtê-lo. Por isso vamos a Kia.

Perguntei se ele conhecia meu principal defeito.

-Claro que sim -respondeu rindo-. É mais feio do que uma mambacha.

-Uma o quê?

-Mambacha... uma espécie muito feia de um mundo pré-histórico.

Vinka pensou muito antes de perguntar:

-E eu, também tenho um defeito bestial?

-Principal -corrigiu Ami, entre sorrisos-. Claro. Se você não tivesse um defeito tão feio como uma chalaça

-este é outro bicho daquele mundo-, não estaria numa missão em Kia...

-Eu? Em missão? Que missão, Ami?

-Qual é meu principal defeito, Ami? -perguntei, ao mesmo tempo.

O menino das estrelas soltou uma risada suave como a gargalhada de um neném.

-Vamos por partes. Não posso responder duas perguntas ao mesmo tempo. Primeiro, o defeito. Depois, as missões que cada um de vocês realiza em seus respectivos planetas...

-Missão? Eu? Qual missão, Ami?

-Agora são três perguntas -ria-. Não posso lhes dizer quais são seus principais defeitos, porque não estão preparados para suportar essa feia e inesperada verdade. Não posso deixá-los sem "salva-vidas". Apesar disso, devo ir mostrando gradativamente os seus principais defeitos, porque não estão preparados para suportar essa feia e inesperada verdade. Não posso deixä-los sem "salva-vidas". Apesar

disso, devo ir mostrando gradativamente os seus defeitos secundários, derivados do principal. Este é um trabalho muito delicado e doloroso para nós três. Há pouco tempo, mostrei-lhe algo feio de você mesmo. Não é verdade, Pedrinho?

-Ah, "a calúnia" -eu disse irritado, lembrando-me das acusações de Ami. Ele riu novamente.

-A reação de autoproteção é sempre a mesma: "calúnia", "maldade", "ofensa", "acusação", mas o golpe já foi dado. A conciência viu e produziu-se, desse modo, uma rachadura na rama do ego. Pouco a pouco, um defeito secundário acaba sendo superado. Uma vez que o vemos e o aceitamos, já podemos lutar contra ele...

algumas vezes, essa aceitação demora um pouquinho -disse, olhando-me. Assim, vamos nos aproximando do defeito principal e, ao mesmo tempo, "aprendendo a nadar".

-E agora, essa coisa de missão -disse Vinka impaciente.

Não compreendi muito bem o que Ami disse a respeito dos meus defeitos e do meu ego, mas intuí que ele continuava a me ofender. Não gostei daqui-lo.

-O que eu disse aplica-se a todas as pessoas e não, única e exclusivamente, a Pedrinho. -Havia captado meu pensamento e achou engraçado.

Vinka não se dava por vencida.

-E agora, a missão... qual é a missão que nós temos, Ami?

-Você escreveu o livro como lhe pedi, não é verdade?

-Sim -respondemos tanto Vinka como eu.

-O quê? Você também? -dissemos ao mesmo tempo.

-Os dois escreveram um livro que relata seus respectivos encontros comigo -informou Ami, achando engraçada a nossa surpresa.

Olhei para Vinka com curiosidade.

-Qual é o título do seu?

-"Ami, o Menino das Estrelas" -respondeu.

-Isto é plágio! -exclamei muito irritado. Ami, como sempre, estava morrendo de rir.

-Por que é plágio? -O olhar de Vinka parecia inocente.

-Porque este é o título de meu livro, do que eu escrevi.

-Que linda coincidência! De que trata o seu?

-Bom, do meu encontro com Ami. Da minha avó...

-O meu também relata meu encontro com Ami, mas não tenho nenhuma avó. Fui a Devashtán, um mundo civilizado. Visitei Rukna, Filus e um mundo cor...

-Silêncio! -ordenou Ami, ao escutar um som agudo proveniente dos controles. Uma luz vermelha brilhava.

-Alarme vermelho. Magnífico!

Vinka se assustou.

-Como pode ser magnífico o toque de um alarme vermelho? O que significa?

-Que um movimento sísmico se aproxima. Que grande oportunidade!

-Um terremoto? -perguntei, com inquietação.

-Sim, na Terra. Mas o reduzimos a um tremor. Vamos, quero que vejam isso. Voltaremos para a Terra e veremos os trabalhos de proteção. Depois, iremos para Kia.

-Quer dizer que vocês podem evitar terremotos? -perguntei, com uma grande curiosidade.

-Somente algumas vezes. Você já vai ver. Muitas naves da Fraternidade dedicam-se a esse tipo de trabalho de proteção.

-Qual Fraternidade?

-A Fraternidade dos mundos civilizados -respondeu Ami, trabalhando nos controles do comando.

Cocei a cabeça.

-Isto está se complicando. -Vinka estava de acordo.

-É natural. Esta segunda viagem é um outro curso para vocês. É mais avançado, mas vamos por partes.

Estávamos falando se suas respectivas missões. Vocês devem saber que sua origem não está ligada a seus planetas de nascimento. Você, Vinka, não é de Kia e você, Pedrinho, não é da Terra. -Ao dizer isso, acomodou-se melhor para divertir-se à custa de nossas caras.

-Isso não é possível -protesou Vinka-. Eu nasci em Kia. Tenho minha certidão de nascimento. Minha tia Clorka disse que trocava minhas fraldas...

-Eu nasci na Terra. Minha avó...

Ami nos interrompeu sorridente.

-É verdade. Nasceram nesses mundos, mas não são oriundos deles...

-Não se pode entender isso -argumentei-. Se alguém nasce num lugar, é originário dali...

-Não necessariamente. Vocês nasceram em mundos incivilizados, mas suas almas são provenientes dos mundos da Fraternidade. Vocês unicamente cumprem uma missão nesses planetas incivilizados...

Capítulo 6

A Missão

Quando nos recuperamos de nossa surpresa, Ami se dispôs a explicar-nos muitas coisas.

-Em breve, nos seus planetas, acontecrão coisas bastante desagradáveis...

-Que coisas, Ami?

-Muitas mudanças geológicas, meteorológicas, biológicas, cataclismos, pestes... milhões de pessoas contrairão novas enfermidades que não vão afetar as que mantiverem certa pureza interior...

-Por que motivo vai acontecer tudo isso? -perguntou Vinka, com os olhos bem abertos.

-Por duas razões. A primeira é porque a ciência foi utilizada de forma destrutiva e isso está produzindo graves desequilíbrios; também, por causa das vibrações mentais negativas que os seres humanos irradiam e que se acumulam perigosamente, formando uma capa de energias psíquicas ao redor dos seus mundos. Tudo isso está afetando muito esses dois seres viventes que são a Terra e Kia. A segunda razão não tem a ver com a participação humana: refere-se ao desenvolvimento evolutivo natural de seus planetas.

O interesse de Vinka foi diminuindo.

-E de qual mundo civilizado eu venho, Ami?

-Vamos por partes. Estou respondendo a sua primeira pergunta. Esse processo, que deveria ser natural, foi acelerado prematuramente pelas más ações, sentimentos e pensamentos humanos. As mudanças, que deveriam ser suaves, serão violentas, destrutivas, a menos que as pessoas comecem a viver de acordo com a harmonia universal. Ainda se pode fazer muito para diminuir as perdas de vidas ou a perda total...

-O fim do mundo?

-Ou o começo. Depende de vocês mesmos. Se não superarem essa prova final, se não mudarem, será o fim. Se conseguirem unir-se e começarem a viver como Deus manda, será o começo de um verdadeiro paraiso.

-Para vocês, não custaria nada nos ajudar a evitar a destruição... -disse Vinka, em tom de reprovação.

Ami, alegre como sempre, respondeu:

-Já lhes expliquei por que não podemos interferir em massa e de uma forma aberta: uma Lei Universal nos impede e devemos respeitá-la. Vocês gostariam que um aluno mais adiantado fizesse por vocês as provas no colégio?

Aquilo me entusiasmou.

-Seria fantástico! Não teria que estudar nada. Tiraria boas notas e...

-Isso seria enganar. -O gesto de Vinka foi repreendedor. Ami não prestou muita atenção.

-Além disso, se você conseguisse passar ao ano seguinte, não iria compreender nada. Você seria um estorvo para seus colegas e para o colégio todo... Por outro lado, você perderia o legítimo orgulho de ter conseguido transpor mais um degrau graças ao seu próprio esforço.

-Você tem razão, Ami -disse eu, envergonhado.

Vinka também compreendeu.

-É verdade. Seria ruim, se vocês fizessem tudo por nós.

-E, também, seria ruim se não fizéssemos nada. Se uma criança corre para um precipício, devemos protegê-la. Talvez não nos seja permitido segurá-la, mas podemos adverti-la de que está no caminho errado.

Essa é justamente a missão que vocês desempenham.

-Não compreendo muito bem... -disse.

-Eu sim -manifestou Vinka.

Então explique-me, por favor.

-Encarnamos em mundos incivilizados para tentar evitar destruição.

-Perfeito! -exclamou Ami-. Como você soube, Vinka?

-Não sei...

-É o sentido do qual lhes falei. Existem coisas que se pessentem. Dois ou três dados são suficientes e o resto fica claro.

Vinka voltou a perguntar:

-Então, de que mundo eu venho?

-Isso não importa muito. De nada serve voltar ao passado. A maravilha está no presente.

-Mas eu gostaria muito de visitar meu planeta de origem, meu verdadeiro lar...

-Quando o amor nos revela o sentido da existência, todo o universo é nosso lar e todos os seres são nossos irmãos -disse Ami-. Vocês fazem parte de uma missão de paz que vai servir de apoio e conexão na tarefa de transformar, de civilizar, de humanizar seus mundos. Fazer com que deixem de ser erenas de guerra, competição, injustiça e divisão, dando lugar à paz, à fraternidade, à alegria e ao amor, como o resto do universo civilizado.

Uma sombra obscureceu o olhar de Vinka.

-Quando me lembro dos térri, parece-me que em Kia isso será impossível.

-Quem são os térri? -prgunrei.

-No mundo de Vinka -explicou Ami- existem duas espécies humanas. Uma é a dos swama. Ela pertence a esta. A outra é a dos térri. Eles estão divididos em dois bandos

que vivem em guerra constante: os térri wacos, contra os térri zumbos. Os térri são seres humanos muito belicosos...

-Não são humanos! -protestou Vinka, visivelmente alterada- São símios! São macacos intelectuais!

-Macacos intelectuais? -não compreendi-. Como pode um macaco ser intelectual?

-Eles têm muita inteligência e astúcia, mas não têm bondade. São criminosos, mentirosos, cínicos, desonestos, imorais, materialistas e tiranos. -Vinka estava realmente zangada. Ao escutá-la, Ami deu uma rizada e disse:

-Que beleza de gente, hem? Mas você faz mal em falar assim dos seus irmãos. Você deveria compreender em vez de julgar. Nem todos os térri são como você diz. Alguns têm mais de "setecentas medidas".

Ami estava se referindo ao nível de evolução. Ele tinha um aparelho com uma tela, capaz de ver o grau de luz espiritual de qualquer pessoa ou animal. Ele o chamava "sensômetro". Disse que era suficiente ter

"setecentas medidas" para ser resgatado pelos extraterrestres no caso de produzir-se um desastre irremediável. Com "setecentas medidas" uma pessoa já é boa o suficiente para merecer viver em um mundo civilizado.

Daquela vez ele não quis me dizer quantas "medidas" eu tinha, porque se minha evolução fosse pouca, eu poderia me desmoralizar; se fosse alta, poderia envaidecer-me e, se uma pessoa fica vaidosa, o ego cresce e suas "medidas" baixam.

Não me interessou muito o assunto dos térri. Quis saber a respeito de minhas "medidas". Tentei tirar-lhe alguma informação a respeito.

-Então, Vinka e eu devemos ter uma quantidade fabulosa de "medidas"...

-Por que, Pedrinho?

-Porque somos provenientes de mundos civilizados...

-Já lhe disse que muitas pessoas de seu mundo têm mais "medidas" do que eu. A diferença consiste em que elas não

sabem o que eu sei. Não foram educadas em ambientes favoráveis, com informação adequada, mas suas almas têm em muitos casos, níveis muito altos e não são originárias, necessariamente, de mundos civilizados. Os missionários como vocês, durante suas vidas anteriores, cometeram alguns erros, algumas faltas contra o amor. Como estes erros deveriam ser pagos com servoço, puderam escolher o tipo de tarefa que deveriam realizar para purificar-se. Vocês também escolheram livremente as funções que executam hoje.

-Que erro eu cometi? -perguntamos ao mesmo tempo.

-Isso já não importa. Nunca devemos voltar aos erros do passado, sejam os próprios ou os alheios. Se vocês assumirem o compromisso que firmaram, ficarão limpos e brilhantes. Depois poderão retornar a um mundo fraternal e bom, quando tiverem terminado a missão.

-No meu planeta não existe os térri -disse eu-, mas também acho que este é um trabalho quase impossível. Como poderemos fazer algo?

-Não será tão impossível como parece. Em primeiro lugar, os próprios acontecimentos ajudarão, porque muitas pessoas compreenderão que precisam transformar-se. Em segundo lugar, as pessoas que desejam uma grande mudança positiva constituem a imensa maioria, só precisam de orientação. Em terceiro lugar, estão os missionários como vocês... são vários milhões.

-Vários milhões!

-Uma verdadeira "invasão extraterrestre", mas com fins pacíficos. Estão em todos os lugares, em todos os trabalhos, em todas as empresas; dentro dos jornais, no rádio, televisão, empregos públicos... em cada lugar existe pelo menos um.

-É incrível! -exclamamos-. Nós não conhecemos nenhum. Como podemos reconhecê-los?

-Por suas ações. Os missionários sempre estão em lugares onde prestam serviços.

-Existe alguma forma de reconhecê-los fisicamente?

-Nenhuma. Somente pelo resultado de suas ações. Cada um fala através de seus atos.

-Mas... se há tantos seres de planos superioresajudando, como fica a lei que proíbe a interferência nos mundos incivilizados?

-Existe uma medida que é permitida. Por outro lado, vocês não se lembram da informação que tinham antes, pelo menos, não conscientemente.

Pensando em tudo isso, parecia-me impossível que eu tivesse vindo de um mundo melhor que a Terra.

-Ami, você disse que eu venho de um mundo civilizado, mas eu reconheço que tenho muitos defeitos. As pessoas que vi em Ofir eram muito superiores a mim...

-Bem, é que você tem um defeito tão feio como uma mambacha -riu-. Além disso, o meio ambiente incivilizado deformou-o mais ainda. Mas com um trabalho desinteressado, você vai recuperar e superar o seu nível anterior. Pouco a pouco, irá afastando-se do seu lobo interior.

-O que é um lobo? -perguntou Vinka.

-É um animal parecido a um chug, mas tem pêlos em vez de plumas -respondeu Ami.

Idiotamente ocorreu-me a idéia de perguntar:

-O que é um chug?

-É um animal parecido ao lobo, mas tem plumas em vez de pêlos -respondeu Ami, dando gargalhadas.

Capítulo 7

O Comandante

Por trás das janelas, apareceu o meu planeta azul, com suas nuvens brancas, seus mares, suas selvas e seus desertos.

A Terra aumentava rapidamente de tamanho. Fomos desaparecendo na parte escura, onde já era noite.

Viam-se algumas manchas luminosas: eram as cidades mas, "ao contrário", elas estavam "em cima" e as estrelas

"embaixo". Apesar disso, dentro da nave, eu sentia que o verdadeiro "embaixo" era o chão do veículo.

-Temos gravidade artificial -explicou Ami-. Agora veremos como fazem os nossos amigos para evitar um grande terremoto.

Avançamos sobre o mar iluminado pela lua, ou lelhor, "embaixo" do mar, porque ainda estávamos ao contrário.

Pude ver as luzes de uma cidade da costa, próxima dali.

-Este é o ponto -disse Ami, observando uma tela lateral-. Entraremos.

Tudo ficou escuro atrás dos vidros.

-Vamos para o fundo. Observem por essa tela, assim poderão ver melhor.

Como na viagem anterior, a tela mostrava com clareza tudo o que havia ao redor, apesar da escuridão reinante.

Ami colocou a nave em posição normal. Pareceu-me que estávamos voando sobre a terra. Embaixo, podíamos ver montanhas e vales muito áridos. Vi que, de trecho em trecho, nos nos encontrávamos com as

"aves" do lugar, quero dizer, peixes, baleias, cardumes de sardinhas e lembrei-me de que estávamos debaixo das águas do mar. Víamos tudo transparente como no ar.

-Isto é lindo demais, Ami -disse Vinka.

-Tudo é lindo a cada momento... para aquele que sabe ver.

No fundo, ao longe, apareceu um objeto comprido, como um charuto em posição horizontal e seu tamanho aumentava rapidamente. De repente, compreendi que se tratava de uma imponente nave espacial submersa nas águas, flutuando perto do fundo. Era algo impressionante. Parecia uma gigantesca cidade.

Quando chegamos bem perto, já não conseguimos mais distinguir os seus limites. Foram ficando difusos, de tão distantes que estavam. Milhares de janelinhas iluminadas indicavam que havia dezenas de andares ou níveis.

-O que é isso, meu Deus?! -exclamou Vinka, com os olhos maravilhados.

-É uma nave-mãe. A mais importante entre aquelas que participam da tarefa de ajuda a Terra. Por alguma estranha exceção desceu. Normalmente, mantém-se no espaços. É uma espécie de "porta-aviões", só que em vez de aviões, transporta naves espaciais. Também pode abrigar vários milhões de seres humanos.

Deve estar sempre por perto... nunca se sabe quando será necessário resgatar muitas pessoas. Nela viaja o Comandante de todo o plano de ajuda para a Terra. Ele habita nessa nave permanentemente. Vamos até Ele.

Ami acionou algo nos comandos. Apareceu o rosto de um homem na tela. No mesmo momento, compreendi que aquele Ser não era terrestre, porque sua aparência lembrava as imagens dos grandes Mestres da humanidade. Sua serenidade interior mostrava feições de muito maior beleza do que as habituais encontradas nos homens da Terra: uma tranqüila felicidade, uma harmonia, uma bondade e uma paz imensa. Nem mesmo em Ofir pude ver um rosto como aquele. Apesar disso, sua aparência era de um verdadeiro terrestre, exceto o olhar: olhos extraordinariamente grandes e cheios de bondade. Imediatamente senti simpatia por aquele Ser.

-Apresento-lhes nosso irmão Comandante.

O homem da tela nos saudou num idioma estranho. Foi atravéz do fone que percebi a tradução:

-Bem-vindos à nossa nave, Vinka e Pedro. Sou o encarregado de supervisionar todo o plano de ajuda ao planeta Terra.

-M-muito prazer -dissemos com muita timidez.

Um suave sorriso iluminou seu rosto quando exclamou:

-Espero-os com carinho em minha morada. -Sua imagem desapareceu.

Olhei pelos vidros. Aproximávamo-nos de uma abertura por debaixo da gigantesca nave. Entramos verticalmente.

Chegamos a um recinto não muito grande e perfeitamente seco. Outras naves, pequenas como a de Ami, estavam estacionadas ali. Enquanto pousávamos sobre o chão, pude ver que uma comporta fechou a abertura pela qual entramos.

Ami se colocou de pé.

-Vamos descer.

-Isso quer dizer que vamos sair?

-Claro. Vamos conhecer o Comandante.

Quis fazer um milhão de perguntas, mas não tive tempo, porque Ami nos levou para a saída. Dessa vez, quando a porta se abriu, havia uma escada. Enquanto descíamos, vi que a nossa nave encontrava-se apoiada sobre três suportes. Aquela era a primeira vez que "aterrissava" comigo a bordo. Antes, sempre ficava suspensa no ar.

Caminhamos até uma porta. Quando chegamos, ela se abriu e apareceu um brilhante e comprido corredor. O teto, muito alto, era côncavo. Tinha luz própria que emitia uma cor creme suave. O chão, de um material mole, semelhante à borracha, também emitia uma bonita luz azul-clara. As paredes pareciam com um metal opaco. Várias portas muito grandes completavam o cenário. Algumas tinham letreiros luminosos, escritos em um idioma que era desconhecido para mim.

-É o idioma da Fraternidade -explicou Ami.

-Pensei que cada mundo tivesse seu próprio idioma.

-E tem, mas também utilizamos uma linguagem comum para compreender-mos uns aos outros, especialmente em forma escrita. Este é um idioma artificial. Todos temos que estudá-lo, desde pequenos.

Para nós, é mais fácil escrevê-lo do que falar.

-Por quê?

-Porque nem todas as espécies humanas têm o mesmo formato de língua, garganta e cordas vocais. Para alguns, é mais fácil emitir certos sons que para outros. É como os chineses: é difícil para eles pronunciar a letra R.

-Quem são os chineses? -perguntou Vinka.

-Uma raça do meu mundo. Têm os olhos assim. -Puxei os olhos para os lados, para explicar-lhe.

-Que bonitos! -exclamou. Nós três rimos.

Chegamos no final do corredor. À nossa frente, havia uma porta muito larga. Abriu-se: era um elevador.

Entramos. Procurei os controles, mas não havia nada. Ami simplesmente disse "Comandante" e a porta fechou-se. Percebemos um movimento suave. Subíamos... mas, de repente, começamos a avançar horizontalmente. Aquilo, mais do que um elevador, era um veículo que podia transitar em vários sentidos.

-Esta nave emite uma radiação que mata os germens que estão no ar ou em qualquer superfície. Por isso, não existe perigo de que seus micróbios possam afetar os membros da tripulação. Além disso, todos eles serão... de algum modo, "desinfetados", antes de ingressarem em qualquer mundo da Fraternidade.

A porta se abriu, mas não aquela pela qual havíamos entrado; uma outra, às nossas costas. Apareceu um salão maravilhoso como um sonho. Estava decorado com plantas naturais de vários tipos e cores. Não sei explicar, mas nunca teria imaginado plantas em uma nave espacial...

Uma série de fontes ocultas de luz, de diversos tons, produziam uma atmosfera de um tom amarelo-dourado. Vários compartimentos do salão estavam separados por vidros. Vi uma fonte com uma queda d'água. Imitava uma cascata melodiosa caindo entre as pedras, musgos e algas naturais. Ali saltavam alguns peixes e outros animaizinhos, para mim desconhecidos.

Vinka não pôde ocultar sua emoção.

-Isto é belíssimo!

-As almas evoluídas necessitam rodear-se de beleza -explicou Ami- e nada pode ser mais belo do que a natureza.

Conduziu-me para o interior do salão. À nossa esquerda esperava-nos de pé o homem que havíamos cumprimentado

pela tela: o Comandante. Atrás dele, vi uma enorme janela. Por ela se via um riacho que corria suavemente entre as pedras e a vegetação. Na linha do horizonte, um sol azul escondia-se por trás de algumas serras... não soube se aquela era uma paisagem artificial, fabricada em um grande recinto da nave ou se era alguma outra coisa. Mais tarde, Ami nos explicou que o Comandante gostava de lembrar as paisagens de seu mundo de origem, por isso sintonizava as vistas da natureza que deixara para trás. Mas aquela grande janela era uma tela...

Vestia-se de branco. Usava uma roupa parecida à de Ami, um pouco mais folgada, deixando o pescoço e uma parte do peito descobertos. Sua estatura era impressionante: media, pelo menos, um metro e noventa e cinco. Parecia irradiar um esplendor, parecia brilhar...

Ami nos levou para perto dele. Eu ia, com profundo respeito, quase com temor, com vergonha inclusive...

porque sabia, graças a Ami, que eu estava cheio de imperfeições. Aquele ser estava rodeado por uma auréola de tal pureza, que me comparando a ele, eu ficava ao nível de um porco... pelo menos, assim me sentia.

Falou com uma voz suave e tranqüilizadora:

-Fazer comparações, às vezes ajuda. Outras vezes, prejudica.

Assim como Ami, ele captava os pensamentos...

Vinka tinha entrado numa espécie de transe na presença do Comandante. Caminhou até ele, pegou sua mão, beijou-a e tentou colocar-se de joelhos.

-Não faça isso -disse ele, levantando-a pelo braço-. Eu sou como você, um servidor, seu irmão. Somente diante de Deus pode um ser humano prostrar-se.

Impressionada com aquele ser, Vinka tinha lágrimas nos olhos.

-Sempre existe alguém mais acima e mais abaixo que nós. Devemos ouvir os conselhos daqueles que estão acima

e devemos orientar os que estão embaixo. Unicamente cumpro com as instruções de meu irmão maior.

-"Acima" e "abaixo" significam, neste caso, o nível evolutivo -explicou Ami.

O Comandante dirigiu-se para um móvel muito moderno, de linhas aerodinâmicas. Parecia uma

"escrivaninha cósmica". Sentado atrás dela, começou a falar:

-Desci a este planeta com a única finalidade de estabelecer este contato.

Naquele momento, não captei a trancendência do que ele dizia. Não pude conceber a grandiosidade do fato: o Comandante de uma operação gigantesca, realizada por seres extraterrestres, descendo até a Terra com sua nave do tamanho de uma cidade, quem sabe com quantos milhões de tripulantes a bordo, somente para estabelecer uma comunicação com duas crianças...

Ami interferiu:

-Vocês levarão sua mensagem aos seus mundos. O que ele lhes dirá serve tanto para a Terra como para Kia, porque o Comandante está em comunicação com nosso irmão que dirige o plano de ajuda para Kia. Os dois mundos estão numa situação semelhante. Prestem atenção.

O Comandante tomou a palavra:

-Como lhes foi informado, vocês estão incluídos dentro do gigantesco Plano Cósmico Evolutivo para seus mundos. Uma grande quantidade de servidores participa deste Plano. Alguns, estando encarnados nesses mundos, participam por enquanto, de forma inconciente; outros o fazem conscientemente. Irmãos de planetas superiores aos seus também trabalham nesta missão de ajuda e, por último, outros irmãos que já não estão sujeitos às limitações de um corpo densamente material, também colaboram estreitamente com o Plano. Todos trabalhamos em tempo integral, até o último alento de vida no corpo que ocupamos, até que o Íntimo nos chame para servi-Lo em outros planos.

A nossa recompensa é cumprir com o que nos dita a nossa consciência. Somos movidos unicamente pelo Amor.

Vocês devem saber que mudanças muito importantes e profundas se aproximam. Nós estamos fazendo o que podemos, para evitar o impacto negativo desses acontecimentos. O resto, vocês mesmos deverão fazer.

Devem compreender que é o Espírito da Força Criadora que rege o fluir da vida no universo e Ele é todo amor. Se não se deixam reger pelo amor estão atuando contra as leis universais, portanto, não podem ter harmonia em suas vidas pessoais nem em suas relações sociais ou internacionais.

O desconhecimento da lei de Deus, por parte da grande maioria, é a causa e a raiz da dolorosa situação que os homens atravessam agora e que pode levá-los à destruição total.

Estamos inspirando muitas pessoas em todos os países. Enviamos mensagens com ensinamentos e instruções, mas não podemos evitar que algumas delas sejam distorcidas pelas crenças particulares daqueles que as recebem. Isto produz confusão e desalento. Entretanto, dia após dia, tudo ficará cada vez mais claro.

Também estamos inspirando obras de literatura, musicais, filmes e outras manifestações culturais e estamos fazendo todo o possível para que sejam difundidas, porque são uma semente de amor para as consciências e também uma preparação para o "grande encontro".

Ami interferiu para explicar:

-Vocês não estão separados para sempre de seus irmãos do universo. Quando deixarem de viver divididos por injustiças e violência, ignorando o Reitor do universo, o Amor, vocês ingressarão na Fraternidade.

"Será por volta do ano cinco mil e quinhentos", pensei, ao recordar as pessoas das ruas de meu mundo. O

Comandante, obviamente, "escutou-me".

-Se não estivesse para ocorrer algo diferente, o processo poderia demorar milênios ou não se realizar nunca. Mas

aproximam-se fenômenos que não poderão ser explicados por nenhuma teoria. Nesses momentos, vocês deverão recordar nossas palavras, expressas tanto pelos Mestres de ontem como pelos de hoje. Deverão compreender que a única coisa que pode lhes salvar da iminente destruição é reconhecer a universalidade do amor e reger-se por ele em todas as situações de suas vidas. Se não o fizerem, não o merecerão nem poderão sobreviver. Resgataremos os que o fizerem. O "trigo" será separado do "joio".

Estamos servindo a um Plano Divino, decretado pelos desígnios do Criador, desde a eternidade. Nós somos seus agentes.

Colocou-se de pé.

-Isto é tudo, queridas crianças. Agora deixo vocês nas mãos do Capitão que dirige o nosso trabalho que procura evitar grandes perdas de vidas neste ponto do planeta.

Neste momento, entrou o homem de quem se falava. Estava vestido como nosso pequeno amigo e não era tão alto como o Comandante. Disse-nos:

-Vou mostrar-lhes como podemos diminuir os efeitos de um terremoto que se aproxima. Sigam-me, por favor -guiou-nos com carinho e grande suavidade.

-Vão com Deus -expressou o Comandante, enquanto colocava suas grandes mãos sobre nossos ombros -e lembrem-se de que vocês estão protegidos. Não temam nunca. Nós os salvaremos de todos os perigos, mas não abusem desta proteção, violando o que é natural e prudente. Neste caso, não poderemos fazer nada. Não se esqueçam de colocar minha mensagem em seus livros. Se pudéssemos, nós a proclamaríamos dos alto-falantes de nossas naves, introduzir-nos-íamos nas suas transmissões de rádio e televisão e nos faríamos plenamente visíveis; mas não nos é permitido fazer isso. Nossa palavra fraterna somente poderá se enviada atravéz de canais que possam ser comprovados unicamente pelo sentido interno, justamente este que devem desenvolver para evoluir e

salvar-se. Esta é a outra poderosa razão que nos impede de mostrar-nos de forma mais aberta e em massa... meditem nisso.

Deixou-nos na porta do elevador. A última coisa que nos disse foi:

-Meu amado irmão maior recomenda-me que lhes transmita seu grande amor por todos os que sofrem.

Ele quer que saibam que não descansou um só dia desde a aparição do Homem e que não o fará até que todos vivam em paz e felizes e que vocês também não devem descançar, porque todos são suas mãos e bocas. Até logo, amigos.

Capítulo 8

A Caverna

Depois que saímos do elevador, caminhamos por outro corredor. Abriu-se uma porta e apareceu a imensa nave do Capitão. Havia várias filas de janelas. Pude ver algumas figuras humanas detrás dos vidros e a nave apoiada sobre três enormes bases. A entrada estava debaixo do corpo do "disco-voador". Caminhamos debaixo do tremendo aparelho. Vinka e eu olhávamos impressionados para o alto. Chegamos numa escada.

O Capitão pôs o pé e ela movimentou-se. Assim que todos subiram, a velocidade aumentou mas, antes de chegar ao interior do "ovni", foi freado suavemente.

Em sua nave o Capitão nos informou:

-Daqui se orientam os trabalhos de proteção geológica. Outras naves, com outros Capitães, têm missões diferentes.

Entramos num salão onde havia pessoas de diversos tipos. Sorriam-nos, mas ninguém disse nada.

Chamou a minha atenção o fato de que falassem tão pouco. Ami captou isso. Quando estávamos no elevador, disse:

-O intelecto é como um papagaio tagarela que desconhece um instante de silêncio. Sempre está nos impulsionando a falar, apesar de que raras vezes dizemos algo que vale a pena.

Estas pessoas percebem melhor a realidade e utilizam outras funções superiores da mente. Além disso, nós já desenvolvemos a telepatia.

-Porém, você não é como eles -disse eu.

-A que você se refere?

-Você fala e ri muito, do mesmo jeito que nós.

-Eles são mais serenos...

Em vez de sentir-se diminuído com minha observação, riu mais que nunca, provocando um sorriso no Capitão. Depois nos disse:

-Em primeiro lugar, devo me colocar à sua altura. Qual de vocês dois conversa telepaticamente?... Em segundo lugar, já lhes disse que o meu nível evolutivo é muito parecido ao de vocês. Em terceiro lugar, sou proveniente de um mundo onde as almas gostam de brincar. Somos uma espécie de duendezinhos travessos, embora jamais pratiquemos o mal.

-Então, por que é você quem nos ensina? Por que não é alguém mais evoluído? -perguntou Vinka, com um tom decepcionado.

Ami estava rindo de novo. O Capitão olhava alguns manuais e não prestava muita atenção em nós, apesar de que me pareceu perceber um leve sorriso em seus lábios.

-Alguém como o irmão mais velho do Comandante, por exemplo? -Ami se divertia com Vinka, mas ela, com um brilho no olhar, disse:

-Por que não?

Desta vez, o Capitão deixou de lado os seus papéis e observou a menina com um sorriso franco, bastante surpreendido. Ami deu outra de suas risadas. Quando conseguiu falar, disse:

-Para merecer a instrução de alguém assim, é necessário ter o nível interior do Comandante...

-Compreendo -disse Vinka-. Então, por que alguém tão maravilhoso como o Comandante não poderia ser o nosso guia?

Ami adorava o diálogo. Com um sorriso nos lábios perguntou:

-Vocês se sentiram à vontade na sua presença? Sentiram a confiança necessária para manifestar suas inquietudes, como fazem comigo?

Vinka assumiu um ar de eficiência.

-Compreendi muito bem o que ele disse. Ao seu lado me senti como em outro mundo...

-O que ele disse? -O olhar de Ami era malicioso.

-Bem, que devemos ser bons... para ir para o Céu...

Rindo me perguntou:

-Foi isso o que ele disse?

-Sim. Falou, também, que o fim do mundo está próximo. Se formos bons, ele vai nos salvar...

O Capitão deixou definitivamente de lado os seus papéis e, com ternura, acariciou as nossas cabeças, enquanto Ami nos explicava:

-Estão vendo? Isso é o que acontece: captaram a milésima parte de suas palavras. Por isso, quando a energia é muito alta, necessita-se de "transformadores". Se uma televisão for ligada diretamente na linha de alta tensão, queima-se, não está adaptada para receber essa energia. Precisa de um transformador que diminua a eletricidade até um nível que o receptor possa suportar. O nível do Comandante é muito elevado para vocês. Ele fala, mas vocês não o compreendem bem. Eu, em troca, posso explicar-lhes as mesmas coisas de uma maneira mais simples.

Vocês, agora, devem escrever outro livro que fale sobre estas experiências que estão vivendo... não vão se recordar muito bem do que o Comandante lhes disse. Todavia estaremos por perto, comunicando-nos com vocês de forma telepática, para ativar-lhes a memória.

-Esta é a sala de comandos -disse o Capitão, quando se abriram as portas do elevador.

Entramos num imenso recinto no qual trabalhavam muitas pessoas de diferentes mundos, a julgar por suas aparências. O lugar estava cheio de telas, aparelhos, instrumentos com painéis e luzes. Algumas pessoas nos olharam, mas não lhes parecemos estranhos. Deviam estar acostumados a receber visitas de todo tipo de mundos, civilizados ou não.

Por uma ordem do Capitão, a nave vibrou. Elevou-se alguns metros. Transladou-se suavimente para um lado. Depois, desceu por uma abertura no chão, afundando nas águas.

Afastamo-nos alguns quilômetros da nave-mãe. Mais adiante, vi algo espantoso no fundo do mar: uma boca negra. Era do tamanho de uma montanha. Pouco depois estávamos... penetrando nela! Avançamos por entre sinistras saliências de pedra negra, descendo cada vez mais para as entranhas da Terra. Mais embaixo, a imensa greta transformouse num túnel perfeitamente redondo, cujas paredes pareciam estar polidas. Era tão largo que a nave passava folgada. Pareceu-me uma obra de engenharia.

-É isso mesmo, Pedrinho. Este túnel foi feito por nossos engenheiros. Neste caminho existe um perigoso choque de placas continentais.

-Placas, o quê? -perguntou Vinka.

-Continentais. Os continentes estão apoiados sobre verdadeiras "balsas" de pedra. Estas são as placas continentais. Movem-se muito lentamente, às vezes, em direções opostas, chocando-se umas contra as outras, como aqui. Dentro de pouco tempo, a força acumulada será tal que uma das placas se romperá em algum ponto, quebrando a pedra. Isso vai produzir uma vibração, provocando um terremoto na superfície, mas vamos diminuir os efeitos.

Pareceu-me aterrador estar no epicentro, mais que isso: no coração de um terremoto, nas entranhas da Terra, rodeado de pedras por vários quilômetros!

Ami não pôde evitar de sorrir diante de meus temores.

-Esta nave suporta coisas que você nem imagina...

Depois de avançar por muito tempo, este túnel alargou-se. Um espetáculo fabuloso e inesperado apareceu diante dos meus olhos: encontráva-nos numa abóbada, gruta ou caverna de proporções gigantescas, incalculáveis. Umas cinqüenta naves espaciais muito iluminadas estavam ali, suspensas nas águas da monumental caverna submarina.

-No ponto de choque das placas continentais, vamos irradiar na pedra uma energia que a transformará em pó. Isto liberará a tensão de forma suave. Produzir-se-á um movimento sísmico na superfície, mas não será de grande proporção -explicou o Capitão.

Passamos por entre as naves, todas menores que a nossa, até que nos situamos num lugar especial da caverna submarina e subterrânea.

Depois da indicação de um operário com cabeça de ovo (não é falta de respeito, mas aquele homem tinha a pele muito branca, a cabeça ovalada, pontiaguda na parte superior e carecia absolutamente de cabelo), o Capitão fez um gesto que deve ter sido uma ordem. Neste instante, lançaram para cima uns raios luminosos de cor verde. Cada uma das naves lançava o mesmo raio. Quando isso aconteceu, sentimos uma forte vibração no chão.

-Olhem por essas telas -indicou Ami, apontando para um painel com uma grande quantidade delas.

Podíamos ver aldeias, cidades, lugares despovoados, inclusive o interior de algumas casas. Seus moradores estavam dormindo.

-Nessas casas, habitam pessoas que participam do Plano. Devemos protegê-las.

-Elas sabem que participam do Plano?

-Se soubessem, estariam fora de suas casas. Teriam sido advertidas por nós, mas ainda não sabem que participam disso ou que o farão no futuro. Já se aproxima o momento. Observem sem medo.

Os raios verdes transformaram-se em amarelos, depois num branco deslumbrante. Neste instante, ouvimos um estrondo como o produzido pelo choque de milhões de pedras subterâneas. Pelas telas, pude ver os efeitos do tremor: os postes balançavam, algumas pessoas saíam para as ruas, as árvores dobravam seus galhos. Ao mesmo tempo, uma montanha de pequeninas pedras começou a cair sobre as nossas naves.

Vinka, cheia de temor, agarrou-se a mim. Eu também estava muito assustado, mas Ami nos tranqüilizou:

-Não se preocupem. Nada nos acontecerá. Vejam, já passou o tremor.

O movimento e o ruído haviam cessado mas, atravéz das janelas, não se podia ver nada: estávamos sepultados pelo pó das pedras...

-Como vamos sair daqui? -perguntou Vinka, ainda assustada. O Capitão, perto de nós, escutou a menina de Kia.

-Avançaremos através do pó. -Aproximou-se dela e colocou a mão sobre seu cabelo cor-de-rosa-. Não tenha medo, jamais tenha medo. Nós estamos aqui para poteger as pessoas boas como vocês. Quero felicitá-

los. Ambos estão cumprindo muito bem suas missões de difundir informação ao nível das massas. Agora, devem continuar essa tarefa escrevendo tudo o que estão vendo. Mais adiante lhes daremos novas tarefas. O

trabalho está orientado no sentido de conscientizar os indivíduos a respeito da Lei Univesal do Amor, da nossa existência e do nosso apoio. Tenham fé, confiança e força porque, a cada dia, serão mais numerosos os nossos amigos em seus mundos. As portas do conhecimento salvador foram abertas, para que muitos possam receber informações que lhes permitirão suportar os duros momentos que se aproximam e também contribuir para semear os eternos valores do amor. Trabalhem sem medo. Nós os estamos guiando, protegendo e apoiando em todos os momentos.

Quando o Capitão terminou de falar, já havíamos saído da caverna e do túnel. Avançávamos pela greta até o fundo do mar, já que nos encontrávamos mais embaixo do que o fundo.

-Segundo as indicações nos controles -disse Ami- ainda há muita energia acumulada. Amanhã vai ser necessário repetir a operação. Em algumas ocasiões, é preciso trabalhar durante meses, provocando pequenos tremores para liberar pouco a pouco a energia que se liberada em um só terremoto natural, produziria uma catástrofe espantosa. Muitas vezes não podemos evitar um terremoto de grande proporção.

Primeiro, desencadeamos vários pequenos tremores. Depois, calculamos tudo, para que o movimento inevitável acontça nos dias de descanso, quando não existem grandes concentrações de pessoas no centro das cidades as quais nos interessa proteger.

Apareceu a nave gigante. Entramos nela.

Despedimo-nos afetuosamente do Capitão. Depois, Ami nos guiou para seu veículo espacial Abandonamos a imensa nave-mãe.

-Emergiremos diante de um barco e seremos vistos. É necessário que alguém nos veja ali -informou Ami.

Capítulo 9

Caminho para Kia

Nossa nave iluminou-se completamente pelo lado de fora. A quinhentos metros adiante, podíamos ver as luzes de um barco de carga.

Ami mostrou-nos uma tela.

-Observem a cara dos tripulantes.

Na cabine de comando, os marinheiros pareciam etar contemplando um fantasma. Um deles pegou um fuzil.

Pareceu-me perceber uma sombra de tristeza no olhar de Ami.

-Assim é o ser humano dos mundos inferiores: cheio de agressão e violência. Pensa que o universo todo é um lugar

como a Terra. Não é capaz de compreender que, se em seu mundo a vida é dura, isso não significa que em todo o universo seja assim. Mas, enfim, cada qual vive no universo que é capaz de imaginar...

O marinheiro começou a disparar contra nós. Desta vez, não sentimos medo, só pena e tristeza. A atitude agressiva daquele homem feria aqueles que vivem unicamente para servir...

Como os tiros continuassem, da tristeza passei à raiva.

-Ami, você não sente vontade de lançar um raio demolidor sobre esses bichos para deixá-los secos? -Ele riu um pouco e disse:

-Bem, vocês já sabem que o meu nível não é o do Comandante. Pode ser que, de repente, passe pela minha mente algo assim... restos de minha parte animal. Mas, imediatamente me lembro de que os seres pouco evoluídos são como crianças. A gente é capaz de perdoar uma criança que nos ameaça com uma arma de brinquedo.

-Não compreendo -disse Vinka.

-É muito claro o que ele diz -manifestei.

-Não para mim. Na viagem anterior, você falou que as almas evoluídas são como criaças. Agora diz que as de pouca evolução são também como crianças...

-Entre "criança" e "criança" existe uma volta completa na espiral evolutiva. Compreende?

-Nem meia palavra.

-O homem sábio fala pouco; o homem bruto fala pouco mas, entre ambos, existe todo um processo evolutivo. Compreendem?

-Não.

-A palavra criança pode ser utilizada para referir-se a um ser caprichoso, teimoso, impaciente, irritável, medroso e capaz de cometer "travessuras" que fazem mal aos outros. Neste caso, "criança" é aquele ser pouco evoluído. A mesma palavra pode ser utilizada para indicar seres bons, sensíveis e bem intencionados.

Depois de uma grande evolução, as almas chegam a ser como estas crianças.

-Agora está claro -disse Vinka.

-Seus livros serão dedicados a elas. As verdades espirituais somente podem ser captadas por esta parte sadiamente infantil. Os que não a possuem, os "adultos", estes se guiam pelo intelecto, pelo que é aceito por todos, pelos costumes, pela moda ou teoria de moda. Se o que lhes for oferecido não corresponder a seus esquemas mentais, formados pelo transitório, rejeitam-no. Assim perdem o profundo, a essência.

Depois de trocar um olhar de interrogação com Vinka, eu disse:

-De que diabos você está falando?

-Mais adiante vão compreender. Vejam, já estamos indo... para Kia!

Atrás dos vidros, apareceu a típica neblina branca. Durante a viagem, Ami foi pegar um manual num armário, atrás das poltronas. Observei que ele deu um salto muito estranho como em câmera lenta.

-Como você fez isso?

-Isso o quê? -perguntou, com cara de quem não compreendeu.

-Esse salto. Pareceu-me que você flutuava como fizemos uma vez na praia.

-Ah! Observe. -Fechou os olhos, concentrando-se. Começou a elevar-se de sua poltrona, flutuando. Uma vez que estava no alto, abriu os olhos e nos piscou um olho. Caiu pesadamente sobre a poltrona.

-Poderes e brincadeiras não combinam -disse ele, enquanto se acomodava.

-Como você faz isso? -perguntou Vinka, encantada.

-Bem... como explicar... simplesmente querendo e sentindo-me capaz de realizá-lo. Querer é uma forma de amar e o amor é o maior poder do universo. Além disso, a fé move montanhas, as montanhas de poder que todos temos.

Vejam. -Levantou-se da poltrona. Foi para perto das janélas. Olhou-nos, tomou impulso e começou a atravessar pelo ar, muito lentamente, até chegar junto a nós.

Vinka estava absolutamente maravilhada.

-É incrível! Ensine-me, por favor! -Segurou o brço de nosso amigo. Ele ria.

-É muito fácil. Querer é poder...

Tentamos imitá-lo, mas somente conseguimos saltar de forma pesada. Aquilo nos fez rir muito.

-Sei que consegui fazer isso, na praia, com você. Agora me é impossível. Por quê? -perguntei.

-Naquela noite estávamos de mãos dadas. Transmiti energia a você.

-Energia? Como se pode transmitir energia de uma pessoa para outra?

-Mais adiante, nas suas escolas se estudarão essas coisas como se faz nos mundos civilizados. Antes, devem deixar de se matar como ferozes animaizinhos. Por enquanto, a coisa mais importante é conseguir a paz e não existe nenhuma possibilidade de se obter a paz, antes de se conseguir justiça e união. Enquanto existirem países pobres e países ricos, não haverá paz. Enquanto existir uma só fronteira que seja, não haverá paz. Enquanto existirem diferenças religiosas, não haverá paz. Trabalhar pelo poder sem fazer nada pelos que sofrem, é como construir um edifício sem colocar as bases. Depois de terem solucionado estes desafios, poderão fazer coisas como as que faz meu estimado amigo Kus.

-Quem é Kus? -perguntamos.

-Um amigo meu, muito engraçado. Pode realizar assombrosos prodígios...

-Quais?

-Vamos chamá-lo para que o conheçam.

-Pelo rádio? Pelo telefone?

-Não. Chamamos por ele mentalmente. É mais rápido... venham. Sentar-nos-emos no chão, formando um triângulo.

Você lá, você aqui. Assim. Agora nos concentraremos nele. Fechem os olhos, pensando em Kus.

Vamos pedir-lhe que venha.

Assim o fizemos. Ami nos disse que observássemos. Após algum tempo, apareceu diante de nós uma neblina branca que se transformou em um redemoinho. Adquiriu forma humana. Vinka quis sair correndo, mas as risadas de Ami a tranqüilizaram.

-Alguém requer a minha presença? -disse o ser que apareceu do nada. Era um homem jovem, vestido de branco. Fiquei congelado.

-Espero que você tenha uma poderosa razão para trazer-me até a Terra e até este antiquado calhambeque

-expressou o jovem com um sorriso, olhando para nosso amigo.

-Na realidade não, Kus. Somente queria ensinar a estas duas crianças como se faz para chamar um amigo.

-Ah! Então esta é uma poderosa razão. Tudo o que se faz para ensinar uma criança é uma razão poderosa.

Kus expressava-se como se estivesse brincando. Era muito simpático.

-Nossos amiguinhos têm um milhão de perguntas em suas cabecinhas. Pois bem. Como sabem, meu nome é Kus. Participo o tempo todo, "full time", na tarefa de "desanimalização da Terra. Posso transitar pelo universo sem necessidade de cacarecos inúteis como este. Se vocês se comportarem direitinho, poderão chegar a ser como eu... e até melhor. Espero que não sejam castigados sendo obrigados a trabalharem num plano tão baixo como um mundo incivilizado. Há, há, há! Se para vocês que vieram de um mundinho civilizado de terceira dimensÍao, é difícil suportar o lugar no qual habitam, imaginem o que devo sentir, eu que venho da quarta dimensão! Como peixe fora d'água! Há, há, há!...

-Ainda não lhes falei a respeito das dimensões, queridos amigos. Não os confunda mais ainda -protestou Ami,

brincando.

-Você se esqueceu de que eu já sei disto, pequeno irmão? Por este motivo, achei que já era hora de começar a aprender que existem muitas moradas nesses universos... Querem ver algo fantástico, meus pequeninos?

Mal tivemos coragem de mover suavemente a cabeça, concordando.

-Então, "voilá"! -disse Kus, em francês, enquanto estalava os dedos e desaparecia, deixando no ar uma fumacinha cor-de-rosa, maravilhosamente perfumada.

Ami ria encantado.

-Este Kus é um caso sério. Se no meu planeta somos brincalhões, ele nos leva mil anos de vantagem.

Considera-me como alguém sério e sem graça...

-Cem mil anos de vantagem, sócio -disse o coelho da sorte, o Pernalonga. Sentado no encosto da poltrona de comando, movia rapidamente a mandíbula, comendo uma cenoura. Depois disse:

-Você é assim mesmo, sério e sem graça. "Isto é tudo, amigos". "Sayonara" -disse, desaparecendo, depois de jogar a cenoura para nós. Ela caiu flutuando suavemente, transformada em uma maravilhosa flor.

Os olhos de Vinka pareciam desfrutar de um conto de fadas feito realidade. Bem, é exatamente o que estava acontecendo...

-Como ele pode fazer tudo isso?

-Simplesmente imagina, mas com tanta força que nos projeta a sua imaginação.

-Esta flor não é imaginação -disse, respirando seu delicado perfume.

-Isto é uma materialização. Aqueles que possuem a quarta dimensão de consciência podem fazer coisas que para vocês são incríveis, mas com prática e fé, tudo é possível...

-Onde fica a quarta dimensão? -perguntou Vinka.

-Em todos os lugares. Aqui mesmo, no seu quarto... Não é um lugar, mas um nível de consciência.

Aqueles que têm este nível podem se fazer visíveis ou invisíveis, segundo o seu desejo. Podem atravessar paredes, mudar de aspecto. Estão regidos por outras leis.

-Então, não estão regidos pela Lei do Amor? -perguntei.

-Uf! Que barbaridade! -disse Ami, aparentando estar alterado-. Nada no universo escapa à Lei do Amor.

Nada é superior a ela: nenhuma outra lei ou força, nem neste universo visível para nós, nem nos que não o são, nem na terceira dimensão, nem na cinco mil. A força que governa a criação inteira é o Amor, ou melhor, Deus. Quando digo que estão regidos por leis, é porque já não são afetados, por exemplo, pela força da gravidade, pelo tempo, nem se dedicam inteiramente à "edificação do universo".

Aquilo me pareceu estranho.

-Pensava que era Deus quem edificava o universo...

-Sim, mas através de nós, criaturas suas. Ele traça os planos. Nós os executamos. Seria muito aborrecido se Ele fizesse tudo... Estamos chegando em Kia.

Capítulo 10

O Mestre Solar

-Este planeta é a Terra -disse eu, um pouco decepcionado. Tive a impressão de ver o meu mundo por trás dos vidros. Vinka mostrou o meu engano.

-É Kia. Ali está Lubínia. É um deserto.

Foi exatamente essa costa desértica que me confundiu. Pensei que era a costa norte da África. Depois, ao ver duas enormes ilhas equatoriais inexistentes na Terra, compreendi que estava em outro mundo.

Depois de minha viagem com Ami, pude estudar bastante geografia. Isso me permitiu captar as diferenças; o resto, como a cor do mar, as abundantes nuvens brancas, as selvas e os desertos, pareciam absolutamente terrestres.

-Que desilusão! -disse eu, meio de brincadeira-. Estava esperando encontrar um planeta com mares vermelhos ou

amarelos; com selvas azuis ou alaranjadas, enfim...

-Mundos de evolução semelhante são parecidos em quase tudo. As mesmas leis dão origem às mesmas coisas -explicou Ami.

-Mas são só parecidos, Pedrinho -disse Vinka-. Você já vai ver.

-O objetivo de nossa visita a Kia é o de encontrar uma pessoa que possa ensinar-lhes como se obtém amor. Vamos procurá-la pela tela. Hummm... seu código é este. Aqui está. Venham ver.

Apareceu um homem, já de certa idade. Estava sentado numa rústica cadeira de balanço, na varanda de uma casa de campo muito antiga e pobre. Balançava-se preguiçosamente, tinha um cachimbo na boca.

Contemplava a paisagem que se estendia diante de seus olhos: um belo vale forrado de muitos matizes de verde. A casa se encontrava na ladeira de uma colina solitária.

Algumas diferenças indicavam que aquilo não era a Terra: o homem tinha o cabelo cor-de-rosa, embora já estivesse um pouco branco. A sua barba era da mesma cor. Devido ao abundante e desordenado cabelo, não pude ver suas orelhas, mas imaginei que seriam pontiagudas como as de Vinka. Vestia um manto cinzento. Fazia-me lembrar os antigos profetas. Ao seu lado, um "cachorro" cochilava... se é que se pode chamar assim a um montão de lã com pescoço de avestruz e cara de galo... Sobre o galho de um pequeno arbusto havia um casal de... não soube. Pareciam lagartichas de pé sobre duas patas, com penas de canário.

-Isto não é a Terra -reconheci.

Por ali voavam numerosos animais do tamanho de filhotes de águia, com pele de peixe ou réptil, asas grandes, redondas, rabo de arraia e duas patas muito compridas. Esses animais eram capazes de mergulhar nas águas de uma grande lagoa perto dali, caminhar sobre a terra com as duas patas e voar como aves.

Alguns descançavam nos galhos das árvores próximas. O que mais impressionava era seu rosto humanóide.

-Vocês têm bichos muito estranhos por aqui...

Vinka surpreendeu-se.

-Estranhos? E o que você me diz dos animais de seu mundo?

-Não me parecem diferentes...

-Não?! E esses horríveis "homenzinhos com asas"?

-Quais? Lá, os mais parecidos aos seres homanos são os macacos, mas não têm asas. Os que voam têm penas.

-Mas esses "homenzinhos com asas" têm pêlos e não penas...

-Então não voam. Nenhum animal com pêlo é capaz de voar...

-Mas esses demônios voam sim, com pêlos e tudo. São horríveis! Seus rostos são de verdadeiros monstros!

-Você tem certeza de que está se referindo a algum animal da Terra? Lá não existe nada assim... por sorte!

Ami se deleitava, caladinho com nosso diálogo.

-... E, ainda por cima, alimentam-se de sangue.

-Do que você está falando, Vinka?

Naquele momento, não fui capaz de imaginar nenhum animal como aquele a que ela se referia. Ami interferiu:

-Ela está falando de morcegos.

-E como se isso fosse pouco, Ami disse que voam na escuridão absoluta, têm um radar e passam por entre as pás de um ventilador em movimento, sem se machucarem. Isso não é estranho?

Achei que Vinka tinha razão, mas eu nunca tinha pensado nisso.

Ami apagou a tela. Descíamos lentamente no planeta Kia.

-O incrível e maravilhoso está sempre diante de nossos olhos! Mas estamos tão habituados a ele que não percebemos. Bem, vamos conversar com esse homem. Ele tem algo para lhes ensinar.

Vinka suspirou com esperança.

-Deve ser um sábio...

-Sábio, esse velho montanhês? Que nada! Ele compreendeu algumas coisas, outras ainda não. É um homem comum.

A decepção modificou o rosto da menina.

-Uma pessoa, para me ensinar, deve ter um nível evolutivo muito superior ao meu.

Ami sorriu.

-A típica arrogância dos incivilizados. Verei se é possível que o Mestre do Comandante a admita como sua discípula...

Vinka ruborizou-se, mas tentou consertar a situação:

-Foi uma maneira de dizer... você disse que ele desconhecia algumas coisas. Pensei, então, que ele não tivesse capacidade para me ensinar...

-Vinka e Pedrinho: o sistema universal de ensino foi planejado para ser executado de modo gradual.

Quem está no degrau de cima, pode ajudar aquele que estiver imediatamente abaixo. Existem aqueles que estão num nível inferior e que exigem um Mestre da dimensão do Comandante ou pretendem que Deus em pessoa venha ensinar-lhes, desprezando os que se encontram um ou dois degraus acima deles.

-Você está certo, Ami, mas Vinka também tem razão ao pensar que um guia não muito superior ignora muitas coisas.

-Ignora os coisas do degrau mais alto, mas isso não é assunto de quem se encontra abaixo desse guia.

Deve ser suficiente para eles assimilarem bem o que lhes está sendo ensinado pelo Mestre que está imediatamente acima deles. Se um aluno ainda não sabe somar e diminuir, não deve se incomodar com o fato de que seu professor não conheça as altas matemáticas.

Desta vez não nos restou nenhuma dúvida.

-Esse amigo sabe algo que vocês ignoram... sabe como obter amor. Aprendam primeiro isso. Depois, quando tiverem o nível do Comandante, poderão ter um Mestre como o seu.

-Quem é esse Mestre, Ami?

-É a alma mais evoluída do sistema solar onde está a Terra. É um dos seres solares dos quais lhes falei na viagem anterior.

-Mas, como se chama?

-Pedrinho, é preciso ter muito cuidado com os nomes, eles confundem muito as pessoas. Um Mestre pode ser bastante venerado numa região mas, em outros lugares, outros podem ser valorizados. Isso provoca conflitos religiosos. E nós buscamos a paz e a unidade, não é verdade?

-Sim, mas um deles deve ser o verdadeiro...

-Todos são verdadeiros.

-Bom, está bem, mas alguém deve ser o maior...

-Todos os raios do sol são luminosos. Iluminam a escuridão e são oriundos da mesma fonte: o Sol.

Compreendi a comparação, mas não estava satisfeito. Eu queria ganhar, queria que Ami mencionasse o nome do meu Mestre, colocando-o acima de todos os outros. Ele me esclareceu:

-Esse grande Ser é o reitor da espiritualidade para o seu mundo. De vez em quando, um homem é iluminado por sua sabedoria, então esse homem se transforma num grande Mestre, porque transmite os ensinamentos do Espírito Solar. Assim nasce uma religião. Passam-se milênios... a humanidade evolui um pouco. Chega o momento de entregar outra lição. Então, outro homem é iluminado pelo mesmo Espírito.

Assim, aparece outro Mestre e outra religião, mas é o mesmo Espírito que inspira todas as religiões. Passa mais um milênio e, novamente, um homem é escolhido para transmitir uma lição, de acordo com a evolução e a necessidade da humanidade. Assim nasce outro Mestre e outra religião. Os homens se confundem com os nomes. Chegam a provocar guerras religiosas, sem compreender que, com essa atitude, ferem esse grande Espírito que é

todo amor. É por amor que Ele envia Mestres para iluminar o caminho deles.

-Não sabia disso, Ami. Então, como se chama esse Espírito?

-Nomes, nomes. Este é o problema: nomes, rótulos. As coisas do espírito não têm carteira de identidade.

Os limites e separações vão desaparecendo. Os homens é que dividem, parcelam, classificam, colocam limites e fronteiras. Mas, quando existe amor no coração, compreende-se que o universo todo é uma grande unidade...

-Algum nome deve ter este Mestre...

Ami não pôde conter o riso.

-Está bem, você quer um nome, então lhe daremos: Mestre Solar.

-Agora compreendo melhor. O Mestre Solar é aquele que inspira todos os outros Mestres.

-É assim mesmo, Pedrinho. Enquanto isso não ficar bem claro, não é possível pensar em paz para a Terra. A divisão por religiões é tanto ou mais perigosa do que a divisão por fronteiras ou por idéias. Se não ficar bem claro para nós que o sentido da religião é a prática do amor, não ganharemos nada competindo por religiões ou nomes de Mestres. Todos eles nos incentivam a atuar com bondade, honestidade, paz. Enfim, com amor.

-O Mestre Solar tem forma humana?

-Sim, porque não é Deus, apesar de que atua segundo a Sua Vontade. Acima dele, está o reitor da espiritualidade para toda a galáxia. Mais além, encontra-se o Espírito que rege todas as galáxias deste universo.

-Deus?

Ami fingiu não ter escutado.

-... Por cima deste último, está quem rege a quarta dimensão. Depois, o que dirige a quinta e, assim, sucessivamente.

-E Deus?

-Ele está sempre em seu coração. Como você gosta dos nomes, pode chamá-lo "o Íntimo". Agora vamos descer.

-Vamos descer com a nave em Kia, ou vamos descer da nave? -perguntei com esperança, porque eu nunca tinha saído a caminhar por outro mundo.

-Faremos as duas coisas.

-Viva!

-Este é um mundo "irmão" ao seu. Nossos engenheiros genéticos encarregaram-se de "fabricar" os mesmos micróbios em ambos os planetas. Não existe perigo para você nem para Kia.

Em poucos segundos, chegamos perto da cabana. Uma luz nos controles indicava que estávamos invisíveis para o exterior.

Olhando pela janela, comprovei que os animais estavam intuindo a nossa presença, porque o "cachorro"

começou a lat... quer dizer, emitir alguns sons semelhantes a uivos. As "lagartixas" encolheram-se com temor; os animais voadores, abraçando-se mutuamente, submergiram na lagoa.

O velho levantou o cachimbo na nossa direção, em forma de saudação e sorriu.

-É um velho amigo. Ele sabe quando venho estacionar a nave neste ponto do seu céu.

-Como sabe que chegamos? Estamos invisíveis...

-Pela reação dos animais. Já o visitei várias vezes.

-Em que país estamos? -perguntou Vinka.

-Em Utna.

-Então, não vou poder me comunicar com esse senhor. Aqui não se fala meu idioma...

Ami sorriu e piscou-me um olho.

-Não lhe parece que nossa amiguinha é uma boba?

Não soube a que se referia.

-Ela diz que não poderá compreender o velho...

-E tem razão: não falam o mesmo idioma.

Olhou-nos como se não acreditasse.

-Isto -disse, apontando com o dedo indicador para a parte lateral de sua cabeça.

Pensei que dissesse que estávamos loucos. Como não entendemos, teve que vir até nós, tirar-nos os fones tradutores e depois colocá-los diante de nossos olhos dizendo "isto" nos dois idiomas. Somente então compreendemos. Explodimos em risos por causa de nossa estupidez, mas Ami permanecia sério. Fingindo estar zangado, disse:

-Estes necrófagos têm a compreensão muito limitada...

-Que significa necrófagos? -perguntamos.

-Comedores de cadáver.

Vinka sentiu-se ofendida.

-Eu não como cadáver...

-Você come carne de animais mortos, não é?

-Ah! Isso, sim! Mas...

-Então você é necrófaga. Vamos.

Levou-nos ao pequeno recinto de saída. Acendeu-se uma luz ofuscante. Descemos até chegar ao solo de Kia, mundo semelhante à Terra que não vivia de acordo com a Lei Universal do Amor.

Segunda Parte

Capítulo 11

Krato e os Térri

O primeiro impacto foi um aroma desconhecido: o perfume característico de Kia. Pareceu-me agradável.

Caminhei pelo solo desse outro mundo como se fosse um lugar sagrado. Não me é possível descrever a alegria que senti ao movimentar-me pela superfície de um planeta diferente.

Enquanto nos aproximávamos da cabana do velho, ele nos olhava amistosamente, sem surpresa. O

"cachorro" veio até nós balançando o comprido pescoço. Parecia enorme. Assustei-me um pouco, mas Vinka aproximou-se do animal e comçou a acariciar-lhe os compridos pelos. O quadrúpede extraterrestre roçava a

cabeça na menina, como o fazem os gatos, quando são carinhosos. Achei estranha a confiança de Vinka com aquele espécie. Pensei que talvez esses bichos não fossem agressivos.

-Você se engana -disse Ami-. Alguns são muito ferozes, assim como os cachorros.

-Como você soube que não era agressivo, Vinka?

-Porque ele vinha balançando a cabeça.

Imaginei que, assim como os cachorros manifestam alegria movendo o rabo, estes animais o faziam balançando o percoço comprido.

-Como se chama este animal? -perguntei.

-Bugo. Outra linha -disse Vinka.

-Trask, Trask! Venha aqui -disse o velho, chamando o estranho ser-. Deixe de incomodar nossas visitas.

-Você disse que se chama Bugo e ele o chamou de Trask. Não estou entendendo.

Vinka me olhou como quem olha um débil mental.

-Este animal é um bugo. O nome que deram a este bugo é Trask.

Tinha razão: eu era um idiota.

Pouco a pouco, foram aparecendo os animais "aero-anfíbios". Alguns se atreveram a voar por cima de nossas cabeças. Um deles pousou no ombro de Ami.

Vinka, fascinada, tentou aproximar-se do animal, mas ele levantou vôo.

-É incrível! -disse.

Não compreendi a que se referia.

-Os garábolos são muito tímidos. Nunca se aproximam das pessoas, mas este não tem medo de Ami...

Quando ela se afastou de nosso amigo, o bicho voltou a pousar suas compridas patas no ombro de Ami.

-Sou amigo de todos os animais -explicou, falando em um novo idioma.

-Por isso você veio me visitar, não? -disse Krato.

Todos rimos com a piada do velho. Quando chegamos perto dele, o garábolo fugiu para o teto da cabana.

O ancião e Ami abraçaram-se felizes por estarem juntos novamente.

-Desta vez, sim, você vai dividir comigo o delicioso guisado que preparei. Tenho uma panela cheia de garábolos "al dente". Deixei-os a noite inteira em um molho picante. Mmmmmm! Uma delícia! Além disso, lá dentro nos espera uma garrafa cheia de suco fermentado. É bom, de vez em quando, alegrar o coração.

Vamos.

-Nem sonhando, velho canibal. Esses pobres animaizinhos têm razão de sobra para não se aproximarem de vocês: fatalmente vão terminar no fundo de seus estômagos.

Senti um pouco de raiva do velho. Como era capaz de matar essas simpáticas e carinhosas criaturas para comê-las?

-Mas são deliciosos, Ami -disse... não o ancião, mas... Vinka! Ela também os comia! E como se isso fosse pouco, acrescentou:

-As coxas assadas são a parte mais gostosa. Também gosto muito da sopa de asas...

A imagem que eu tinha de Vinka caiu por terra, de repente. Olhei-a como se fosse uma espécie de aborígene selvagem que comia porcarias. Como pude me sentir atraído por ela?

Sabendo de meus pensamentos, enquanto colocava um fone tradutor no ouvido do velho, Ami disse para Vinka:

-Fazem muito mal matando e comento esses animaizinhos. Nosso amigo está muito aborrecido com isso.

Ela me olhou com surpresa. Depois tentou me explicar:

-Aqui todos comemos carne de garábolo. É um costume que temos desde criança. São muito apetitosos...

você deveria experimentar...

-Jamais! -respondi, de braços cruzados, olhando para outro lado.

-Bravo! É assim que se fala! -disse Ami-. Ele não é capaz de comer carne de garábolo. Isso seria uma maldade para ele, por isso está muito decepcionado com você. Ele come outro tipo de coisas. Você se lembra daqueles animaizinhos da Terra de que gostou e até quis trazer um como mascote?

O olhar da menina se iluminou.

-Oh, sim! Eram tão meigos! Como se chamavam?

-Cordeiros. Pois bem, esse é um dos pratos preferidos de seu amiguinho...

Olhou-me como se eu fosse um criminoso, um psicopata, um sádico, uma fera humana.

Tentei me defender:

-M-mas é que um cordeirinho assado...

Vinka explodiu em lágrimas.

-Assado!... Que maldade! Que nojo! Que decepção!

Entre risos dissimulados, Ami foi consolá-la.

-Estão vendo? Isso é o que acontece quando vemos os erros alheios e não os nossos. Vocês três fazem a mesma coisa. Não é pior nem melhor comer carne de cordeiro ou de garábolo. É a mesma coisa. É um erro que eu não cometo.

Não os condeno, porque os compreendo, mas vocês se condenam mutuamente pelo mesmo erro. Estes incivilizados... vamos, apertem-se as mãos e... como bons

amigos.

Olhamo-nos com timidez e um pouco de vergonha. Havíamos entendido a lição de Ami. Apertamo-nos as mãos.

-Bem. É assim que se faz -disse o ancião, contente-. Agora vamos celebrar a reconciliação com um brinde. Vamos.

-Esses montanheses não têm boa educação -brincou Ami-. As pessoas educadas primeiro se apresentam.

Este é Pedro. Vive em outro mundo.

-E com razão. Ho, ho, ho! Com um nome desses, eu também iria me esconder em outro mundo. Ho, ho, ho!

Não gostei nada de sua brincadeira.

-Esta é Vinka.

O ancião olhou-a com carinho e exclamou:

-Ela também deve vir de outro mundo: não aparecem meninas tão bonitas em Kia.

Aquilo me desagradou mais ainda. Ela respondeu ao agrado com um sorriso.

-E este é Krato, um camponês de Kia.

-Há, há, há, há! -caçoei de seu nome, mas o fiz para me vingar. Meu riso não pareceu muito natural.

-Por que esse menino finge que está rindo?

-Está rindo do seu nome. Na verdade, está tentando vingar-se, porque você caçoou dele.

-Veja só! Que sensível! Não se zangue, "Betro". Era somente uma brincadeira, mas "Betro" é um nome muito bonito...

Antes que eu reclamasse pela forma como Krato distorcia meu nome, Ami explicou:

-Ele não pode pronunciar bem os sons de seu nome, Pedrinho. Você também não pode pronunciar corretamente o dele. É uma bobagem ficar brigando por causa de nomes e sons... além disso, no fundo, Krato significa pedra e...

-Pedra! Há, há, há! Como alguém pode se chamar pedra?...

Desta vez minha rizada foi sincera.

-... vocês são um pouco xarás...

-A que você se refere, Ami? -perguntei.

-A que Pedro significa pedra. Você também se chama pedra.

Todos riram... menos eu.

Começaram a conversar. Retirei-me para um lado, perguntando por que tudo me saía mal. Ami se aproximou.

-O que acontece, Pedrinho, é que você atua um pouco abaixo de seu verdadeiro nível.

Olhei-o pedindo uma explicação melhor.

-Uma criança pequena suja toda a sua roupa e o rosto ao comer e ninguém a culpa por isso. Ela atua segundo seu nível. Se um adulto faz a mesma coisa, é censurado, porque não está atuando segundo o seu nível.

-E isso, o que tem a ver comigo?

-É que você não atua de acordo com você mesmo. Cada vez que faz ou pensa algo que está abaixo do que se espera de você, vai receber imediatamente a correção: por isso você sofre. Se atuasse tal como você é, começando por sua melhor parte, sua vida seria sempre um paraíso.

Meditei por um bom tempo em suas palavras. Compreendi que tinha razão. Decidi fazer um esforço para

ser outra pessoa...

-É suficiente que você seja você mesmo -disse Ami-. Essa é que é a verdade. Vamos conversar com meu velho amigo.

Krato estava numa horta atrás da cabana, junto a Vinka. Mostrava sua pequena plantação de hortaliças para a menina, seu pomar e tudo que constituía o seu mundo.

Um mau pensamento passou por minha mente ao vê-los juntos, mas descartei-o imediatamente. Devia ser melhor em meus atos e pensamentos.

-Bravo! Isso é realmente um progresso -exclamou Ami.

-O que você quer dizer com isso?

-Você está progredindo. Começa a vigiar seus pensamentos. Já não está tão adormecido. As pessoas, em geral, nunca prestam atenção em seus pensamentos. Em suas mentes, passa todo tipo de idéias negativas.

Como não se dão de conta, têm uma magnífica opinião de si mesmas. Assim não é possível progredir. Você começa a se observar e, com isso, passa a se conhecer melhor. Além disso, está adquirindo o poder de tirar de sua mente o que não é conveniente para você.

-Ei, vocês! Venham ver o tamanho desses muflos -chamou-nos o velho, exibindo umas brilhantes garrafas vermelhas feitas de um material parecido com plástico.

Vinka pegou uma garrafa. Levou o gargalo à boca... e deu-lhe uma mordida! Depois, mastigou com prazer o pedaço de garrafa...

Ami ria de minha confusão.

-Não são garrafas de plástico. São frutas com a mesma forma das garrafas terrestres.

-Experimente. -Vinka me entregou uma fruta. Olhei para Ami perguntando-lhe se podia comer aquilo.

-Somente um pedaço -recomendou.

Mordi a fruta. Sua textura lembrava a da maçã. Gostei imediatamente de seu sabor doce, apesar de não se parecer a nada conhecido.

-Como você consegue produzir muflos tão grandes? -perguntou Vinka ao velho.

-É fácil. Todas as noites canto uma canção para a árvore. Ela gosta muito disso. Fica contente e quem está contente trabalha com amor.

-Tudo o que se faz com amor dá bom resultado e bons frutos -disse Ami.

Olhei a árvore com curiosidade. Imaginei que tinha boca, olhos e ouvidos para se cominicar com Krato.

Mas aquela árvore era uma árvore normal, somente com folhas, galhos, frutas e tronco: Vinka ria, dizendo:

-Que loucura... cantar para uma árvore...

Mas Ami estava de acordo. Disse que Krato tinha razão.

-As árvores e plantas são seres conscientes. Têm uma consciência pequenina, mas são muito sensíveis ao carinho, às vibrações de afeto. Ficam tristes ou contentes, sentem medo ou confiança.

Krato animava Vinka:

-Coma um pouco mais. Os muflos dão força. Coma para que você fique forte, assim. -O velho aparentou ser musculoso, levantando os braços, fechando os punhos e enchendo as bochechas. Vinka achou isso muito engraçado.

-Não é exatamente assim que nós, as senhoritas da cidade, gostam de ser...

Ami se divertia com as bobagens de Krato.

-Não preste atenção nesse velho montanhês. Não entende nada de moda.

Enquanto Krato brincava, Ami pareceu concentrar-se intensamente. Depois disse:

-Parece que os térri se aproximam...

-Então, corram e escondam-se no calhambe invesível -recomendou alarmado o homem de Kia.

Ami continuou concentrado. Depois advertiu:

-Não temos tempo. Já estão aqui. Vamos para a cabana.

Aquilo me assustou muito, mas Vinka estava mais alterada ainda. Segurou-me com força.

Escutamos o barulho de um motor. Aproximáva-se. Krato foi sentar-se na sua cadeira de balanço, fingindo grande tranqüilidade.

Ami encontrou uma fresta e olhou lá fora. Convidou-nos a observar. Com o dedo indicador na boca, ordenou que ficássemos em silêncio.

Pude ver o veículo que se aproximava. Parecia uma caixa preta de metal bem polido, com rodas e muitas grades ao redor. Tinha vidros por trás das grades, que eram pretos também, tornando impossível enxergar o interior do veículo.

A sombria carruagem emitia tanto ruído e fumaça que todos os animais do lugar correram a esconder-se.

Pensei que eles ainda não tinham enventado o silenciador. Aquilo tinha o escapamento aberto.

Ami sussurrou:

-Claro que o conhecem, mas gostam de provocar medo.

Quando a caixa negra chegou perto da cabana, quatro seres desceram. A simples visão deles causava pânico. Eram uma espécie de gorilas gigantescos, corpulentos e peludos. Usavam capacetes cheios de pontas, ombreiras com pontas, sapatos com pontas, pulseiras com pontas e joelheiras com pontas. Utilizavam escudos metálicos em vez de roupas. Todos traziam objetos compridos nas mãos: armas, com certeza. Seus rostos não eram parecidos aos dos símios e, sim, aos dos humanos. Pêlos verdes cobriam todas as partes visíveis de seus corpos, exceto o rosto, cuja pele era cor-de-rosa.

-Vamos, velho parasita! Mostre seus documentos!

Krato, sem olhar para eles, tirou um cartão do meio das pregas de seu manto. Entregou-lhes.

Um dos térri pegou bruscamente o documento e examinou-o.

-Você viu passar wacos por aqui?

-Vi térris, mas não sei distinguir entre um térri waco e um térri zumbo. Para mim são todos iguais: térris

-respondeu com uma grande calma, observando a paisagem.

-Insolente! Não sabe distinguir entre um ser humano e uma fera?

-Isso sim. Os seres humanos amam e constroem. As feras odeiam e destroem.

O ser armado e peludo não gostou da resposta do velho.

-Que fazemos, chefe? Moemos ele de pancadas?

-Deixa ele. É um swama sonhador e morto de fome... como todos. Ha, ha, ha!

Tudo ia bem até que o chefe ordenou:

-Ande, vá dar uma olhada na cabana.

Senti um golpe no estômago. Vinka me apertou com mais força ainda. Ami, com as duas mãos esticadas para nós e com um sorriso, pediu-nos para manter a calma.

Krato tentou desviá-los.

-Não encontrarão nada que lhes interesse. Nem armas, nem zumbos... perdão, vocês são zumbos. É que eu os confundo. Quero dizer, nem armas, nem wacos...

-Se você não ficar calado de uma vez, vamos levá-lo para os trabalhos forçados. Estamos precisando de mais wacos e swamas em nossas fábricas de armas.

O térri entrou na cabana, examinou todos os lugares, olhou cada canto... exceto onde nós estávamos. Era impossível não nos descobrir, apesar disso, não o fez.

-Não tem nada, chefe.

-Bem. Vamos. Já sabe, velho inútil: se você encontrar um waco por aqui, nos avise. Nós lhe daremos bons presentes.

Voltaram ao veículo e afastaram-se estridentemente.

Capítulo 12

Até a volta, Kia

Ami, rindo até as orelhas, disse-nos:

-Antes que perguntem já vou explicando: hipnose à distância.

Minha pergunta foi boba:

-Também funciona com os térri?

-Com eles é mais simples. Quanto mais baixo é o nível de consciência de uma pessoa, mais fácil será hipnotizá-la; quer seja à distância ou por sugestão. Por isso, a publicidade comercial obtém grandes resultados com esse tipo de pessoas. Quanto maior é o nível evolutivo, mais desperta está a consciência.

Krato entrou na cabana rindo. Vinka lhe perguntou por que não havia sentido medo de que os térri nos descobrissem.

-Conheço as artimanhas de nosso amiguinho.

Depois contou-nos que, certa vez, Ami protegeu quatro wacos ou zumbos fugitivos -não se lembrava bem a que bando pertenciam- de uma patrulha que os procurou por todos os lugares e não os encontrou, apesar de estarem a olhos vistos.

-Eu não teria protegido um térri -disse Vinka-. Quanto mais rápido se eliminarem, mais depressa a paz se fará em Kia.

-Térris e swamas são irmãos -interferiu Ami-. O dever dos swama é guiar e proteger os térri.

Krato levantou os braços ao céu, como quem acaba de escutar uma insensatez.

-Guiar e proteger os térri! Parece que você não está percebendo. Nós estamos dominados por eles.

Possuem armas, nós somos pacíficos. Eles pensam que somos fracos e estúpidos, porque não buscamos nem poder nem dinheiro. Eles são materialistas. Consideram-nos uma raça inferior. É impossível que algum dia possamos guiá-los. A única coisa que lhes interessa é guerrear: térri wacos contra térri zumbos. Por causa dessa luta estamos na miséria. Todos os recursos do planeta são destinados a financiar a construção de armas. De repente, eles as utilizam e Kia explode.

-Se vocês não fizerem nada, assim será -disse Ami.

-Mas, o que podemos fazer?

-Ensinar-lhes. Falar-lhes da paz, da união e do amor.

Krato, cético, zombou.

-Proponha isso a um térri... vai levá-lo direto ao manicômio. O amor para eles se resume em sexo e em suas próprias famílias, no máximo. Contra o resto, mostram as garras e os dentes, até mesmo a outro térri.

Vinka achou que Krato tinha razão.

Ami, rindo, disse:

-Vocês estão mais a-térri-zados que os térri.

-Somos realistas.

Ami riu de novo.

-Realistas? Os térri a ponto de fazer seu mundo explodir e vocês de braços cruzados! E pensam que são realistas. Não fazem nada pelo seu futuro e acham que são realistas...

-É que nunca nos escutarão...

-Claro que escutarão. Em breve, os térri provocarão tragédias tão térri-veis que serão forçados a escutar.

Se vocês não estiverem ali, então, eles não saberão o que fazer, exceto destruir-se e destruir vocês.

-Mas a Fraternidade cósmica nos salvará com suas naves... -exclamou Vinka.

-Unicamente se salvarão aqueles que não tabalham em sua própria salvação, senão pela de seu mundo

-disse Ami.

-Não entendo muito a respeito das coisas do mundo -manifestou Krato, saindo da cabana-. Só compreendo a respeito da felicidade.

Ami, passando a mão por nossos ombros, levou-nos para fora.

-Isso também é importante. O amor para com nós mesmos nos impele a buscar a nossa felicidade. O amor para com os demais leva-nos a servir, a trabalhar pela felicidade alheia. Ambas as forças devem estar em equilíbrio.

Krato ficou pensativo. Coçou a cabeça.

-Parece que eu não pensei muito nos demais. Aqui, metido nessas montanhas... o que você acha, Ami?

-Não se trata de pensar, senão de fazer. Em todo caso, você já fez muito pelos demais... mesmo sem se propor.

-Eu? Ho, ho, ho! Não imagino como.

-Isso que você escreveu um dia. Um pergaminho que me deu para ler, há algum tempo atrás. Exatamente por isso é que viemos. Ali você ensina como obter amor. Vinka e Pedrinho desconhecem a receita. Eles estão escrevendo um livro que um dia será lido por muitas pessoas. Dessa forma, você também ajudará muitas pessoas...

Krato parecia não acreditar no que Ami dizia. Pensava que tudo era uma brincadeira.

-Mas... eu não acho que seja tão importante o que escrevi. Isso todo mundo sabe...

Vinka corrigiu-o.

-Se ali você ensina a obter amor, então você se engana. Isso não é todo mundo que sabe, eu não sei.

-Eu também não -disse, com muita vontade de ler a receita de Krato.

-Mas é tão fácil! -O velho não podia se convencer a respeito da importância de seu conhecimento.

-Fácil para você, mas não para a maioria. Volte lá dentro e traga o pergaminho. Quero que estas crianças o conheçam.

-Está bem, está bem, mas não me lembro de onde o deixei. Talvez os chumi-chumi... o tenham comido.

Ho, ho, ho! -Entrou na cabana. Ami olhou-o com simpatia.

-Algumas pessoas não sabem valorizar o que fazem ou têm. Outros pensam que o que têm vale mais do que merecem. Ambos atuam mal. É difícil encontrar o meio termo de todas as coisas.

Krato voltou com um rolo sujo nas mãos.

-Aqui está. Estava no meio da lenha para queimar no próximo inverno. O pergaminho ajuda a acender o fogo. Ho, ho, ho!

Ami pegou o texto com uma das mãos. Com a outra, um aparelho de seu cinto. Depois, colocou o rolo diante do objeto. Pensei que estava tirando fotografias.

-Estou registrando o texto. A imagem do pergaminho acaba de passar para a memória do "computador gigante" do qual lhes falei. Tome, Krato. Já pode ser queimado.

-Que barbaridade! Não! -exclamou Vinka-. Quero vê-lo.

-Aqui você tem uma cópia mais limpa e mais nítida do que o original.

Por uma ranhura do aparelho, começaram a sair umas folhas brancas, uma espécie de cópia xerox do texto, mas de menor tamanho.

Vinka quis ler aquilo. Ami entregou-lhe uma folha, rindo.

-Não compreendo este idioma! -exclamou decepcionada.

-Terei que fazer uma tradução manuscrita. Não será fácil para mim. Além disso, não tenho boa letra, mas terão algumas cópias em seus idiomas, para que as coloquem em seus livros.

Algum tempo depois, enquanto preparava este livro, fiquei em dúvida se devia publicar o que ele escreveu a mão ou à máquina. Para não cometer erros, fiz ambas as coisas. A primeira parte do pergaminho de Krato foi mostrada no começo deste livro. O resto do manuscrito foi fotografado. O original eu guardo como se fosse algo sagrado. É a única prova real que tenho da existência de Ami. Victor pensa que fui eu mesmo que escrevi, mudando a minha letra. Bem, se ele não é capaz de ver em tudo isso algo mais que fantasia, é uma pena. É ele quem sai pedendo...

-Se minha letra não é boa, desculpem-me -disse Ami-. Imaginem-se escrevendo no idioma dos chineses.

-Quem são os chineses? -perguntou Krato.

Vinka se adiantou em responder.

-É um povo do mundo de Pedrinho. Têm os olhos muito bonitos. Assim -disse, enquanto os esticava. Ami e eu rimos, mas o ancião ficou pensativo.

-Se você me leva no seu aparelho voador, Ami, talvez eu possa conseguir uma velhinha com os olhos assim... Os chineses comem garábolo picante?

Quando paramos de rir, Ami disse:

-Se os chineses não comem garábolo, é porque lá não são fáceis de conseguir. Caso contrário, os prepararíam de mil maneiras: eles comem de tudo, de tudo!

-Então os chineses têm bom gosto -opinou Krato-. Outra boa razão para ir lá.

O velho pareceu-me apegado demais à comida.

-Se é essa a espiritualidade dos swama, como serão os térri...

-Os térri não desfrutam a vida -explicou Krato-. Estão ocupados demais com suas guerras ou à procura de poder e dinheiro. Quando os conseguem, continuam muito ocupados defendendo o que têm ou procurando conseguir mais. Mas nunca têm tempo para desfrutar a vida: não têm bom gosto. Perdem a existência miseravelmente. A propósito: lá dentro nos espera toda uma panela com garábolo em molho picante e uma deliciosa garrafa de suco. Vamos.

Ami ria da filosofia de Krato.

-Este velho comilão só pensa em desfrutar e, em parte, tem razão, mas somente em parte. Esquece dos demais. Ignora que, quem serve ao próximo como a si mesmo, consegue finalmente desfrutar mais do que aqueles que agem de forma egocêntrica. Este velho é o swama nemos espiritualizado que conheço...

-Pode ser, mas agora que meu texto vai beneficiar a muitos, tenho o direito de deleitar meu paladar com esse garábolo "al dente". Ho, ho, ho! Vamos lá dentro. Estou com fome.

Tentou entrar na cabana, mas Ami o impediu.

-Não como carne, velho amigo. Sinto muito. Além disso, já nos vamos.

-Não como garábolo -disse eu, decidido a nem mesmo olhar o conteúdo da repugnamte panela.

-Fiquei satisfeita com os muflos de sua horta. Muito obrigada, Krato.

-Bem, se vocês o desprezam, eu é que aproveito. Ho, ho, ho! Pena que vão embora tão rápido. Espero voltar a vê-los

algum dia.

-Você sabe que estou dando algumas voltas por aqui. Talvez mais adiante, traga de novo estes amiguinhos.

Despedimo-nos afetuosamente de Krato, o velho ermitão de Kia. Hoje me lembro dele com carinho.

Gostei de sua forma espontânea de ser. Era um homem sem rodeios, sem mistérios. Não pude valorizá-lo quando estive com ele. Foi somente depois que captei a dimensão da sua pessoa, o que não é fácil de perceber num breve encontro.

Vinka beijou sua mão, em forma de adeus. Pareceu-me ver o brilho de uma lágrima fugaz nos olhos do ancião. Talvez, para dissimular a emoção, ele soltou uma última piada:

-Cuidado, menina, cuidado! Não me beije assim. Sou sempre rodeado por um bando de admiradoras que são muito ciumentas... sua vida corre perigo!

Eu, estupidamente, olhei ao redor: reinava a mais triste solidão.

Capítulo 13

Calibur

-Bem, meninos, enquanto esperamos que este aparelho nos "situe" num lugar que, por enquanto, é surpresa, vou copiar em seus idiomas o legado de Krato para a posteridade. Agora podem dar uma volta pelo terraço -disse, dando risada.

Fiquei curioso e quis saber o que aconteceria se eu abrisse a porta, enquanto transitávamos pelo espaço-tempo. Perguntei para Ami.

Ami simulou terror diante da simples idéia. Olhou para Vinka como dizendo-lhe: "que louco"! Mas ela estava apenas interessada em conhecer a resposta. Éramos dois contra um.

-Olha, nem eu mesmo sei o que aconteceria. Vamos abrir a porta para ver o que acontece -disse ele, levantando-se da poltrona. Seus olhos estavam um pouco arregalados. Aproximou-se da sala de recepção completamente decidido a abrir-la, mas nós voamos para impedi-lo.

Ele dobrava de tanto rir e, então, compreendemos que brincava.

-Saiam por aí a conversar sobre suas histórias e deixem-me escrever estas cópias antes que cheguemos.

Mas não mexam em nada, para que não voemos em pedaços pelas dimensões... há, há!... Isso vai ser difícil para mim... escrever em idiomas indecifráveis...

À sua frente, numa tela, aparecia o alfabeto do meu idioma em várias formas de escrita. Ao lado de cada sinal conhecido por mim, havia outro muito estranho. Enquanto escrevia, apertava teclas. Eu estava distraído com seu trabalho, mas a mão de Vinka tocou meu ombro.

-Vamos deixá-lo trabalhar tranqüilo. Que tal inspecionarmos a nave?

-Boa idéia! Não gosto que me espiem pelas costas -brincou.

Até então, eu não tinha prestado atenção em vários detalhes do veículo cósmico. Fiz uma vistoria com Vinka.

Coloco aqui um plano da nave que desenhei de acordo com o que fui me lembrando.

Como havia outro recinto atrás da sala de comandos, fomos conversar lá.

Pelos vidros via-se unicamente a neblina branca reverberando.

-Gostaria de saber o que é que há atrás das janelas -disse ela, com um olhar sonhador.

Ao observá-la melhor, pareceu-me incrível estar conversando com um ser de outro mundo. Ela se aproximou mais e me perguntou:

-O que você sentiu quando me viu pela primeira vez?

-É que... a verdade?

-Sim.

Como não sei mentir, tive que ser sincero.

-Você não me pareceu agradável... e eu?

-Tive a mesma impressão que você, mas meus sentimentos mudaram rapidamente. Agora é diferente...

-O que você sente agora, Vinka?

-Sinto que você é aquele com quem eu sempre sonhei.

Suas palavras expressaram exatamente o que eu sentia por ela, mas eu não o teria feito de forma tão simples.

-É isso mesmo que existe em mim. É algo profundo que cresce e cresce.

Seus olhos cor violeta pareciam irradiar luz. Estava realmente linda. Só de nos olharmos, entramos num transe que nos transportou a outras dimensões...

-Cuidado com os romances proibidos -disse Ami, da sala de comandos.

Não prestamos atenção nele e continuamos ali, olhando-nos.

-Gostaria de poder estar com você para sempre -disse-lhe, segurando as mãos.

Ami voltou a interferir de longe.

-Lembrem-se de que os dois já têm seus verdadeiros companheiros. Devem ser fiéis.

Isso nos fez pensar. Um pouco depois, ela me perguntou:

-Você sente que nosso romance é proibido?

-Não, mas se fosse, não me importaria. Como poderia deixar de sentir o que sinto? Não é coisa da vontade.

-Lembrem-se do encontro no futuro. Lembrem-se dessa pessoa...

Pensei na mulher de rosto oriental. Era verdade que, quando vivi aquela experiência, senti um amor muito grande por ela, mas agora... bem, Vinka era real; a outra, somente uma lembrança.

-Escolho Vinka para sempre -expressei com grande segurança.

-E eu, a Pedro.

Ami ria da sala ao lado.

-Passageiros entusiasmados. Chamas que qualquer brisa pode apagar... como a carne de garábolo ou cordeiro.

Ami havia tocado na ferida. Olhamo-nos com arrependimento por ter-nos julgado duramente. Passando um momento, Vinka disse:

-Pedrinho, aconteça o que acontecer, saiba você o que souber, nunca duvide de meu amor. Você será sempre o único para mim, ainda que a distância nos separe, ainda que tudo nos separe.

Lágrimas surgiram em seus olhos. Acho que senti a mesma emoção, por isso minhas palavras brotaram do mais íntimo de meu coração:

-Vinka, quando não a conhecia, sentia-me só. A partir de hoje, ainda que você não esteja comigo, estará sempre dentro de mim. Sei que nosso amor é para sempre. Com você já não me sinto vazio... não posso explicar melhor, mas você está em mim e vai estar sempre.

Abraçamo-nos. Foi a coisa mais linda de toda a minha vida. Sentimos que, a partir daquele momento, seríamos um único ser...

Depois de algum tempo, Ami, com seu bom-humor de sempre, disse:

-Chega de amores pecaminosos. Venham para cá. As cópias já estão prontas. Além disso, estamos chegando em Calibur.

Abrimos os olhos. Por trás dos vidros, junto de nós, as estrelas destacavam-se num firmamento azul-escuro.

Corremos até a sala de comandos. Lá na frente, detrás das janelas, apareceu uma visão que nos causou um impacto muito grande: dois enormes sóis; um era azul e maior; o outro, branco e menor.

-Aí está: Sírio.

-Sírio? Qual dos dois é Sírio? -perguntei.

-Os dois. Da Terra se vêem estes dois sóis como se fossem um só. Isto é porque estão muito perto um do outro, mas longe da Terra. Estão vendo aquele ponto luminoso?

Ami indicava um pequeno globo azul do tamanho de uma uva.

-Isso é Calibur. Vamos para lá. É um planeta que utilizamos para criar espécies vegetais. É como se fosse um "enorme viveiro cósmico". Tudo foi cultivado por nós. Quando conseguimos alguma espécie diferente, levamos para os mundos que podem necessitar dela.

-Quantas pessoas habitam lá?

-Somente uns poucos engenheiros genéticos, na estação de controle.

Aproximamo-nos rapidamente do círculo luminoso. Quando se transformou num imenso disco que ocupava todo o campo visual de nossas janelas, comprovei que esse mundo não se parecia ao meu planeta, porque suas cores eram diferentes.

Voávamos sobre uma extensa praia de cor violeta, junto a um tranqüilo mar de cor lilás.

Vinka expressou a sua emoção com alegria:

-Isto é muito bonito!... Não poderíamos descer?

-Não há inconveniente. Além disso, prometi a Pedrinho que o traria a estas praias...

Verdade. Isso aconteceu na minha viagem anterior.

-Aqui, as condições de oxigênio, gravidade, temperatura e flora não os afetarão em nada. Nem vocês afetarão o planeta.

A nave parou no ar. Depois pousou no terreno.

-Devo preparar o itinerário de nossa próxima viagem. Vocês podem sair a caminhar por aí. Não temam.

Aqui não existe nada que lhes possa fazer mal, mas não comam nada.

A porta abriu-se. Descemos pela escada. Caminhamos pelas suaves areias iluminadas por um sol azulado, tão grande como o que vi em Ofir.

-Mmmmm! Que ar agradável! -exclamou Vinka, aspirando profundamente-. Parece uma mistura de flores e algas marinhas.

A intensidade da luz, apesar do enorme sol, era menor que na Terra, Kia ou Ofir, devido a uma névoa espessa. Aquilo lembrava uma praia ao entardecer, mas de cores infinitamente mais sutis que em meu planeta. Além disso, as areias terrestres não são de cor violeta e o mar lilás...

De mãos dadas, fomos caminhando. Chegamos numa curva. Apareceu um jardim maravilhoso, cheio de plantas floridas que chegavam até o mar.

Vinka estava radiante.

-Isto é o paraíso!

Entramos no meio das plantas, afastando-nos da praia. Mais adiante, encontramos um bosque de pequenas árvores. Estas não tinham folhas e, sim, filamentos delgados. Pareciam artificiais devido às suas cascas tão polidas.

O sol gigantesco punha-se sobre as águas e iluminava o rosto de Vinka, dando-lhe a tonalidade azul-celeste brilhante. Sentamo-nos debaixo das árvores. As folhas caídas formavam um suave colchão por entre as flores.

Durante muito tempo, contemplamos os reflexos nas águas quietas. Eu nunca tinha visto um pôr-de-sol tão estranho e maravilhoso.

Observei que os cabelos de Vinka eram iluminados por uma outra luz: um segundo sol aparecia atrás das árvores, às nossas costas.

-Veja: o outro sol!

-Isto é maravilhoso! O pôr e o nascer ao mesmo tempo!

Rimos com alegria.

Passou um momento. Vinka, com um indício de tristeza, disse-me:

-Acho que isso não é correto...

-O que você quer dizer?

-Sabemos que alguém nos espera, no futuro...

Permanecemos um momento em silêncio. Ela tinha razão.

-Acho que Ami abriu as nossas feridas ao permitir que nos encontrássemos. Ele podia ter imaginado que nos sentiríamos atraídos, podia ter evitado isto... -disse eu.

Ela queria reter aquele momento.

-Mesmo assim, isto foi a coisa mais maravilhosa que aconteceu em minha vida... obrigada, Ami.

Também tinha razão. Só o que perturbava a nossa felicidade era a lembrança de um encontro no futuro.

Senti curiosidade em saber quem era a alma gêmea de Vinka. Talvez, com um pouco de ciúme, perguntei-lhe:

-Como era esse herói?

-É melhor esquecermos aquilo para sempre e pensarmos somente em nós.

-Magnífica idéia. Eu esqueço a mulher do sinal da testa e você esquece seu príncipe azul.

-Como você sabe que era azul?

-Por quê, Vinka?

-Porque tinha a pele azul...

-Então, todas as almas gêmeas talvez tenham a pele dessa cor, porque a jovem que eu vi também tinha a pele assim.

Aquilo a interessou vivamente. Pediu maiores detalhes.

-Eu vinha flutuando pelo ar, perto de uma lagoa onde nadavam cisnes que me cumprimentaram. Os prados, as

flores e os juncos cantavam. Ela me esperava em...

-Entre trepadeiras cor-de-rosa e almofadas com franjas coloridas?

Fiquei estupefato. Como ela podia saber?

-Acho que você leu meu livro...

-Se você lesse o meu, encontraria a mesma situação, mas do ponto de vista da jovem que espera...

-É você!

Abraçamo-nos como querendo nos fundir em um só ser, agora sem sentimentos de culpa. A felicidade nos invadiu. Minhas sensações eram muito parecidas àquelas que vivi nesse encontro futuro...

-Chega de romance -interrompeu a voz de Ami. Ele nos observava de pé no meio das flores, sorrindo.

-Você é um mentiroso. -Vinka fingiu estar zangada.

Ela se referia a ele nos ter dito que nossas almas gêmeas estavam na Terra e em Kia. Além disso, tinha afirmado que nosso romance era proibido.

-Quis que descobrissem por vocês mesmos. Não foi melhor assim?

-Mas você mentiu...

-Se lhes tivesse dito algo assim como "quero apresentar-lhes seu companheiro", teria sido algo forçado, obrigatório, sem surpresa; deste jeito, tudo surgiu espontaneamente. Coloquei obstáculos intencionalmente para ver se vocês os superavam. Fizeram-no muito bem.

Caminhando de volta para a nave perguntei:

-Quando será esse encontro no mundo cor-de-rosa?

-Vocês ainda se unirão algumas vezes. Daqui por diante, se procurarão sempre, de vida em vida e se encontrarão. No final, muito depois do encontro que viverão no mundo cor-de-rosa, fundir-se-ão num só ser.

Estarão completos. Por enquanto, são duas metades de um mesmo ser, evoluindo separadas.

-E agora, devemos nos despedir? -perguntou Vinka.

-Sim. Logo você voltará a Kia e Pedrinho a Terra. Lembrem-se de que vocês têm uma missão de ajuda em seus mundos. Se não servissem aos seus irmãos, demonstrariam egoísmo. Quem é egoísta não tem um bom nível. Quem não tem um bom nível não merece encontrar a sua alma gêmea. Isso é um prêmio, tem que ser conquistado assim como se conquista um mundo melhor. Se não servirem ao amor, o destino os irá separando. E, se ao contrário, forem úteis aos demais, com maior rapidez, o destino os unirá.

Subimos tristes a escada da nave.

-Vai ser dura a separação...

-Será fácil, porque agora já sabem que o seu complemento existe, sabem que são lembrados e esperados.

Além disso, poderão comunicar-se...

-Como? Você nos deixará algum microfone?

-Não é necessário. Quando duas almas estão unidas pelo amor, a comunicação supera o tempo e o espaço.

Capítulo 14

O pergaminho e duas possibilidades

Enquanto nos "situávamos" em algum lugar ignorado, comecei a ler o pergaminho de Krato, tal como Ami o tinha escrito:

Ei-lo:

Amor é um ingrediente sutil da consciência.

É capaz de mostrar o sentido profundo da existência.

Amor é a única "droga" legal.

Alguns procuram equivocadamente no álcool e em outras "drogas" o que o Amor produz. Amor é o sentido mais necessário da vida.

Os sábios conhecem o segredo e só procuram Amor. Os outros o ignoram e por isso procuram o externo.

Como obter Amor?

Nenhuma técnica serve, porque Amor não é material. Não está submetido às leis do pensamento e da razão.

Elas é que estão submetidas a Ele.

Para obter Amor, deve-se saber antes que Amor não é um sentimento, mas um Ser. Amor é alguém, um Espírito vivo e Real, que quando entra em nós, chaga a felicidade, chega tudo.

Como fazer com que Ele venha?

Primeiro deve-se acreditar que existe (porque não se vê, só se sente) (alguns o chamam Deus), depois deve-se buscá-lo em sua morada íntima: o coração.

Não é preciso chama-lo porque já está em nós.

Não é preciso pedir-lhe que venha, mas deixá-lo sair, liberá-lo, entregá-lo.

Não se trata de pedir Amor, mas de dar Amor.

Como se obtêm Amor?

Dando Amor.

Amando.

-Então o amor é um ser. Isso não aparece em nenhum livro que eu tenha lido -disse eu.

Ami sorriu e ligou os controles.

-É lógico que aparece. Em um.

-Em qual, Ami? Esse eu não li.

O menino do espaço começava a divertir-se.

-Leu, sim. Mais ainda: você o escreveu. Ali aparece.

-Em "Ami"?

-Em "Ami" -respondeu Ami.

-Não me lembro...

-Então leia de novo. Algumas pessoas falam de "posessão demoníaca", quando alguém comete barbaridades. Podem imaginar que as forças negativas formam um ser. Mas, se alguém está com o amor, ninguém pensa em falar de "posessão divina". Vocês são muito interessantes... Pense nisso. Melhor ainda é colocar em prática o conselho de Krato.

Vinka aproximou-se de mim.

-Para mim vai ser muito fácil... agora.

-Espero que você consiga estender o seu afeto para além de Pedrinho. Seu povo precisa de você, em Kia.

Antes que voltem, mostrar-lhes-ei algumas gravações...

-Para que voltaremos a Kia? -perguntei alarmado.

-Não disse que estamos indo exatamente para Kia, mas o momento vai chegar.

-Então... não tem remédio?

-Vinka não pode ficar aqui para sempre. Ela deve voltar para seu mundo, escrever outro livro, continuar servindo. Você deve fazer o mesmo em seu planeta, mas antes vejam isso.

Detrás dos vidros, apareceu um mundo cinza-escuro. Não nos interessou: nem a mim, nem a Vinka.

Ambos permanecemos de mãos dadas, olhando-nos com tristeza.

-Chega de dramas baratos -exclamou nosso amigo sorrindo.

-É que vamos nos separar...

-E qual é o problema? Não estarão afastados para sempre. Logo terão oportunidade de estar unidos eternamente. Vamos, vejam isso: a destruição de um mundo! -procurou entusiasmar-nos.

Nem mesmo aquela notícia nos interessou. Estávamos muito tristes.

Ao ver-nos assim, Ami apagou a imagem. Depois nos disse:

-Parte da evolução consiste em aprender a superar o apego, porque o espírito procura a liberdade.

-Mas nós nos amamos...

-O verdadeiro amor não é apego. Não aprisiona nem se aprisiona. Liberta e se liberta. Aqueles que se amam de verdade não precisam estar grudados como siameses... há, há! Querem receber esse castigo na próxima encarnação?

Não sabíamos se brincava ou se dizia a verdade, mas as suas palavras nos acordaram.

Ligando novamente o sistema que projeta imagens nos vidros, explicou-nos:

-Isto que vão ver aconteceu a um mundo que não conseguiu superar a sua violência e a sua maldade, apesar

de todos os esforços daqueles que participaram do plano de ajuda para este mundo. Vejam: A atmosfera estava escurecida por uma grossa camada de nuvens cinzentas. Observamos grande quantidade de naves que desciam ao planeta.

-Estão assistindo a uma "operação resgate". As naves descem para buscar aqueles que têm "setecentas medidas" ou mais, para salvá-los, porque o merecem. É, na verdade, algo muito triste, um fracasso. Todos os esforços foram em vão.

As imagens passavam uma após outra como uma espécie de documentário filmado. A Terra tremia em quase todos os lugares. As cidades costeiras eram varridas por gigantescas ondas. Apareceu uma nave-mãe igual à do Comandante.

-É necessário abrigar vários milhões de pessoas...

-Vários milhões!

-Há mais pessoas boas do que vocês imaginam... Muitas vezes a maldade é simplesmente uma rebeldia diante da injustiça, expressa por caminhos errados. Outras vezes, são maus hábitos coletivos, provocados por sistemas de organização ruins. Geralmente, os costumes ou a necessidade obrigam as pessoas a agirem mal; por isso, é necessário que sejam difundidas as mensagens que estamos enviando. Quanto mais e mais trabalhem, menores serão as probabilidades de que em seus mundos aconteça o que estão vendo aqui.

Mostrou cuidadosamente o trabalho de uma nave sobre uma cidade. Muitas pessoas eram "içadas" por meio de raios luminosos. Seus rostos mostravam surpresa ou temor. Em muitos casos, alegria.

-Por que está tudo tão escuro?

-Porque acabaram de explodir milhares de bombas nucleares. Logo começará a chuva radioativa. Depois, o planeta esfriará tanto que será impossível sobreviver.

-Por que não as resgatam?

-Não têm um bom nível -respondeu Ami.

-Ah! Observam seus níveis de evolução atravéz do "sensômetro"...?

-Neste caso não é necessário. Esta é uma comunidade retirada da civilização. Todas estas pessoas decidiram escapar dos problemas, em vez de trabalharem para resolvê-los. Não têm um bom nível. Agora, por terem desejado salvar somente "suas" vidas, perderam a vida... Deverão esperar por uma nova oportunidade em outro mundo. Para uma nova existência será...

As palavras de Ami; a visão de um mundo completamente escurecido pelas nuvens de pó contaminado; o espetáculo dos seres humanos morrendo num planeta que não parava de tremer, com montanhas de água cobrindo os continemtes, destruindo tudo ao passar, enquanto milhares de naves selecionavam somente alguns poucos milhões de pessoas, deixando a maioria condenada à morte. Tudo aquilo nos causou uma terrível angústia.

Vinka tinha lágrimas nos olhos.

-Parece-me terrivelmente cruel deixar essas pessoas ali abandonadas, elas que se retiraram para viver uma vida mais em contato com a natureza, quando viram que tudo estava perdido.

-Você se engana. Elas não escaparam quando tudo estava perdido, foi muito antes, quando ainda havia possibilidade de fazer alguma coisa. Talvez, o trabalho delas tivesse sido suficiente para salvar este mundo.

Lembre-se de que o cântaro transborda com uma gota...

Apesar das explicações de Ami, pareceu-me vingança deixar ali essas pobres pessoas.

-Não se trata de vingança, mas de selecionar as "boas sementes". Unicamente com boas pessoas pode-se desenvolver uma civilização onde é possível dormir em paz, com a porta aberta ou deixar os bens de consumo à livre disposição das pessoas.

Aqueles que escapam não seriam "boas sementes". Se lhes fosse dada a oportunidade de chegar a um mundo

como o que se quer construir, não teriam disposição de serviço e cooperação. Simplesmente lhes falta amor. No fundo, o que os impulsionou a fugir foi um egoísmo que pode ser disfarçado em qualquer coisa: vida sã, saúde, purificação, evolução espiritual inclusive mas, no fundo, é simples egoísmo. É como se um médico fugisse do hospital por medo ao contágio e dissesse que sua saúde é a única coisa que importa. Se todos os médicos pensassem assim... coitados dos doentes.

As explicações de Ami conseguiram me fazer entender melhor a situação. Mesmo assim, o destino dessas pessoas ainda me intristecia. Por isso perguntei:

-Não existe a possibilidade de criar um mundo bom, sem que milhões de pessoas sejam eliminadas?

-Excelente pergunta!

-Por quê?

-Porque é claro que é possível. Agora lhes mostrarei outras gravações. Aqui tenho o registro do que aconteceu em outro lugar. Vejamos.

Ami acionou novamente os controles. Nos vidros, apareceram novas imagens. Desta vez se tratava de um mundo muito parecido com a Terra ou Kia. As pessoas, também, eram quase iguais a nós, de várias raças, inclusive.

Numa importante cidade, havia grandes multidões diante das portas de um enorme edifício.

-Estamos assistindo a um momento histórico: acaba de ser criado o Governo Mundial. Os representantes escolhidos por cada país não são políticos comuns...

-Quem são, então?

-Servidores do Plano Cósmico. Este mundo começa a ser regido pela Lei de Deus, pelos princípios universais.

Vinka parecia fascinada.

-Que maravilha!

-Houve aí a união de muitos grupos espirituais, religiosos, ecológicos e pacifistas. Eles fizeram a proposta da

convivência fraternal, praticada em todos os mundos civilizados e as pessoas decidiram acreditar neles...

não houve outro caminho...

-Por quê?

-Porque houve um descalabro econômico em nível mundial. Por outro lado, devido a inúmeras experiências atômicas, à contaminação, a abusos na utilização dos recursos naturais, houve grandes desequilíbrios ecológicos e mudanças climáticas que afetaram a produção de alimentos. Apareceram novas epidemias, pestes, pragas, guerras em todo o mundo; guerras entre sistemas sociais, guerras por fronteiras, guerras por diferenças religiosas. Gastava-se todo o dinheiro em armas. Houve fome, miséria, medo... as pessoas se cansaram e, como havia só uma alternativa capaz de parar a loucura coletiva, pacificamente e de comum acordo, decidiram experimentá-la.

Por trás dos vidros, apareciam várias cenas.

-Agora, estamos vendo o momento no qual se executa a primeira medida do Governo Mundial.

Em todas as cidades, milhões e milhões de pessoas estavam reunidas diante de toneladas e mais toneladas de equipamentos de guerra: metralhadoras, fusis, canhões e todos aqueles elementos de destruição que tanto orgulho provocam em algumas pessoas de meu planeta.

-Que estão fazendo?

-Neste momento em cada país, ou melhor, "ex-país", em cada estado deste mundo se realizará a transformação das armas.

Vimos como as grandes chamas fundiam os metais. Nos portos, os barcos de guerra eram transformados em cargueiros. Nos aeroportos, os aviões de guerra, em naves de passageiros. Os tanques em tratores...

Lembrei das palavras do profeta Isaías, aquelas que aparecem no começo de meu livro anterior. Vou transcrevê-las aqui da forma como estão escritas na Bíblia:

"... e das suas espadas forjarão relhas de arados,
e das suas lanças, foices.
Não levantará a espada uma nação contra outra nação,
nem daí por diante se adestrarão mais para a guerra."

Enquanto as chamas fundiam os metais, num ato simbólico de paz e irmandade, as pessoas cantavam canções. Muitas choravam de emoção.

-Agora observem com atenção. Aqui aparece a melhor parte.

No céu surgiram vários milhões de objetos luminosos que começaram a voar em círculos ao redor das fogueiras. As pessoas os saudavam com emoção e alegria. Algumas naves desceram e seus ocupantes saíram para reunir-se com aqueles que participavam daquele ato que bania para sempre a destruição e a violência da face daquele planeta.

Atravéz de auto-falantes, os visitantes espaciais se apresentavam para as multidões: "Nós os saudamos, irmãos deste planeta. Este maravilhoso ato que vocês realizam hoje foi inspirado pelas forças construtivas do universo. Repercutiu no melhor de seus corações e impulsionou-os a lutar para salvar seu mundo. Vocês conseguiram superar o egoísmo, a ignorância, a desconfiança e a violência. Isto indica que alcançaram um bom nível para ingressar na Fraternidade Cósmica. Daqui em diante, não haverá mais sofrimento. Estamos aqui para oferecer-lhes toda a nossa bagagem de conhecimentos científicos e espirituais para que, dentro de muito pouco tempo, estejam organizados de acordo com a harmonia cósmica regida pelo Amor Universal...".

As pessoas abraçavam-se, levantavam suas mãos às naves, com gestos maravilhados e felizes.

Apesar de o espetáculo ser emocionante

-Vinka chorava abertamente- consegui dominar os meus sentimentos e fiz uma pergunta:

-Como é possível que essas pessoas não sintam medo diante da aparição das naves?

-A resposta é muito simples -disse Ami, sorrindo-. Isso é devido a toda uma difusão de informações que nossos amigos, os missionários, realizaram previamente. Todos os grupos motivados pelo amor reconheciam nossa existência e ajuda. Todos eles profetizavam, segundo nossas mensagens, que uma vez que se produzisse a unidade e a eliminação das armas, apareceriam as naves de seus irmãos do espaço. Isso foi criando uma consciência universalista nesta humanidade. Por isso suas missões são importantes.

Vinka, surpreendida pelo espetáculo fraternal que se desenrolava diante de seus olhos, expressou seu entusiasmo:

-Gostaria de estar ali! Leve-nos, por favor...

Ami começou a rir.

-Você não sabe o que está pedindo. Estas imagens já foram registradas há tanto tempo que, nos momentos em que aconteceram estes fatos, o homem de seus mundos desconhecia a escrita.

-Não pode ser...

-É melhor que acreditem.

-Por que você utilizou imagens tão antigas? Nenhum outro mundo se salvou desde aquela época?

A risada de Ami nos fez compreender que nos enganávamos.

-A razão pela qual lhes mostrei este mundo é porque, aqui, as pessoas são muito parecidas com vocês.

Assim tudo lhes pareceria mais familiar, mas posso mostrar-lhes o mesmo espetáculo em vários milhares de mundos desta galáxia e em todas as épocas.

-De qualquer forma, eu gostaria de ir. Ver como evoluíram em tantos milênios -disse Vinka.

-Gostaria de poder levá-los, mas não temos tempo. Posso informar-lhes que este mundo, hoje, é muito parecido aos planetas civilizados que vocês conhecem. Existe só uma raça humana e...

-Só uma raça? Aqui vejo várias...

-Sim, mas com os anos foram misturando-se. Hoje é uma só: a que resultou da miscigenação de todas as demais.

Vinka pareceu ficar triste.

-Então... todas estas pessoas que vemos... estão mortas?

O rosto alegre de Ami nos fez pressentir que não era assim.

-Estão todos bem vivos e felizes.

Nossos olhares exigiram dele uma explicação. Em Ofir, ele me disse que um senhor que aparentava sessenta anos tinha, na verdade, quase quinhentos, mas essas pessoas deveriam ter milhares...

-Uma vez que um mundo ingressa na Fraternidade, toda a sua população permanece viva para sempre...

Nossas bocas abertas fizeram Ami rir.

-... Desculpem-me se estou rindo, mas as suas caras... eu os compreendo. É uma surpresa muito grande, mas é verdade. Nossas descobertas no campo científico e espiritual permitem-nos deter o envelhecimento celular e, quando um mundo ingressa na Fraternidade, entregamos-lhes todo o nosso conhecimento.

Não compreendi. Embora o homem de Ofir tivesse quinhentos, parecia mais velho que os demais, portanto havia um envelhecimento celular.

-Por que, então, o homem de Ofir não parecia jovem?

-Porque seu corpo não era tão jovem... -disse, com malícia.

-Não compreendo...

-Acontece que não são todos os que querem submeterse indefinidamente ao processo de interrupção do

envelhecimento. Alguns evoluíram mais do que o resto de seus irmãos. Então, o mundo no qual vivem já lhes é "pequeno". Devem ir para mundos superiores mas, antes, precisam devolver o corpo que utilizaram.

Não podem ir com ele para mundos superiores. Assim, deixam-no envelhecer até que não funcione mais...

-Até morrer?

-O corpo somente. Nos mundos da Fraternidade, as pessoas sabem como permanecer conscientes fora do corpo físico. Estão sempre com a consciência desperta. Assim passam do velho corpo ao novo, sem perder a consciência nem a memória... a vida eterna é uma realidade assegurada para aqueles que conseguem chegar a um mundo civilizado.

-Assegurada?

-Bem, é questão de saber interpretar as Sagradas Escrituras de seus mundos. Ali se promete vida eterna para alguns...

-Então... a morte...

-A morte não existe em nenhum lugar. Você acha que Deus é tão mau para permitir uma coisa assim?

Unicamente existem mudanças de estado. O espírito é eterno. Para as pessoas dos mundos incivilizados não lhes é concedido o direito de mudar de corpo, conservando a memória da vida anterior. Isso produz a "ilusão da morte", mas nos mundos civilizados todos se lembram de suas experiências passadas.

Vinka escutava maravilhada.

-Então vale a pena chegar num mundo superior.

-É assim mesmo, mas repito: é preciso que isso seja conquistado. Nada se obtém sem esforço. Não se colhem ambroquinhas sem semear.

-Que coisa é essa de ambroquinha?

-Umas frutas muito gostosas do meu mundo...

Lembrei-me de que em sua visita anterior, ele tinha prometido levar-me ao seu planeta.

-A propósito...

-Sim. A propósito -disse Vinka- lembre-se de que você prometeu levar-me a sua casa.

-À minha casa? -fingiu surpresa-. Eu apenas disse que você conheceria o meu planeta. Só que não podem sair da nave nos mundos civilizados, por enquanto. Estamos indo justamente para lá, para Boneca Galática.

-O que á Boneca Galática?

-Assim se chama o planeta em que vivo. Logo chegaremos.

-Que nome bonito! -exclamou Vinka.

-Bem, pelo menos é mais agradável do que Kia ou Terra. Essas palavras não têm poesia.

Perguntamos a ele se todos os mundos civilizados tinham um nome como aquele.

-Quase todos, embora alguns queiram conservar os originais. Em geral, buscamos nomes poéticos para tudo: mundos, regiões, rios, montanhas, lagos, lugares, caminhos.

-Em Kia, colocamos os sobrenomes dos heróis.

-Guerreiros, você quer dizer -corrigiu Ami-. Como seus mundos são violentos e beligerantes... se vocês fossem mais evoluídos utilizariam nomes de artistas, cientistas e Mestres. Quando tiverem evoluído mais, procurarão imagens mais belas.

Entusiasmada pelo que acabava de ouvir, Vinka disse:

-Vamos, Pedrinho. Eu o convido a caminhar por estes campos. Vamos pela rua das aves azuis até a praça do espelho mágico...

Segurou minha mão e me levou para a sala posterior da nave. Gostei da fantasia que ela propunha, mas não pude acompanhá-la no jogo. Minha imaginação não funciona bem quando existem outras pessoas presentes. A timidez me bloqueia.

-Se o que você tem a mostrar é bom para os demais, guarde no bolso a opinião alheia -disse Ami, da sala de comandos-. Aprenda a ser você mesmo, sem pedir licença.

Trate de compreender o que significa um coração com asas... com asas.

Vinka pareceu não gostar muito de que Ami se intrometesse em nossos jogos utilizando a telepatia. Por isso, fingiu falar atravéz de um alto-falante:

-"Pedimos à tripulação que não interfira nas coisas íntimas dos outros membros da nave".

-Você tem razão -disse Ami-. Nos mundos civilizados, não respeitar a intimidade das pessoas é um delito grave.

Vinka encontrou nisso motivo para uma brincadeira.

-Então, por que é que você não está preso?

Ami respondeu, rindo:

-Sinto muito. Tenho o grave defeito de captar pensamentos e vocês, como bons incivilizados, pensam num volume terrivelmente alto. É difícil não escutar o som de um aparelho de rádio a todo o volume.

Acontece que vocês ainda não aprenderam a aquietar seus pensamentos. Se nós não o fizéssemos, imaginem a terrível cacofonia que teríamos que suportar, por sermos telepáticos! Por isso, quando vamos realizar trabalhos em seus mundos, preferimos transitar por zonas onde o "ruído" é menor.

Aquilo me interessou muito, mas não quis contrariar Vinka. Evidentemente ela queria conversar a sós comigo. Por isso, perguntei mentalmente:

-"Em quais zonas da Terra é menor o "ruído" dos pensamentos?

-Existem, em seus mundos, pontos localizados em lugares que correspondem a zonas mais sutis do grande organismo chamado planeta...

-"Não é igual em qualquer lugar?"

-Uma célula do cabelo não é igual a uma do cérebro. Do mesmo jeito, existem lugares especiais também nos planetas. Nesses pontos, as radiações são mais sutis; portanto, as pessoas que habitam esses lugares são menos

"brutalhentas"; por isso, é mais suportável para nós transitar nessas regiões.

-Seria mais suportável se você nos deixasse conversar em paz -expressou Vinka.

-Está bem, mas tentem não fazer muito "ruído" com seus pensamentos caóticos e emoções descontroladas.

-"As emoções também fazem "ruído"? -perguntei mentalmente.

-As emoções negativas ou descontroladas são a pior fonte de "ruído". Não direi mais nada... Vinka pode tentar tirar-me da nave -riu- apesar de que não terão muito tempo para suas telenovelas baratas. Já chegamos em Boneca Galática.

Capítulo 15

Boneca Galática

Parecia um mundo de brinquedo, um povoado semelhante aos dos duendes de desenhos animados infantis. Muitas casas tinham forma de cogumelos de várias cores, outras eram esferas que flutuavam no ar, com janelinhas cheias de plantas e flores. Todos os habitantes que observei eram crianças. Absolutamente todos.

-Não somos todos crianças, apesar de que gostamos de manter essa aparência. Acontece que, internamente, somos todos brincalhões, infantis no bom sentido. É por isso que nosso mundo se chama

"Boneca", uma coisa que serve aos pequeninos.

-Eu pensava que os mundos civilizados eram iguais em tudo -disse.

-Claro que não! Isso seria muito chato. Ao contrário, cada mundo se caracteriza por seu "estilo", dependendo dos gostos particulares de seus habitantes.

-Veja isso! -exclamou Vinka, ao ver um veículo aéreo que passava por perto. Tinha a forma de uma fruta e estava pintado com desenhos: rostos de animaizinhos sorridentes, flores, estrelas e nuvens.

-Nossos veículos não espaciais são feitos de acordo com a nossa fantasia. Se os vissem por dentro, ficariam loucos.

-Por que esta nave não é assim?

-Porque as naves espaciais devem ser construídas de acordo com as normas da Fraternidade. Isso se faz para evitar a desordem visual. Em algumas cidades e ruas de seus mundos se produz uma verdadeira

"cacofonia ótica": um arranha-céu de aço e vidro ao lado de uma catedral medieval; letreiros, fios, postes...

coisas que deixam um guarapodáctilo doente dos nervos...

Não tivemos tempo de perguntar de que se tratava, porque um gigantesco animal branco já se aproximava de nós. Parecia um urso de pelúcia. Tinha o tamanho de um edifício...

Ami, rindo, avisou-nos:

-Não se preocupem; ainda que nos engula, é um brinquedo divertido.

Exatamente. O "urso extraordinário" aproximou-se de nós, levantou a mão e segurou a nossa nave, sem tocá-la. Deve de ter sido atravéz de algum tipo de magnetismo Ami ria de nossa surpresa. Achamos que estávamos num parque de diversões, por esse motivo não sentimos medo, quando o urso nos engoliu e tudo ficou escuro.

De repente, uma luz cor-de-rosa iluminou a sala de comandos. Em vez de vísceras, costelas ou o interior do estômago, surgiu um espetáculo fascinante: uma infinidade de personagens como os dos contos de fadas movimentavam-se por entre os cenários absolutamente fantásticos: bosques irreais, castelos enormes, paisagens maravilhosas. Não consegui saber se aqueles seres tinham vida ou se era uma espécie de filme.

Talvez fossem bonecos mecânicos.

-São persongens de antigos contos infantis. Isto foi filmado com pessoas fantasiadas e, agora, estamos vendo a projeção com o sistema tridimensional ou "hiper-real".

Fomos descendo pelo interior do corpo do boneco. Mais abaixo tudo se tingiu de uma cor verde-clara muito bonita.

Agora, a visão era ainda mais fantástica: por entre os cenários, em formas indefinidas, apareciam silhuetas e cores que se modificavam e alguns seres parecidos com fadas flutuavam. Seus corpos eram transparentes...

-Isto é um filme de seres que habitam outros planos vibratórios, em outras dimensões. São fadas, gnomos, ondinas, sílfides e salamandras, entre outros.

Vinka estava impressionada.

-Então esses seres existem de verdade?...

-Claro que existem. São tão reais como você, eu ou os tripping...

Já não perguntávamos nada, quando Ami mencionava palavras estranhas. Compreendíamos que brincava, ainda que nem sempre tivéssemos certeza disso.

-Agora, entraremos na última parte. Não precisam sentir medo.

Dessa vez, foi uma luz âmbar-topázio que inundou o interior da nave. Ao observar pelos vidros, vimos um desfile ainda mais incrível: os seres que o formavam tinham corpos acesos, corpos de fogo. Havia os de chamas vermelhas, violetas, amarelas, azuis, verdes e brancas. Tinham forma humana, ainda que sem traços definidos, já que eram pura chama, excetuando os olhos. Que olhos! Olhares fascinantes, penetrantes, cheios de ternura e força.

Um dos seres nos olhou fixamente, aproximou-se de nossa nave e depois, o assombro: atravessou as janelas e entrou na sala de comandos. Pensei que tudo se queimaria, que se produziria um incêndio. Tive medo de que aquele ser de chamas vermelhas muito fortes pudesse me queimar...

-Não temam -disse Ami, quando viu Vinka com os olhos muito abertos, contemplando aquele chamejante ser que dançava entre nós, iluminando o interior da nave com a cor de suas chamas-. Tudo é uma brincadeira -disse.

O tipo esbraseado e vermelho saiu, atravessando as janelas. Outro, de cor amarela, entrou em nosso veículo e executou uma dança assombrosa.

-Se vocês soubessem compreender a linguagem de seus movimentos, descobririam grandes verdades universais - explicou Ami.

Quando o ser amarelo se retirou, outro se apresentou. Assim, todos aqueles personagens "acesos" foram passando um por um. Quando saiu o último, de cor branca, uma grande porta abriu-se. Saímos pelas costas do "urso gigante".

Ami esperava feliz por nossas perguntas.

-Quem eram esses seres?

-Eles são os habitantes dos sóis. Mas, é claro que tudo foi um filme, uma projeção.

-Não pode ser projeção. Eles estavam no interior da nave. Não havia nenhuma tela aqui...

-Um raio de luz pode ser projetado através dos vidros...

Não compreendemos o sistema, mas não tivemos outro remédio senão acreditar nas palavras de Ami.

-Se algum deles tivesse realmente penetrado em nossa nave, teríamos nos derretido, desintegrado...

-Eles têm uma temperatura muito elevada?

-Não somente a temperatura, mas um nível vibratório insuportável para nós... Bem, agora vamos para a minha casa.

A nave adquiriu uma velocidade incalculável. Em poucos segundos, chegamos perto de uma das extremidades daquele planeta. Tudo estava absolutamente nevado. A noite caía.

-A minha casa está por ali, vejam!

Observamos um povoado realmente encantador. Imediatamente me lembrei de um enfeite que tínhamos em minha casa: uma bola de cristal cheia de água. Em seu interior, havia uma casinha, uma paisagem campestre. Ao virá-la, começavam a cair pequenas partículas brancas parecidas a flocos de neve. Fora da nave, o espetáculo era bastante parecido. A neve caía em abundantes e silenciosos flocos. Tudo estava forrado de branco: árvores, colinas e

casas. Estas últimas eram todas esféricas. Muitas não tocavam o chão, flutuavam vários metros acima. Tinham amplas janelas iluminadas por luzes interiores. Algumas eram completamente transparentes, feitas de um material semelhante ao vidro. Não vi cortinas. Compreendi que as grandes janelas podiam ser escurecidas ou iluminadas segundo a vontade de seus moradores. Em geral, podíamos observar toda a atividade do povoado através das janelas.

-Não temos muito que esconder -disse Ami, sorridente.

-Por aqui, as coisas não são de brinquedo -observou Vinka.

-É uma questão de estilos. Adotamos o tipo de construção mais adequado às características geográficas e climáticas. Os povoados que vocês viram anteriormente estão localizados nas zonas mais quentes. Povoados como aqueles não seriam compatíveis com nosso clima.

Perguntei se os habitantes das regiões mais frias eram menos brincalhões que os das zonas quentes.

-Nas regiões mais quentes, as pessoas têm mais inclinação para a alegria; nas mais frias, os jogos são mais calmos, porque tudo no universo é um jogo -cada um com seu estilo: os mundos, os povos, as instituições e as pessoas. Alguns se inclinam para jogos terríveis como nos mundos incivilizados e ficam longe do "Jogo de Deus"; outros, para jogos mais elevados, mais próximos da paz, do bem, do amor e aproximam-se do verdadeiro sentido do universo.

Vinka ficou pensativa.

-Nunca me disseram que Deus brinca. Pensava que Ele era muito sério. Cheio de amor, mas sério. E você fala do "Jogo de Deus". Que jogo é esse?

-O universo é uma criação da imaginação de Deus. Isso é uma arte, uma espécie de jogo. As almas vão, através das vidas, aprendendo as "regras do jogo", até que conseguem captar seu verdadeiro sentido: a vida só tem um segredo, uma só fórmula que leva diretamente à felicidade.

-Bom comportamento -eu disse, sem muito entusiasmo, lembrando os conselhos de minha avó.

Ami e Vinka riram. Depois nosso amigo explicou:

-"Bom comportamento" pode ser muitas coisas. Se você se refere a obedecer a regras e ordens, por medo ao castigo, isso não leva a nada. Existe, entretanto, um "bom comportamento" que leva infalivelmente à felicidade.

-Então, diga de uma vez o que é -disse Vinka impaciente.

-O único segredo, a única fórmula ou receita para ser feliz, consiste em viver com amor -disse Ami, levantando-se da poltrona de comando.

-Parece que você já disse isso...

-Claro que já disse. De uma forma ou de outra já foi dito. Já foi dito milhares de vezes. Todos os grandes Mestres de todos os mundos não falaram de outra coisa. Toda religião verdadeira o diz e, se não o diz, não é verdadeira, não está baseada na Lei Fundamental do universo. Não existe nada de novo no amor. É a coisa mais antiga do cosmos. Apesar disso, milhares e milhares de pessoas pensam que o amor é sentimentalismo e debilidade humana. Acham que falar de amor é coisa de bobos e que, se o ser humano tem algo bom, está do lado do intelecto e das teorias, da astúcia, do rendimento material ou da força bruta. São como um homem que se asfixia numa caverna e ri do ar puro. Por isso, tudo o que se diga a respeito da necessidade básica dos seres humanos -o amor- nunca será suficiente. Existem aqueles que não o ignoram, mas não o colocam em prática nas suas vidas, ou não o bastante; por isso, não conseguem obter a felicidade. Tudo o que se faça para lembrar às pessoas da necessidade básica do ser humano, das sociedades e dos mundos, será pouco.

-Dos mundos?

-Um mundo apenas sobreviverá se reconhecer no amor a sua salvação. Enquanto a humanidade de um planeta não considerar o amor como o fundamento de sua civilização, está correndo o perigo de se destruir, porque existe

confusão e rivalidade. Isso está acontecendo em seus mundos. Daí, suas missões serem tão importantes. Na verdade, nesses momentos críticos, não existe trabalho mais sério que o de contribuir para salvar a humanidade.

Capítulo 16

Os pais de Ami

Uma menininha sorridente de uns oito anos de idade apareceu numa tela e olhou-nos carinhosamente.

Ami murmurou umas palavras em seu idioma que parecia consistir unicamente de variações de sopros, cicios e sussurros muito suaves. A menina da tela respondeu da mesma forma. Pelo fone tradutor, chegou-nos o significado do diálogo:

-Alô, mamãe -disse Ami, para nossa surpresa.

-Que bom que você voltou, filho. Acabei de preparar um bolo de cereais. Venha com seus amiguinhos. De onde eles vêm?

-Vêm de mundos incivilizados. Procuram adquirir o nível necessário para ingressar na Fraternidade.

Participam do plano de ajuda. Esta é Vinka.

-Alô, Vinka -saudou a menina que, pelo que parecia, era a mãe de Ami.

-E este é Pedrinho.

-Alô, Pedrinho. Hummm. Vejo que você e Vinka são almas gêmeas. Apesar disso, vêm de mundos diferentes. Como isso é possível, filho?

-Participam da missão de ajuda aos dois planetas de onde eles vêm, mas são oiginários de mundos da Fraternidade.

-Então, deve ser muito duro para eles ficarem separados. São tão jovens... -disse, olhando-nos com ternura. Era estranho ouvir uma menina dizendo isso.

Ami observou sua mãe, em silêncio. Sabia que se comunicavam telepaticamente. A menina pareceu ter compreendido algo, porque disse:

-Lutem, meninos. Lutem para levar a paz, a união e o amor a seus mundos. Terão muitas dificuldades e

incompreensões, mas o maior poder do universo estará a seu lado. No final, a semente brotará, trazendo a paz e a união. Procurem lembrar-se de onde estão e a razão para estarem nesse lugar. Tentem recordar-se de onde vocês vêm. Evitem que suas almas se inclinem para o transitório. Em seus mundos reina a ilusão, a mentira. Mantenham-se no real, na verdade, no amor. Sejam inocentes como crianças, mas não incautos, senão precavidos. Deverão manter um difícil equilíbrio entre a inocência e a cautela, entre a paz e a autodefesa. Que a maldade não os faça perder seu espírito infantil, porque só assim poderão salvar a si mesmos e às suas humanidades. Que a sua natural inocência não os faça fechar os olhos à maldade que os rodeia, para que não sejam enganados e debilitados. Mantenham-se no equilíbrio salvador: "os pés na terra, o olhar no alto e o coração no amor". Esta é a fórmula.

-Suficiente para hoje -disse Ami com bom humor-. Se você continua a dar-lhes conselhos, só conseguirá que esqueçam tudo. Não os intoxique com dados.

-Estas crianças me entusiasmaram. É muito bonito poder servir a tantos milhões de almas que se encontram na escuridão. Têm um grande privilégio!

-Sim, mas lembre-se dos mundos incivilizados: insetos, serpentes, aranhas e mambachas... não, estas pertencem a mundos pré-históricos. Recorde-se da tortura, dos fusis e das metralhadoras, da energia atômica destruindo seres humanos, violentando a natureza; da contaminação, dos que morrem de fome, dos adormecidos, dos grandes intelectuais ignorantes do amor.

-E os térri -disse Vinka, com desagrado. Para ela, todo o mal da existência se resumia nesse povo.

-Quem são os térri?

-São os que freiam o processo evolutivo de Kia. Seres equivalentes aos térri existem em todos os planetas incivilizados -explicou Ami-. Apesar de que nem todos os térri são térri...

-Sim. Já me lembro deles. Também de tudo o que você mencionou antes. Ainda assim, é maravilhoso dedicar uma encarnação ao serviço, onde se é tão necessário.

-Mas lembre-se de que, nessa encarnação de serviço, chega-se esquecido de tudo, inclusive da importância do amor. Além disso, quando crianças, eles recebem ensinamentos errados, maus hábitos, superstições. Tudo isso são obstáculos capazes de fazer as pessoas caírem no fundo do poço. É uma missão perigosa.

-Você tem razão, filho. É uma missão perigosa se não se conta com a devida força, por isso vocês devem se cuidar muito. Ajam sempre guiados pelo amor e não poderão extraviar-se.

Ami quis passar para outro assunto:

-Bem, já conheceram minha mãe.

Ela parece realmente uma menina mas, quando fala, percebe-se que não é... -expressou Vinka.

-Não se deixem guiar pelas aparências. Querem conhecer meu pai?

-Claro que sim -dissemos, esperando ver outro menino como Ami.

-Quero ver se consigo localizá-lo pela tela. Você o tem visto ultimamente, mãe?

-Sim, todas as noites comunica-se comigo. Está em Kyria experimentando um novo condensador de ondas cerebrais.

-Então deve estar no laboratório. Meu pai é um cientista -explicou-nos.

-Todos somos "cientistas" -corrigiu a mãe de nosso amigo-. Também vocês: praticam e estudam a ciência de viver.

-Alô, papai -disse Ami a um homem que apareceu numa tela lateral. Pensamos que era uma piada, porque o indivíduo pertencia a uma espécie humana absolutamente diferente à de Ami e de sua mãe. Era uma adulto pálido e sem cabelos. Tinha um grande crânio e o olhar muito penetrante.

-Como vai, filho? Humm... esses seus amiguinhos pertencem a mundos do terceiro nível. A menina, com certeza, é proveniente do segundo planeta de Borboleta Cristalina, o menino é do terceiro planeta de Águia Dourada.

-Você tem razão, pai.

-Meu mundo se chama Terra e o nosso sol não se chama Águia Dourada...

-Na Fraternidade, nós catalogamos cada objeto celeste com um nome e com um código especial -explicou o pai de Ami.

-Não confunda nossos amigos, velho. Minha mãe já os confundiu bastante.

-Acho que não será um problema para eles saberem que cada objeto e cada ser humano estão catalogados com um código e um nome...

Vinka não ocultou sua surpresa.

-Cada ser humano!

-Já lhes falei de um "computador gigante" localizado no centro da galáxia -disse Ami.

-Sim, e você também disse que sabia tudo.

-Algo assim. Uma outra razão pela qual a Fraternidade está sempre observando os mundos incivilizados consiste em colecionar dados para o "computador gigante".

-Então, estamos todos "fichados" -deduzi.

-"Até os cabelos estão contados", mas isso não é uma vigilância estilo policial. É uma proteção. Nós os observamos como um irmão maior observa seu irmão menor.

-Pensava que Deus fazia tudo -disse Vinka.

-Deus não faz nada -manifestou o pai de Ami.

Achei esta declaração uma heresia. Ami se divertia observando nossas reações. Depois de rir um pouco, disse:

-Se um lavrador deseja uma boa colheita, mas não semeia a terra, não a regra e nem a fertiliza, por mais que reze, obterá alguma colheita?

-Bem, neste caso não; mas a gente sempre espera a ajuda de Deus...

-Se você jogar uma pedra para cima, ela cairá, mesmo que peça a ajuda divina.

O homem da tela interferiu:

-Se você semeia flores, vai obter flores. Se semeia espinhos, vai obter espinhos.

-Então -perguntei- o que Deus faz?

O menino de Boneca Galática explicou:

-Desenha todo o jogo cósmico, com as leis que o regem e coloca a energia fundamental -o seu Espírito de Amor- em todas as coisas e em todas as almas. Daí em diante, somos nós que atuamos e não Ele.

-Por que Deus permite as guerras e a injustiça? -perguntou Vinka.

-Não é Deus que permite -respondeu Ami.

-Quem é então?

-Vocês mesmos criam e permitem as guerras e a injustiça.

Tentei buscar mil objeções para esta afirmação, mas não encontrei nenhuma. Ele tinha razão. Tantas vezes escutei em meu mundo esta pergunta. Alguns respondiam "castigo divino". A explicação de Ami me pareceu a mais certa, sobretudo depois de ter esclarecido que Deus não faz nada, que somos nós que devemos agir.

Vinka perguntou algo que despertou a minha curiosidade:

-Como é possível que ele seja seu pai? Vocês parecem pertencer a mundos diferentes.

-Você tem razão. Eu nasci aqui, meu pai nasceu em Kyria.

-Então, é um casamento entre seres de mundos diferentes.

-Errado. O que observam em meu pai é sua nova encarnação. Pouco depois de meu nascimento, ele estava pronto para nascer em Kyria. Deixou o velho corpo, nasceu, cresceu e, agora, é um cientista. Nós estabelecemos contato como você pode ver. Desta vez meu pai é bastante mais jovem do que eu...

-E do que eu -disse a mãe de Ami-. Ainda não me acostumei a vê-lo com essa aparência de Kyriano apesar de que, no fundo, seja o mesmo.

Vinka perguntou se tinham se casado novamente com outras pessoas. Ambos, um em cada tela, estranharam muito a pergunta da menina. Olharam para o nosso amigo como que pedindo uma explicação.

Este, como de costume, voltou a rir.

-Vocês se esquecem de que nos mundos inferiores é raro que os casamentos se realizem entre almas gêmeas. Por isso, lá, é muito normal se falar em separações, enganos, ou casar-se com várias pessoas durante a vida. Elas nem sequer sabem o que acontece quando duas almas complementares se encontram.

-O que acontece neste caso? -perguntei.

-Não podem unir-se a outras pessoas.

-Por quê? Alguma lei proíbe?

-Sim, a Lei do amor, mas não é algo imposto. É que simplesmente não se pode substituir a alma gêmea por nenhuma outra, no universo todo.

Vinka me olhou. Estávamos plenamente de acordo.

O pai de Ami olhou de sua tela para a outra, na que estava a imagem da mãe de nosso amigo.

-A propósito, quando é que você vai aparecer em Kyria? Todos os dias estamos unidos em espírito, mas gostaria de estar também em forma física. Formar uma família, ter você a meu lado todo o tempo. -Sua voz era carinhosa e seu olhar irradiava ternura.

-Você sabe que não quero nada mais que isto: estar de novo com você, mas ainda não consegui adaptar minha alma ao nível necessário para encarnar em Kyria. Se deixar este corpo agora, talvez não possa ficar ao seu lado, por isso estou constantemente praticando os exercícios que me permitirão chegar em Kyria.

Acho que falta muito pouco, mas já deixei de me submeter ao rejuvenescimento celular. Devemos ter

paciência.

O diálogo continuou assim por alguns minutos. Ambos manifestavam seu amor de forma muito aberta e me senti constrangido por estar participando de uma conversa tão íntima. Olhei para o chão sentindo-me um intruso. Vinka estava tão maravilhada que lágrimas saltaram de seus olhos. Olhou-me e senti uma grande emoção. Compreendi os pais de Ami. Notei que algo muito sólido, maravilhoso e profundo também nos estava unindo.

-Isso significa que são seres complementares -disse Ami, ao captar o que nos estava sucedendo.

-O que você quer dizer? -perguntei.

-Que ela tem o que falta em você e você o que falta nela. Unidos formam um ser humano completo.

-O que é que eu proporciono à Vinka?

-Você ativa nela o intelecto, ela conecta você com a emoção... o tempo acabou. Devemos ir.

-Mas gostaríamos de conhecer seu mundo...

-Já viram alguns lugares da sua parte exterior. Conheceram meus pais e meu povo. Lembrem-se de que sua gente os espera.

-O que você quis dizer com "parte exterior"? Por acaso existe outra?

Ami sorriu, depois disse:

-Na Terra, já viajam milhões de quilômetros em direção ao espaço, mas ainda não sabem o que acontece a poucos quilômetros debaixo de seus pés, dentro do planeta. A mesma coisa acontece com as pessoas: olham para fora delas mesmas e nunca para o seu interior. Sempre são "os outros" os culpados ou os causadores do que lhes acontece. Ignoram o ser interno. A este nunca prestam atenção; apesar disso, é ele quem vai tecendo os seus destinos. Outro dia lhes falarei sobre isso. Por enquanto, seus mundos estão a ponto de se arrebentarem para sempre. A salvação de seus planetas é prioridade número um. Quando tudo lá estiver bem, quando as crianças tiverem pão e não forem

ameaçadas pela guerra, vocês terão tempo para penetrar nas profundidades do ser e dos cosmos, do espírito e da ciência. Por enquanto, o que já sabem é suficiente para construir um mundo mais humano. Negar esforços nesta luta, com qualquer desculpa, inclusive espiritual, tem algo de egoísmo e cumplicidade.

O pai de Ami, prestando atenção às palavras de seu filho, interferiu:

-Sim, porque "espiritual" refere-se ao ser interno que é todo amor e, como é amor, não permanece indiferente diante do sofrimento alheio.

-Por isso, espiritualidade significa simplesmente amor. Nos mundos incivilizados isso não é tão óbvio.

Muita gente pensa que espiritualidade significa complexos exercícios mentais e nada mais. Outros pensam que quer dizer retirar-se do mundo, castigar-se, purificar o corpo, viver rezando, ou ter alguma fé e nada mais. Quando não existe amor, tudo isso não vale nada. Se existe amor, este deve converter-se em ações de serviço desinteressado. Neste momento em que seus mundos correm o perigo de aniquilar-se, nenhum serviço pode ser mais útil que o de buscar a paz e a união.

Senti-me bem por ter o privilégio de estar em outro mundo, recebendo ensinamentos por parte de seres extraterrestres, por conhecer a Lei Fundamental do universo e por ser um missionário prestando serviço à Terra. O fato de estar ali, conversando com esses seres, fez-me sentir como um deles, quase tão evoluído.

Pensei no meu planeta, em meu primo e senti-me superior a ele. Pensava nisso quando Ami disse:

-No caminho do aperfeiçoamento, o último inimigo a vencer é o mais astuto de todos. É difícil descobri-lo, porque se disfarça como esse animalzinho da Terra, como se chama? Um que adquire a cor do lugar onde está.

-O camaleão -respondi.

-Este mesmo. O último defeito é como o camaleão. Seu nome é orgulho espiritual ou ego espiritual. Ataca exatamente quem se sente muito avançado no caminho. É difícil descobri-lo, mas existe uma fórmula.

-Qual é essa fórmula?

-Cada vez que você se descobrir menosprezando alguém por pensar que tem "pouca evolução espiritual", aí está. O ego espiritual faz com que nos sintamos muito evoluídos. Sutilmente nos leva a desprezar os demais. Mas o amor não despreza ninguém e deseja servir a todos. Esta é a diferença .

-Então, aqueles que têm muito ego espiritual são bastante desprezíveis -disse, lembrando-me de um colega do colégio que se julgava santo e criticava os que não iam muito à missa.

Ami riu por causa do que eu disse. Sua mãe sorriu, olhando-me com um pouco de ternura, mas nem eu nem Vinka soubemos o que houve de cômico em minhas palavras. O pai de Ami observava com seu olhar luminoso, mostrando-me simpatia.

Senti um pouco de vergonha.

-Que disse de errado?

-"São desprezíveis aqueles que desprezam". Isso é como dizer que se deve matar aqueles que matam, ou roubar aqueles que roubam; castigar com pobreza os pobres ou com ignorância os ignorantes...

Não consegui compreender com clareza o que ele quis me dizer.

-Pedrinho, o amor não pode desprezar ninguém, nem sequer aqueles que têm vaidade espiritual. O amor é compreensivo. Procura servir e não condenar. Como um pai não condena seu filho por seus pequenos erros. A vaidade espiritual é simplesmente um dos degraus que se deve superar para se chegar às "setecentas medidas". Por outro lado, que parte sua é essa que despreza o ego espiritual dos demais? Não é exatamente seu próprio ego espiritual? Se

em vez de condenar impurezas nos outros, você vê neles erros superáveis, então você está limpo; mas, enquanto tiver algo a condenar, estará sujo.

Vinka protestou:

-Mas os térri são realmente condenáveis. Nós, os swama, queremos viver em paz, mas eles, devido à sua ambição, violência e desonestidade, levaram Kia à beira da destruição. Isso é algo para aplaudir ou para condenar?

-Os térri, assim como aqueles que têm vaidade espiritual, estão num processo de aperfeiçoamento, mais acima ou mais abaixo. Todos somos estudantes na escola da vida. Não é condenando os erros do passado que se constrói um mundo novo e, sim, propondo soluções novas, boas para todos e lutando por torná-las realidade. Foi assim que se conseguiu a salvação de todos os mundos que ingressaram na Fraternidade. Mas, para Vinka, talvez seja mais convincente eliminar os térri de Kia. Não é verdade, amiguinha? -perguntou rindo Ami. Ela se envergonhou ao compreender que nosso amigo conhecia seus pensamentos mais íntimos.

-Essa é outra que deseja "olho por olho" -ria o menino das estrelas.

Vinka se defendeu:

-Enquanto existir um só térri, não poderemos construir um mundo em paz. Eles não o permitirão. Não se pode estabelecer um sistema baseado ne honestidade se existem pessoas desonestas.

O menino extraterrestre achava graça da veemência de Vinka e isto lhe provocou admiração. Estava tão bonita assim zangadinha...

-Kia está, assim como a Terra, a ponto de passar do terceiro ao quarto nível evolutivo -disse Ami.

O pai dele interferiu:

-Mundos do primeiro nível são os que não têm vida. Os do segundo nível têm vida, mas ainda não humana. No terceiro

nível evolutivo, aparece o homem. Neste nível estão os seus mundos.

-E qual é o quarto nível? -perguntei.

-Nesses mundos, a espécie humana se uniu e formou uma grande família que vive de acordo com os princípios universais. Nem todos os mundos conseguem passar por esta prova. Alguns se destroem na tentativa.

-Qual prova?

-Aquela que cada humanidade deve superar para ingressar no quarto nível evolutivo. As provas são feitas para que alguns as superem e outros fracassem. É uma seleção.

-O que tudo isso tem a ver com o que eu disse a respeito da impossibilidade de formar um mundo pacífico, com pessoas desonestas como os térri?

-Cada vez que um planeta tenta passar de um nível para outro se produzem fenômenos que antes não se conheciam -explicou Ami-. É como se o mundo inteiro se sacudisse e se espreguiçasse. Isto gera energias e vibrações novas, mais finas e elevadas. Estas radiações têm um duplo efeito. Alguns enlouquecem. Aqueles que estão em níveis evolutivos mais baixos terminam cometendo erros mortais. Assim os seres negativos vão se auto-eliminando. Para outros, em troca, estas novas energias permitem-lhes subir a um nível superior. É

assim que os planetas se desapegam das criaturas que já não lhes são úteis nem convenientes à sua evolução.

Como você pensa que os grandes répteis pré-históricos e as plantas carnívoras desapareceram de seu mundo?

Isto aconteceu quando apareceu o ser humano, quando se passou do segundo para o terceiro nível evolutivo.

A teoria diz que os mais fortes sobrevivem. Estes répteis eram os mais poderosos: apesar disso, desapareceram todos...

A explicação de Ami me deixou curioso.

-Por que desapareceram? Eram os mais fortes...

-Sim, em garras, músculos e presas. O ser humano, apesar de ser mais fraco fisicamente, é mais forte em inteligência. Sobreviveu o mais forte, o homem. Agora, o processo se repetirá, mas não será o músculo nem o intelecto o mais forte.

-O que será então?

-A força do espírito, o amor. Ao resto, acontecerá o mesmo que aos dinossauros... E, quando as forças pacíficas se unirem, construirão o poder mais sólido de seus mundos. Simplesmente porque não existe outro capaz de evitar o aniquilamento de suas civilizações. Não seja pessimista, Vinka. O amor triunfará, porque o amor é o maior poder do universo.

Capítulo 17

A revolta

Despedimo-nos muito afetuosamente dos pais de Ami, para empreender viagem não sabíamos para onde.

Quis conhecer a velocidade daquela nave, lembrando que a luz viaja a trezentos mil quilômetros por segundo.

-A que distância da Terra está Ofir?

-A uns oitocentos bilhões de quilômetros -respondeu Ami.

Tentei buscar uma fórmula para calcular a velocidade. Naquela viajem, havíamos demorado uns dez minutos, mas me confundi completamente com essas cifras tão grandes.

-Se você tenta calcular a velocidade em que nos movemos, perde seu tempo. Nós nos "situamos"

instantaneamente.

-Apesar disso, ainda que em poucos minutos, levamos algum tempo para ir de um lugar a outro. Por que você diz que não demoramos nada?

-Não disse isso -respondeu rindo-. Mas sim, que nos "situamos" instantaneamente. O tempo que empregamos é utilizado pelos mecanismos desta nave em calcular a distância, a posição do lugar aonde queremos ir e a melhor forma de sair da dimensão "não espaço - não tempo" para depois aparecer no ponto desejado. Claro, tomando cuidado

para não passar na rota de um meteorito. Ha, ha! É mais ou menos como descer de um carrossel para chegar mais rápido ao cavalo situado do outro lado. Você espera que venha e depois sobe. De qualquer forma, isto é ainda mais rápido...

Vinka, mostrando pouco interesse no assunto, perguntou:

-Para onde você nos leva agora, Ami?

-Para sua casa, para Kia.

-Tão rápido! -perguntou alarmada. Senti um peso no estômago. Aquilo tinha algo de patíbulo, de hora fatal. Em poucos minutos, perderia uma companhia tão querida... uma parte de mim mesmo. Senti como se fossem me cortar um braço. Estava como alguém que passou frio durante muito tempo e, de repente, é convidado para tomar um chocolate quente numa casa aconchegante, com lareira e tudo. Quando começa a desfrutar da situação, é posto para fora!... Não ia permitir.

-Se Vinka ficar em Kia, eu também fico! -disse. Estava mesmo decidido a não me separar dela. Minha crise só serviu para provocar muito riso em nosso amigo.

Utilizou um tom paternalista de que eu não gostei nada:

-Pedrinho e Vinka, devem ir-se acostumando ao desapego. A vida não é como nós queremos, conforme nosso eu superficial deseja e, sim, de acordo com nosso ser interno que está em perfeita harmonia com Deus.

-Em mim existe um só eu: eu! -concluí desafiante-. Não vou separar-me de Vinka só porque um menininho menor do que eu me ordena. Você pode ser grande em outro mundo, grande piloto de naves espaciais, mas é menor do que eu. Eu mando em minha vida e eu fico com Vinka. E se eu não ficar em Kia, ela virá comigo para a Terra. Não é verdade, Vinka?

-Verdade, Pedro -disse, com muita força-. É isso mesmo! Continuaremos juntos e nenhum menininho de mamadeira vai impedir-nos...

Olhou-nos com olhos grandes e serenos. Em seus lábios se insinuou um sorriso. Disse depois:

-Pensei que os térri estavam em Kia...

Aquilo nos paralisou. Imediatamente compreendemos que estávamos agindo como os térri. Isso não era possível. Quando aliviei a tensão, olhei com vergonha para o chão. Pouco depois levantei os olhos.

Ami já não era Ami. Tinha se transformado num ser luminoso, de uma pureza maravilhosa.

Senti-me sujo, inseto e micróbio. Baixei o olhar, incapaz de suportar a força daqueles olhos cheios de luz.

Ami tinha se transfigurado, tinha tirado a máscara que o fazia parecer um menino normal, mostrando o verdadeiro Ami: um ser resplandecente, divino talvez...

Vinka soluçava a meu lado. Ela também não foi capaz de levantar a vista. Tinha acontecido com ela o mesmo que a mim.

-Por que você nunca se mostrou como era realmente? -perguntei. Olhava para o chão, procurando em vão justificar a minha indigna atitude.

A risada de Ami diminuiu o tom dramático da situação.

-Não sei de que você está falando. Olhe-me. Diga se vê algo estranho em mim.

Lentamente e com grande temor, levantamos o olhar. Ali estava ele, sorrindo com naturalidade. Já não era aquele menino resplandecente. Era simplesmente Ami, o nosso amiguinho espacial. Mas já não era o mesmo. Ainda permanecia a lembrança do "outro", aquele ser de características extraordinárias.

Vinka tentou ajoelhar-se diante dele.

-Cuidado com idolatria! -exclamou rindo, enquanto a impedia de cometer tal pecado.

-Só podemos nos ajoelhar diante de Deus, nunca diante de um irmão, ainda que seja maior. E como Deus não é visível aos olhos, somente na intimidade, na solidão da comunicação interior, na meditação ou na oração, podemos ajoelharnos diante de sua presença invisível. Venham. Quero

que conheçam outro recinto desta nave. Ali poderão comunicar-se com a Divindade Suprema.

Guiou-nos até uma porta. Abriu-a. Era corrediça. A sala estava na penumbra, havia uma única luz muito pequena que brilhava no fundo. Entramos.

-Todas as nossas naves têm salas como estas, pequenas ou grandes. Depende da quantidade de pessoas para as quais a nave tenha sido construída.

Ami fechou a porta. Quando me acostumei à penumbra, observei quatro cadeiras apoiadas no chão por uma fina coluna, duas em cada lado da sala. No fundo, diante da pequena luz, avistei uma espécie de almofada comprida. Pareceu-me estar numa capela.

A voz de Ami adquiriu um tom mais solene:

-Podem ajoelhar no fundo. Se preferirem, podem permanecer sentados numa cadeira. Aqui meditamos ou oramos. O primeiro é melhor. Na oração somos dois. Na meditação somos um com a Divindade. Fundimo-nos nela.

Preferimos ajoelhar-nos. Acho que precisávamos disso. Quando nos instalamos na almofada, Ami acionou alguma coisa. O recinto iluminou-se suavemente com as cores mais maravilhosas que se possa imaginar: uma enorme variedade de tons rosados, dourados, lilases e violetas dançavam nas paredes, misturando-se. Tive a impressão de estar em outra dimensão. Vinka observava com um sorriso de encanto nos lábios. Pouco a pouco, a influência das cores me fez sentir um pouco estranho, veio-me um desejo de me refugiar dentro de mim mesmo, de fechar os olhos e entregar-me a uma Presença que comecei a sentir: algo muito grande e belo. Não soube se dentro ou fora de mim...

Talvez o último pensamento que tive foi o de perceber que estava numa nave cósmica, fora do espaço e do tempo, perdido no universo mas, ao mesmo tempo, no centro dele, porque estava me comunicando com o coração da Criação. Mais adiante, não foram pensamentos que encheram a minha consciência, foram vivências que não passavam por

meu intelecto, mas que chegaram diretamente no mais profundo de meu ser.

Já não estava pensando, mas vivendo intensamente aquela experiência.

Uma luz dourada me envolveu. Esta luz era um ser. Senti-me grande, cada vez maior, infinito, eterno...

pura felicidade consciente. Nenhuma pergunta veio à minha mente, porque eu tinha todas as respostas...

Hoje não me lembro bem mas, naquele momento, eu sabia de tudo, do passado, do presente e do futuro: o meu e o do universo. Mais que isso: eu era o centro do cosmos. Estava no comando. De mim irradiavam as galáxias e as almas. Depois voltavam numa espécie de ritmo, de pulsação que parecia ser a minha respiração. No entanto, eu estava muito além disso. No meu centro, havia uma grande quietude cheia de felicidade, plenitude e sabedoria. Ali estava a minha paz... é muito difícil descrever, mas soube que tudo estava bem em todos os lugares, tudo perfeito, tudo maravilhoso. Inclusive o sofrimento, visto por outro prisma, estava bem: era ensinamento, purificação, conseqüência do erro, fortalecimento. Pude compreender que o sofrimento é causado pelo esquecimento, o esquecimento... de quê? Não soube a resposta. Minha consciência estava voltando a seu nível normal. Entrou em jogo meu intelecto comum com suas perguntas.

Aí perdi as respostas...

O esquecimento de quê? Senti meu corpo, meus joelhos pesados sobre a almofada. Uma parte minha não queria voltar a esse pequeno corpo, mas a outra me impulsionava a fazê-lo. Queria deixar de estar ali e voltar "ao comando", a esse ponto central cheio de sabedoria ilimitada, para obter a resposta. O sofrimento é causado pelo esquecimento de... de quê?

Conseguia, por instantes, repetir a experiência, mas uma força me tirava dali, devolvendo-me à nave e ao meu corpo pesado.

"Lembre-se de sua missão", parecia dizer uma voz. "Sua missão é embaixo". Eu sabia, mas não queria lembrar. Rebelava-me. Queria subir. "Para subir é necessário primeiro descer", dizia a voz interior.

Não conseguia lembrar qual era o esquecimento que produzia o sofrimento.

-O esquecimento do verdadeiro eu, do ser interior -disse Ami, junto a mim.

Era a resposta de que necessitava. Isso conseguiu fazer com que eu voltasse definitivamente à nave e ao meu corpo.

Quando abri os olhos, maravilhosas cores haviam desaparecido. Unicamente permanecia a pequena luz diante de meus olhos. Vinka me esperava de pé ao lado do menino das estrelas, com os olhos úmidos de emoção.

Pouco a pouco, fui me adaptando à minha realidade e à minha ignorância habitual, com meus erros de sempre.

-O esquecimento do ser interior -disse eu, tentando reter o sentido destas palavras que começavam a perder o significado para mim.

-Esta é a causa que nos faz cometer erros -disse Ami-. Depois, pagamos nossos erros com sofrimento.

-Não compreendo... qual é meu ser interior?

-A Divindade -respondeu, ajudando-me a levantar.

Enquanto saíamos daquela capela espacial, tentei lembrar o que havia vivido, o ponto central da felicidade e sabedoria ilimitadas.

-Isso mesmo. Tente não esquecer jamais. Este é o ser interior. Se você pudesse agir, usando sempre essa parte de você mesmo, não cometeria erros, portanto, não sofreria.

-Você tem razão, Ami. Experimentei algo onde eu era pura sabedoria.

-Onde eu era puro amor -disse Vinka, com emoção.

-Sabedoria e amor. Estão vendo? Por isso são um casal complementar. Cada um de vocês manifesta uma parte da Divindade.

Ami dirigiu-se aos controles da nave.

-Olhem. Já estamos chegando em Kia. Espero que não fiquem mais revoltados. Ha,ha,ha!...

Suas palavras fizeram-nos lembrar do ser resplandecente.

-Explique-nos, por favor, como se produziu a sua mudança?

-A maior mudança se produziu em vocês. Conseguiram ver, durante um instante, as coisas como são, além das aparências. Todos somos algo mais do que aparentamos, todos somos seres luminosos. Mas, somente em certos momentos, podemos captar a nossa verdadeira dimensão ou a dos demais. Como estavam agindo muito mal, seus seres interiores lhes fizeram ver que procediam de forma errada. Vocês somente queriam defender seu amor, não se separarem. O amor é uma das maiores causas de violência...

Vinka e eu nos olhamos confusos diante de uma afirmação aparentemente absurda.

-Por amor, a loba vira uma fera diante de quem pode atacar seu filhote. Por amor aos seus, os homens costumam ser cruéis e egoístas para com os demais. Por esse tipo de amor, surgem guerras e por elas seus mundos estão em perigo.

-É um falso amor -disse eu, pensando ter compreendido.

-Não é falso: é amor, num grau menor. Nós o chamamos apego. Por apego se rouba, se mente e se mata.

Querer sobreviver é uma forma de amor, mas somente amor para com sigo mesmo, para com o pequeno grupo familiar, para com o grupo ao qual cada um pertence. Lamentavelmente, essa batalha, travada por muitos, é que os leva a perder a própria vida... estas são as conseqüências do apego exagerado.

-Você tem razão, Ami -disse Vinka, pensativa-. Acho mesmo que os térri agem motivados por este tipo de amor e não por maldade.

-Excelente, Vinka! É essa compreensão que pode mudar as coisas.

-Lamentavelmente, a luta entre os térri wacos e os térri zumbos colocou em perigo um povo, os swama.

-Existe um só povo em Kia: aquele que é formado pelos térri e swamas. Esse é seu povo.

Para Vinka, essa idéia era nova demais. Eu a compreendi.

-É natural que se incline pelos swanas: é seu povo...

-Outra vez o amor inferior, o apego. O próprio grupo contra os demais. O apego é amor limitado, mas o verdadeiro amor não tem limites. Até agora, os povos de seus mundos sobreviveram por meio do apego.

Agora, tentam passar do terceiro ao quarto nível evolutivo. Se querem sobreviver, devem deixar o apego de lado e guiar-se pelo verdadeiro amor. De outro modo se destruirão sem remédio. Esta é a Lei Universal. O

apego funciona mais ou menos bem nos mundos divididos, mas somente enquanto essa divisão não coloca em perigo a humanidade inteira, enquanto o nível científico não é muito alto. Depois, como no caso de seus mundos, ou deixam de lado o egoísmo ou se destroem. Não é possível construir um mundo justo e pacífico, sem renunciar a esse amor desequilibrado e egoísta que é o apego.

-Por que é desequilibrado?

-Porque há dois tipos de amor: para consigo mesmo e para com os demais. É como a respiração: o ar vem e vai. Quando existe apego, inspira-se mais do que se expira: "tudo para mim", para minha família, para o meu grupo; menos para os demais. Isso não é equilíbrio.

-Ama ao próximo como a ti mesmo -disse, repetindo uma das aulas de religião.

-Isso foi dito pelo Justo. Como é que você sabe? -perguntou Vinka.

-Quem é o Justo? -perguntei.

-Um grande Mestre da história de Kia.

-Esta é uma Lei Universal, é o que estou tentando explicar-lhes. É o verdadeiro amor, o equilibrado.

Sempre na mesma medida, para que não haja desequilíbrio.

Perguntei o que acontece quando existe mais amor para com os demais e menos para consigo mesmo.

-Também aí existe desequilíbrio. É como soprar todo o ar sem inspirar. Em poucos minutos, você fica duro...

-Equilíbrio parece ser uma palavra muito importante -disse Vinka.

-Ame os térri tanto quanto os swama -expressou Ami, sorrindo.

-Tentarei. Realmente tentarei.

Os controles indicavam que a nave não era visível para os olhos dos habitantes de Kia. Nós nos encontrávamos suspensos nos arredores de uma cidade muito parecida a qualquer uma da Terra. Não quis observar. Aproximava-se o momento da separação. "Quem sabe até quando", pensei com tristeza, com o peito oprimido.

-Até que você termine o próximo livro -disse Ami-. Poderia chamar-se "Ami volta de novo".

-Você pode ter muitos conhecimentos e poderes -disse eu- mas pelo visto, a gramática não é o seu forte.

-Por quê, Pedrinho?

-Porque, se você diz "volta", não precisa dizer "de novo". Isso já está subentendido. É suficiente dizer, por exemplo: "A Volta de Ami".

-Você tem razão. A linguagem não é o meu forte. Isso é porque nós praticamente não a utilizamos.

Preferimos a telepatia. É mais segura e exata.

-Mas você conversava com seus pais...

-Sim, por cortesia a vocês. Quando chega uma visita que não fala nosso idioma, devemos utilizar a linguagem da visita, se é que a conhecemos.

Hoje, não sei como me recordo desses detalhes da conversa porque, na época, a minha atenção estava colocada na triste despedida. Mas, à medida que vou

ditando para Victor, as lembranças chegam: Ami disse que estaria me ajudando telepaticamente...

Capítulo 18

Armas caras

-Esperam-na lá embaixo, Vinka. É a sua família -disse Ami.

-Minha família me importa menos que Pedrinho -disse, enquanto nos segurávamos as mãos.

-Não me refiro à sua pequena família, mas à grande: a humanidade de Kia. Lembre-se de sua missão, do compromisso que firmou antes de vir a este mundo. Se pessoas como você não divulgam as boas notícias a respeito de nossa presença em um plano cósmico e divino, motivado pelo amor, continuarão pensando que somos monstros invasores e nós sofremos, porque a nossa presença vai provocar terror e infartos. E se ninguém contribui para semear amor, como evitarão a destruição?

-Você tem razão, Ami, mas meu novo laço com Pedrinho...

-Não é novo: é eterno. Vocês têm a eternidade para realizá-lo. Por enquanto, devem cumprir com seus compromissos; mais tarde voltarão a ver-se.

-Em outra encarnação, com certeza -disse, bastante pessimista e deprimido.

-Já lhes disse que quando tiverem escrito o próximo livro. Ou pensam que sou mentiroso?

Nós nos olhamos com um brilho no olhar.

-De verdade?

-Claro. Um dia vou buscar você. Viremos até Kia, pegaremos Vinka e iremos conhecer coisas das quais nem sequer suspeitam...

-Que coisas? Diga, por favor -disse Vinka impaciente.

-Bem, conhecerão um planeta habitado em seu exterior por uma civilização do terceiro nível, assim como na Terra ou Kia e, por dentro, uma civilização do quarto nível. A primeira não sabe que a segunda existe...

-Que fantástico! -As promessas de Ami nos faziam esquecer a separação que deveríamos suportar.

-Que mais você vai nos mostrar?

-Uma civilização debaixo do mar. Também um mundo artificial, construído por seres humanos. Isso é algo que nem imaginam.

Nossas bocas abertas provocaram o riso de nosso anfitrião.

-Existem milhões desses mundos pelo universo. Essa é a forma superior de civilização. São, na verdade, gigantescas naves...

Depois de meditar um pouco, disse:

-Pensava que viver em contacto com a natureza era uma forma superior de civilização; mas você diz que algo artificial é...

-Tudo o que o ser humano cria ou realiza em harmonia com a Lei do amor é natural. Quando o homem atua em hamonia com os princípios eternos, o universo inteiro é seu patrimônio e pode dispor dele para sua felicidade, utilizando toda a imaginação e tecnologia de que seja capaz. Isso acontece também com cada pessoa: o que a alma imagina, ela pode e deve realizar, com esforço, constância e fé... Mas vocês nem sequer sonham em eliminar as armas que pagam com fome e sofrimento. Sabem quanto dinheiro se gasta em seus mundos, com armas, em apenas quinze dias?

-Não tenho a mínima idéia -respondi.

-Dinheiro suficiente para alimentar a metade da população mundial durante... sabem quanto tempo?

Tentei calcular. Quinze dias se gasta em armas o dinheiro suficiente para alimentar a metade das pessoas da Terra durante uns... bem... tantas bocas. Não soube.

-Penso que durante um tempo igual. Se não se gastasse dinheiro com armas durante quinze dias, poderiam comer durante esse tempo... Se não gastasse dinheiro com armas ninguém passaria fome! -disse Vinka.

-Você se engana. Em quinze dias vocês gastam dinheiro suficiente para alimentar a metade da população mundial durante dez anos!... Somente em gastos de guerra.

-Não pode ser! -dissemos alarmados e indignados.- Somente em armas?

-Em tudo o que significa guerra: armas, invenções de novas armas, artefatos de guerra e tudo isso. É

ainda mais, porque muitos dos grandes gastos, disfarçados de "projetos científicos", estão destinados, no final, a tentar dominar o inimigo. Se não gastassem dinheiro em armas, não haveria ninguém com fome.

Viveriam todos como ricos, todos! Ninguém passaria fome ou frio. Os hospitais seriam suficientes e cômodos. Não existiriam países pobres e países ricos. Todos seriam como reis. Além disso, poderiam dormir em paz, sem temer um futuro horrível para seus filhos.

-Então, vou propor que meu país não tenha armas -disse Vinka.

-Isso ainda não pode ser. A solução consiste em que todos os países, de comum acordo, decidam unir-se pacificamente. Para isso é necessário ir mostrando esse grande ideal. Que seja um sonho que cresce e cresce ainda que, por enquanto, existam obstáculos. Os países ricos alimentam-se dos países pobres e...

-Deus não pode continuar permitindo algo tão ruim -disse Vinka, com fervor.

-Basta de dizer que Deus fará as coisas! Deus é amor. O amor habita em seus corações. Este amor é que se encarregará de tentar endireitar seus mundos, mas vocês mesmos devem fazê-lo e pelos maios mais pacíficos. Trata-se mais de ensinar do que impor; de tentar mostrar um caminho para que, depois, pacificamente e de comum acordo, todos o sigam. Não é questão de esperar que Deus ou outros o façam e, sim, de atuar. Esperando, a única coisa que pode acontecer é que vai chegar alguém que apertará o botão...

-E se isso acontecer, vocês não o paralisariam com um raio, para que não apertasse o botão?

-Se vocês o permitirem, vocês o merecerão. Nós não podemos interferir. Somente podemos resgatar os pacíficos: unicamente aqueles que servem, aqueles que tentam fazer algo para difundir e irradiar unidade, paz e amor. Nestes momentos críticos, estas são as maiores necessidades.

-Então, trabalhar em outra coisa, como aumentar a quantidade de alimentos, por exemplo, não é útil?

-Tudo é necessário, mas tudo tem seu momento. Se seu filho está com fome, a primeira coisa que você deve fazer é procurar-lhe alimento mas, se além de ter fome, está a ponto de cair num precipício, qual é a primeira coisa que você deve fazer? Alimentá-lo ou salvá-lo do precipício?

-Salvá-lo do precipício, claro.

-Assim estão as coisas em seus mundos. A criança precisa de alimento e agasalho. Também necessita de cultura, arte, ambiente agradável, atendimento médico, comodidade, sabedoria, afeto. Mas, se está a ponto de morrer, a primeira coisa de que precisa é que lhe salvem a vida. Quando a sua vida não estiver correndo perigo, poderão oferecer maravilhas a ela.

-Que possibilidades existem de que "a criança" não morra? -perguntei, sabendo que se estava falando da humanidade.

-Depende de vocês mesmos. Prossigamos com o exemplo da criança no precipício: vamos supor que seus três irmãozinhos consigam tocar nas suas roupas, mas não têm força suficiente para segurá-la. Que devem fazer?

-Bem, pedir ajuda, chamar os pais, os outros irmãos...

-Seus livros servem para isso. Falam da atenção e da ajuda. Mas, se alguma das três crianças se desanima e diz que tudo está perdido e se afasta, o que acontecerá?

-Talvez os outros dois se cansem, a criança escorregue e...

-Por isso, quanto mais pessoas se retirarem desse trabalho, maiores serão as possibilidades de um desastre...

Talvez a sua participação é que inclinará a balança para um ou outro lado. Talvez o seu mundo dependa de você, você que está lendo este livro: da sua ação dependerá a sorte do seu planeta.

(Ami nos pediu que escrevêssemos estas últimas palavras em nosso livro, exatamente assim. Disse que isso era um reflexo de um sistema superior. Não compreendi, mas escrevi exatamente como ele solicitou: como um chamado ao leitor).

-Vocês estão com fome? -perguntou Ami.

Aquilo nos pareceu quase um insulto: estávamos cheios de melancolia.

-Então precisam de uma "carga de baterias". Venham. Sentem-se.

Na base do nosso pescoço, colocou o aparelho que produzia o efeito das oito horas de sono, em somente quinze segundos. Quando acordei, estava tudo bem. Não havia tristeza em mim. Mas, pouco a pouco, fui me lembrando da separação, apesar de agora já não me afetava tanto.

-Quando os vir novamente, eu lhes contarei a respeito de muitas coisas.

Vinka me olhou com uma terna tristeza.

Depois olhou para Ami e disse:

-O principal motivo para eu esperar o seu regresso, não são os novos conhecimentos ou as visitas a outros mundos, mas voltar a ver Pedrinho. -Veio até mim e demos as mãos.

-Vocês fazem muito "barulho" -disse Ami, levantando-se-. Vou meditar uns minutos para aliviar a cabeça. Vocês dispõem desse tempo para se despedirem sem se lamentar, sem rasgar as roupas, sem arranhar o chão e sem se revoltar. Depois de toda essa bobagem inútil, Vinka desce e Pedrinho volta para a Terra. -E

fechou-se no recinto para meditar.

Apesar da tristeza, não conseguimos deixar de sorrir ao ouvir as palavras de Ami...

A Despedida

Esta última parte é muito íntima e triste para mim. Prefiro não entrar em detalhes. Desculpem-me. Peço sua compreensão. Se estes livros fossem lidos somente por nós, as crianças, não haveria problema. A gente nunca sabe quando pode aparecer um adulto perdido nas sombras, acordado em horas inconvenientes que vem criticar a possibilidade de que existam seres extraterrestres bons e pacíficos com a intenção de lutar por um mundo unido, justo e pacífico. Se lhes é dito que o amor é a Lei Fundamental do universo, dobram-se de tanto rir. É preferível não falar de coisas profundas perto deles, como a verdade e os sentimentos. Um antigo provérbio chinês que li num livro de Victor, não sei se me lembro bem, dizia mais ou menos assim:

"Quando se fala de amor a um adulto,
ele dá gargalhadas.
E se não dá gargalhadas
é porque não se falou do verdadeiro amor."

Vinka foi embora. Eu me senti só, apesar de que, à noite, antes de dormir, fecho os olhos, acalmo a minha mente. Depois de alguns minutos, parece que ela entra em mim. Bem, coisas de crianças...

Durante a viagem de regresso a Terra, Ami quis me mostrar imagens do passado: Jesus em ação, Júlio César e não me lembro de que mais. Inclusive, procurou me seduzir com visões de mim mesmo, quando era bebê, mas nada me interessou. Fechei-me na sala de meditação. Permaneci ali até que Ami foi me buscar.

-Já chegamos no mundo que estamos preparando para acolher os resgatados, no caso de produzir-se a destruição da Terra. Venha ver.

Mais por educação que por curiosidade, fui olhar. Estávamos sobre a praia do balneário. Amanhecia.

-Isto é a Terra! -exclamei, sem compreender.

-Claro. Este é o planeta que acolherá os sobreviventes.

-Mas... eu pensei que seria outro mundo...

-E será outro mundo: em paz, justiça e amor. Se a destruição se produzir, nós evitaremos que seja total.

Resgataremos aqueles que merecem, antes de se produzirem as grandes tragédias. Depois, limparemos o planeta de toda contaminação e impureza. E instalaremos ali os resgatados, para que possam construir um mundo marailhoso. Entretanto é preferível que isso aconteça sem nenhuma destruição...

-Você disse que estavam preparando outro planeta para este caso...

-Não disse outro. Falei de um mundo, mas não disse seu nome. É este. Os trabalhos geológicos que você presenciou também fazem parte desta preparação que estamos efetuando. Levante esse ânimo! Não haverá destruição total do planeta Terra.

Aquilo nem me alegrou, nem me entristeceu: pensava somente em Vinka.

Ami tentava parecer otimista para me contagiar com seu bom humor.

-Então, na próxima viagem, vou mostrar-lhe essa imagem: Pedrinho com fraldas! Imagine como Vinka vai dar risada!

Pedi que desculpasse o meu desânimo. Ele disse que isso era pura bobagem, que já ia passar, mas que me compreendia.

A porta se abriu, apareceu a luz amarela. Nós nos abraçamos com muita força. Disse adeus. Entrei no resplendor que me levaria à praia.

-Adeus, não: até logo. -Escutei a sua voz alentadora, enquanto descia.

Como da vez anterior, cheguei na areia e olhei para cima e não havia nada no céu. O "ovni" estava invisível. Neste momento, escutei uma grande barulheira na barraca de Victor.

-Que diabos está acontecendo?... Ahhhhh!

Meu primo apareceu pela abertura e saiu correndo desesperadamente. Um pouco adiante parou. Aquilo me fez voltar rapidamente à realidade.

-Que aconteceu, Victor?

-Pedro, lá dentro tem um enorme... -coçou a cabeça.

-Que é, Victor?

-Um... elefante.

-Quê? Um elefante?! isso é impossível. Nessa barraquinha?

-Mas está aí. É enorme. De repente, acordei e senti a sua imensa pata em cima do meu peito. Por sorte, consegui escapar...

Compreendi o que havia acontecido: Ami utilizou hipnose à distância para brincar com Victor e me fazer sair da tristeza. Conseguiu, um pouco. Bem decidido entrei na barraca.

-Cuidado! Não faça isso!

Levantei a abertura da entrada: a barraca estava vazia.

-Veja, aqui não tem nada. -Meu primo estava perplexo.

-Mmmm mas...

-Você estava sonhando.

Acendemos um fogo e preparamos o café da manhã.

-Por que você está tão estranho, tão triste? -perguntou-me. Ali mesmo, tive a idéia de como encerrar tal assunto para sempre.

-É que fui ver a pedra...

-Quando?

-Antes que você acordasse. Por isso você me viu fora da barraca. Vinha voltando.

-Você é um desobediente!... Bom, e aí?

-Por que você pensa que estou triste?

Que pensasse o que quisesse. Já não precisava convencer ninguém a respeito da realidade da existência de Ami. Minha própria fé seria suficiente dali em diante.

-Viu? Não lhe disse? Foi um sonho.

-Do mesmo jeito que seu elefante?

-Isso! Isso mesmo. Existem sonhos que parecem reais, mas são somente sonhos. Não é bom confundir imaginação com realidade.

Conclusão

"Não é bom confundir imaginação com realidade". Apesar disso, Ami disse: "Cada um vive no universo que é capaz de imaginar". Também me ensinou: "O que sua alma imagina, você pode e deve realizar, com esforço, constância e fé.

Em vez de acreditar num mundo regido pelas armas, acredito num mundo regido pelo amor. Se somos muitos os que sonhamos o mesmo sonho, isto será realidade um dia...

Deixemos os adultos com as suas armas e suas "fraudes". Nós, as crianças de coração, seremos como o besouro, esse bichinho gordo, pesado e de asas curtas. De acordo com as regras da aerodinâmica, não pode voar. "Cientificamente comprovado", mas como desconhece a opinião dos cientistas, ele vai e levanta vôo imprudentemente. E o faz como a melhor das abelhas...

Uma boa quantidade de "besouros" e a "criança" não cairá no precipício. Pelo menos, não na minha história.

Conclusão da Conclusão

(É preciso colocar nomes em tudo...)

Numa praia não muito distante, existe uma pedra enorme. No alto dessa pedra, um estranho poder gravou um coração alado. Diz-se que somente poderão encontrá-lo aqueles que têm alma limpa. Lamentavelmente, somente algumas crianças conseguiram localizá-lo, porque elas, além de serem mais leves e ágeis, são mais puras. Como essa pedra é o ponto de partida para um mundo maravilhoso (que é maravilhoso justamente pelo fato de que seus habitantes estão sempre fazendo com que ele seja maravilhoso mesmo), não se pode correr o risco de admitir que uma pessoa joge sujo e limpo ao mesmo tempo ou que adormeça e joge sujo também, porque isso provocaria a destruição deste nosso maravilhoso mundo.

Conclusão da Conclusão da Conclusão

Contam que um velhinho de olhar brincalhão conseguiu subir na pedra. Então, o povo do lugar observou estranhas luzes no céu noturno. No dia seguinte, viram-no partir rejuvenescido rumo a uma sombria e problemática cidade. Com seu passo decidido e alegre afastou-se murmurando algo a respeito de salvar uma criança...

Fim?...

Enquanto a humanidade continuar dividida
vivendo em injustiça
com a espada na mão
destruindo a sua herança
e distanciada do amor...
Não!

http://br.geocities.com/ami_missao/ami.html